

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**AS REVISTAS CIENTÍFICAS ELECTRÓNICAS
NAS BIBLIOTECAS DA ÁREA DA SAÚDE
EM PORTUGAL**



Elizabeth Jesus Sebastião

160 496

**Orientador
Professor Doutor José António Calixto**

**Dissertação de Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciências da
Informação, apresentada à Universidade de Évora.
Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.**

2006

Aos meus amores, Carlos e Jade

“Pensámos que podíamos fazê-lo. E depois pensámos que nunca conseguiríamos fazê-lo. E depois fizemo-lo.”

(Auster, 1998)

AGRADECIMENTOS

“A investigação científica pressupõe uma cadeia de solidariedade humana e é, ela própria, um acto solidário.”

(Azevedo, 2000)

Durante a realização deste estudo várias foram as pessoas que contribuíram de forma decisiva para que pudesse concluir este trabalho e a quem devo o meu mais sincero agradecimento.

Ao Professor Doutor José António Calixto, orientador desta tese. A sua frontalidade, firmeza e rigor profissional, foram decisivos e fizeram-me ir de encontro aos meus objectivos.

À Dra. Sofia Simões, colega e grande amiga, o meu muito obrigado. Agradeço o suporte técnico e emocional que me facultou durante todo este processo. Viva as conversas nos fins-de-semana acompanhadas de um bom *capuccino*!

À Dra. Paula Saraiva, agradeço a disponibilidade que sempre demonstrou em ajudar-me nas várias etapas da investigação de campo. A tua ajuda, amiga, foi valiosa.

À Dra. Sandrine Vandercamp, da Biblioteca da BAD, pela atenção e simpatia que me dispensou durante parte da minha pesquisa bibliográfica.

A todas as pessoas que colaboraram respondendo aos inquéritos, e uma palavra de agradecimento especial para as pessoas entrevistadas, que contribuíram em primeira instância para a viabilidade deste estudo.

Às minhas colegas de trabalho, Mónica, Maria da Luz, Cristina, Fátima e em particular à Custódia por terem vivido de perto todo o meu “thesis stress”, incentivando-me sempre a acreditar que era capaz.

À Orlanda, pela força e equilíbrio que sempre me transmitiu com as suas palavras, obrigada por existires.

À Zélia, minha “irmã”, pela sua crença infindável em mim, mostrando-me, sempre, o valor incalculável de uma verdadeira amizade, mesmo a grande distância.

Aos meus pais, pelo apoio e amor incondicional que sempre me demonstraram ao longo da minha vida e em momentos particulares como este, apesar dos 900 km que separam o Continente da Madeira. Obrigada pelos telefonemas pai.

Ao Carlos, o meu alfa e ómega, agradeço pela disponibilidade em me acompanhar às entrevistas realizadas no Norte, pela ajuda fundamental no tratamento dos dados dos inquéritos e entrevistas, pela companhia no sofá nas longas noites de redacção, mas acima de tudo, pela sua forma de me amar, pelo constante incentivo, apoio, compreensão e acompanhamento na realização de todos os meus sonhos.

RESUMO

As Revistas Científicas Electrónicas nas Bibliotecas da Área da Saúde em Portugal

A crescente predominância dos recursos electrónicos de acesso remoto em bibliotecas especializadas ligadas a áreas científicas de investigação, quer devido à evolução dos suportes tecnológicos quer devido à alteração do perfil e necessidades dos utilizadores, produtores e consumidores de informação, veio alterar o paradigma das bibliotecas tradicionais ao criar novos requisitos aos sistemas tecnológicos e de metadados e ao exigir novas competências aos profissionais da informação.

Este trabalho estuda o desenvolvimento das colecções das revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde, em Portugal, nos últimos dez anos, efectuando uma análise diacrónica e, simultaneamente, uma reflexão sobre o impacto destes recursos nos serviços de informação.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo baseia-se na aplicação da triangulação de dois métodos de investigação, o quantitativo e o qualitativo, sendo utilizados como instrumentos de recolha de dados na investigação de campo, o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista.

Os dados recolhidos e posteriormente analisados revelam que as revistas científicas electrónicas são, desde a década de 90 do século XX, um recurso disponível nas bibliotecas da área da saúde em Portugal, quer seja por aquisição quer seja por oferta dos editores na compra do formato impresso.

Apesar disso, o estudo indica que o número de bibliotecas que dispõem actualmente deste recurso é ainda pequeno, sendo o custo o principal motivo apontado como factor impeditivo da adesão de muitas bibliotecas a este novo método de apresentação e disseminação do conhecimento científico.

Os motivos apresentados para a decisão de constituição de colecções de revistas científicas electrónicas, normalmente em paralelo com as colecções de revistas científicas impressas, apontam no sentido das várias potencialidades da pesquisa, maior rapidez na recuperação da informação e possibilidade de simultaneidade no acesso.

Contudo, a gestão deste recurso electrónico veio trazer alguns problemas de ordem tecnológica, exigindo uma série de novas competências aos profissionais da informação e documentação até agora não requeridas, o que aponta para a necessidade de formação neste campo.

Com as bibliotecas da área da saúde a se transformarem cada vez mais em serviços híbridos, a coexistência de revistas científicas impressas e electrónicas levanta a questão de qual de entre os dois suportes persistirá. Os dados obtidos durante este estudo revelam que a existência de um suporte não significa necessariamente o desaparecimento do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Recurso electrónico / Revista científica / Biblioteca especializada / Biblioteca da saúde / Colecções

ABSTRACT

On-line Scientific Journals in Health and Medical Libraries in Portugal

Remote-access on-line resources are becoming increasingly predominant in specialised libraries relating to areas of scientific research, the result both of the technological evolution of media and of the changing profile and needs of data users, producers and consumers. This is changing the paradigm of conventional libraries and creating new requirements from technology and metadata systems, and demanding new skills from members of the information professions.

This study examines how on-line scientific journals in health and medical libraries have developed in Portugal over the last ten years. The study offers a diachronic analysis and, at the same time, a reflection on the impact of these resources on information services.

The methodology used for the development of this study was based on the triangulation of two approaches to research: the quantitative and the qualitative, with data being collected in the field through surveys and interviews.

The data collected and analysed show that since the 1990s, on-line scientific journals have become available in health and medical libraries in Portugal, either through acquisition or through bundling in the purchase of the printed journal.

However, the study shows that the number of libraries offering this resource remains small, with cost being indicated by many libraries as the main reason for not offering this new means of presenting and disseminating scientific knowledge.

The reasons given for building collections of on-line scientific journals, normally in parallel with collections of the printed versions, include the many possibilities for searching, the speed with which data can be retrieved, and the possibility of simultaneous access.

However, managing these on-line resources does imply certain technological problems, demanding a range of hitherto unnecessary new skills from members of the information and documentation professions, indicating a need for training in this field.

With health and medical libraries becoming increasingly hybrid in nature, the coexistence of printed and on-line scientific journals raises the question of which of the two media will subsist. The study shows that the existence of one medium does not necessarily signify the disappearance of the other.

KEY-WORDS: On-line resources / Scientific journal / Specialised library / Health and medical library / Collections

ÍNDICE

Capítulo I

Introdução	1
1.1. Antecedentes e enquadramento	1
1.1.1 Da biblioteca universal à biblioteca parcial	1
1.1.1.1 Biblioteca – conceito(s)	2
1.1.1.2 Bibliotecas especializadas	3
1.1.2 Periódicos	6
1.1.2.1 Revistas científicas electrónicas	7
1.2 Justificação do estudo	10
1.3 Estrutura da tese	11

Capítulo II

Metodologia	13
2.1 Introdução	13
2.2 Metodologias de investigação	13
2.2.1 Método quantitativo	14
2.2.2 Método qualitativo	14
2.2.3 Triangulação	15
2.3 Plano de investigação	16
2.4 Métodos de recolha de dados	17
2.4.1 Inquérito por questionário	18
2.4.1.1 Vantagens e desvantagens	19
2.4.1.2 Elaboração e teste piloto	19
2.4.1.3 Envio e recepção	20
2.4.1.4 Análise de dados	20
2.4.2 Inquérito por entrevista	22
2.4.2.1 Vantagens e desvantagens	22
2.4.2.2 Tipos de entrevistas	23
2.4.2.3 Elaboração e teste piloto	23
2.4.2.4 Guião da entrevista	24
2.4.2.5 Realização da entrevista	25
2.4.2.6 Gravar e transcrever	26
2.4.2.7 Análise dos dados	27
2.5 Aplicação prática da metodologia	28

Capítulo III

Revistas científicas electrónicas – Revisão da literatura	30
3.1 Introdução	30
3.2 Revistas científicas electrónicas	31
3.3 Definição	31
3.4 Vantagens e desvantagens	32
3.5 Critérios de selecção	33

3.5.1 Avaliação	34
3.6 Acesso	35
3.6.1 Segurança	35
3.6.2 Métodos e formatos de publicação	36
3.6.3 Modos de acesso	37
3.7 Preço	39
3.8 Catalogação e metadados	42
3.9 Arquivo	43
3.9.1 Integridade intelectual	44
3.9.2 Responsabilidades de arquivo	45
3.9.3 Selecção de títulos para arquivo	46
3.9.4 Acesso perpétuo	47
3.10 <i>Copyright</i> e licença	47
3.11 Estudo de utilizadores	49
3.12 O papel dos profissionais da I-D	51
3.13 Algumas conclusões	52
 Capítulo IV	
Colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal	54
4.1 Introdução	54
4.2 As revistas científicas electrónicas nas bibliotecas	54
4.3 Colecções	56
4.3.1 Aquisição	60
4.3.2 Gestão	63
4.3.3 Acesso	66
4.3.4 Utilização	67
4.4 Desenvolvimento entre 1996-2005	68
4.5 Perspectivas futuras	69
 Capítulo V	
Conclusões e recomendações	71
5.1 Introdução	71
5.2 Conclusões	71
5.3 Recomendações	74
 Bibliografia	75
 Apêndices	87
Apêndice 1 – Questionário	88
Apêndice 2 – Carta de apresentação do questionário	92
Apêndice 3 – Guião da entrevista	94
Apêndice 4 – Carta a solicitar a entrevista	99

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	
Código de identificação das bibliotecas	27
Tabela 2	
Número de revistas científicas impressas assinadas pelas bibliotecas entre 1996 e 2005	58
Tabela 3	
Número de revistas científicas electrónicas gratuitas existentes nas bibliotecas entre 1996 e 2005	59
Tabela 4	
Método de aquisição das revistas científicas electrónicas	62
Tabela 5	
Número de revistas científicas electrónicas assinadas pelas bibliotecas entre 1996 e 2005	68

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1	
Vantagens e desvantagens das revistas científicas electrónicas	56
Gráfico 2	
Motivos da não aquisição de revistas científicas electrónicas	57
Gráfico 3	
Revistas científicas em suporte papel: média por ano	59
Gráfico 4	
Motivos da aquisição de revistas científicas electrónicas	60
Gráfico 5	
Problemas na activação das revistas científicas electrónicas	64
Gráfico 6	
Problemas na gestão das revistas científicas electrónicas	65
Gráfico 7	
Grau de adesão dos utilizadores às revistas científicas electrónicas	67
Gráfico 8	
Revistas científicas electrónicas: média por ano	69
Gráfico 9	
Evolução das revistas científicas impressas e das revistas científicas electrónicas entre 1996 e 2005: média por ano	70

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

“Não sei se Mozart escreveu a abertura do Don Giovanni já depois de ter mandado o herói para a danação eterna, mas, tal como noutras óperas suas, o preâmbulo musical, além de criar a atmosfera propícia à audição certa da obra, serve para citar breves passagens do que a seguir se ouvirá: na abertura do Don Giovanni, por exemplo, há uma referência à música da estátua na última cena. Iguais são os propósitos da introdução a um escrito científico (...). Difícil é achar a medida justa de o fazer.”

(Antunes, 2000)

1.1 Antecedentes e enquadramento

Os pontos seguintes pretendem ser uma apresentação breve de alguns dos antecedentes e do enquadramento do tema de estudo desenvolvido neste trabalho de investigação - as revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal. Começa-se por expor o conceito de biblioteca e, mais em particular, o de biblioteca especializada, que abrange as bibliotecas da área da saúde, seguindo-se uma referência aos periódicos e, conseqüentemente, às revistas científicas electrónicas.

1.1.1 Da biblioteca universal à biblioteca parcial

Renato Nisticò (1999), bibliotecário e investigador italiano, num pequeno mas notável livro sobre a representação das bibliotecas e dos bibliotecários através da literatura, propicia-nos o ponto de partida para este trabalho, ao apresentar uma possível definição da mítica biblioteca universal *versus* biblioteca parcial:

“Da una parte abbiamo una Biblioteca Universale, totale, teoricamente presumibile: quella che comprende tutti i libri che sono stati scritti e, in certi casi [...] anche quelli che sarà solo possibile scrivere; dall'altra una certa biblioteca, con di limiti fisici, che sono quelli del luogo dove essa viene conservata e dei criteri con cui essa è stata formata, selezionando i libri e poi ordinandoli. Può essere di tipo pubblico o privato [...]. Chiamerò quest'ultimo tipo di biblioteca [...] la biblioteca parziale, o reale. Essa è la biblioteca la cui composizione è determinata dalla ideologia e dalla personalità del suo titolare [...]; e la cui funzione è appunto quella di

fornire ragguagli circa la personalità intellettuale, l'identità culturale del personaggio con cui essa è in relazione nell'opera [...]. Il termine "parziale" assume un duplice significato: da un lato sottolinea come la biblioteca che esso designa sia una riduzione quantitativa, spaziale, funzionale, rispetto alla Biblioteca Universale; dall'altro mette in luce il carattere ideologico della sua composizione, il suo essere orientata, di parte, portatrice di determinati valori."

Reinventada fisicamente a Biblioteca Alexandrina, no Egipto contemporâneo, deparamo-nos novamente com a utopia de uma Biblioteca Universal, mais do que isso, um repositório dinâmico do património da Humanidade. Uma biblioteca parcial será, então, o reflexo angustiado da finitude humana, das nossas escolhas particulares, ou o resultado de uma opção metodológica e sistematizada de acordo com uma classificação dos saberes e uma organização gnoseológica do universo. A representação, não das estantes de nossa casa, mas de um serviço de informação especializado e, por isso, categorialmente finito.

Hoje, a questão que se continua a pôr às unidades de documentação, generalistas ou especializadas, é talvez a de saber em que medida as tecnologias da informação e comunicação (TIC) permitem concretizar a utopia do bibliotecário Calímaco e satisfazer as novas necessidades e metodologias de pesquisa e acesso à informação por parte dos leitores do século XXI.

1.1.1.1 Biblioteca – conceito(s)

"Embora existam vários tipos de bibliotecas dirigidas a públicos bem distintos e com objectivos bem diferenciados, em todas elas se identifica um denominador comum: a organização das respectivas colecções tendo em vista a disponibilização e divulgação."

Luísa Cabral (1996)

Para o semiólogo Umberto Eco (1991), igualmente leitor e utilizador, a definição de biblioteca assenta sobretudo num conceito funcional, ou seja, a noção de biblioteca faz-se a partir daquilo que deveriam ser as suas funções:

"a principal função da biblioteca, pelo menos a função da biblioteca da minha casa [...], é de descobrir livros de cuja existência não se suspeitava e que, todavia se revelam extremamente importantes para nós. [...] Ou seja, a função ideal de uma biblioteca é de ser um pouco como a loja de um alfarrabista, algo onde se podem fazer verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio do livre acesso aos corredores das estantes."

Às quatro funções da biblioteca, subjacentes a uma perspectiva diacrónica (recolha, entesouramento, transcrição, fazer com que as pessoas leiam) poder-se-ia acrescentar uma quinta: a organização, ou antes, a necessidade de organizar a recolha de documentos de uma forma sistematizada, segundo uma classificação de saberes e interpretação do universo, que vem desde a antiguidade, as livrarias conventuais, chegando aos modernos sistemas classificatórios e à indexação de documentos, tendo como finalidade última a recuperação eficaz da informação “coleccionada”.

Talvez a definição mais comum de biblioteca, dir-se-ia até a mais convencional, seja a de uma colecção organizada de livros e periódicos impressos ou de outros documentos, nomeadamente gráficos, audiovisuais e electrónicos, e ainda dos serviços que concorrem para o acesso fácil a estes documentos, por utilizadores com fins de informação, pesquisa, educação ou recreativos.

Com efeito, independentemente da sua missão e objectivos individuais, as bibliotecas, tal como defendido nas *Guidelines for Information Services da ALA* (2000), têm por obrigação inerente à sua missão e funcionalidade prover serviços de informação que apoiem as necessidades educacionais, recreativas e pessoais da sua comunidade.

1.1.1.2 Bibliotecas especializadas

Pese embora a ambiguidade e proliferação de designações para as unidades de informação (bibliotecas, mediatecas, centros de documentação e informação, ludotecas, fonotecas, etc.), tende-se assumidamente a classificá-las ou a tipificá-las em função quer das actividades desenvolvidas quer dos domínios do saber abrangidos.

Não obstante a actual hibridez de muitos destes serviços, nomeadamente através do estabelecimento de redes formais e informais de informação e de cooperação entre eles, de modo a poder satisfazer as necessidades dos seus utilizadores Guinchat (1990) propõe dois tipos gerais de categorização:

1. Em função das actividades de informação principais desenvolvidas;
2. Em função da área do saber, das fontes utilizadas e da tipologia de utilizadores.

Estas definições parecem ser hoje muito estanques e pouco flexíveis, quando consideradas as multifuncionalidades e diversidades de recursos e as fontes das actuais bibliotecas.

A expansão do número e a diversidade de utilizadores, simultâneas à explosão da oferta e procura de informação, acompanham o recurso a

novos suportes de pesquisa e divulgação, tais como os documentos de acesso remoto, o que exige um tratamento mais fino e criterioso da informação gerida pelas unidades de informação.

Como já afirmava Guinchat em 1990, tem-se vindo a assistir à proliferação de organismos especializados em actividades de informação que incidem em outras funções da cadeia documental, a saber: "description du contenu des documents, extraction et traitement des données, diffusion du contenu des documents, etc., au profit de groupes particuliers. Ils ont reçu des désignations variées: centre de documentation, centre d'information, banque de données, etc".

Uma das primeiras definições de biblioteca especializada foi feita, em 1967, por Wright num seu trabalho sobre bibliotecas especializadas, que ainda hoje serve como importante ponto de reflexão sobre a natureza destas unidades de documentação. Wright define uma biblioteca especializada como sendo "uma biblioteca quase exclusivamente dedicada a publicações sobre um grupo de assuntos em particular", podendo variar muito em função da área de conhecimento abrangida pelo seu acervo documental. Segundo este autor, esta tipologia de bibliotecas classifica-se em três categorias, a saber:

1. Bibliotecas altamente especializadas, incluindo, mesmo estas, "um certo número de obras sobre assuntos afins ou relacionados";
2. "Bibliotecas que são colecções de uma espécie de material": colecções de manuscritos orientais, colecções de discos, entre outras;
3. Bibliotecas que reúnem fundos especializados, isto é, "que abrangem um qualquer campo particular do conhecimento", de que são exemplo as universitárias.

Considera-se que o objectivo destas bibliotecas ou unidades de documentação é o de fornecer informações detalhadas sobre um campo muito restrito de assuntos, científico ou não, de forma actualizada, apropriada, exacta e rápida, através de um trabalho profundo de análise conceptual, recorrendo a instrumentos de análise especializados, tais como os sistemas de classificação e tesouros específicos da área do domínio do conhecimento abrangida, e, ainda, através da utilização de complexos sistemas de pesquisa em rede.

Frequentemente, estes serviços de informação surgem para responder às necessidades e à procura específica de informação por parte de utilizadores internos de organizações, públicas ou privadas, às quais aqueles pertencem. Disto são exemplo tanto as bibliotecas universitárias, bem como os designados centros de documentação e informação de sociedades científicas, as associações profissionais e outras instituições de investigação, e, ainda, as bibliotecas com funções de apoio ao pessoal

administrativo e dos utentes de departamentos e serviços governamentais, entre outros.

Wright (1967) considera que, por vezes, as próprias bibliotecas públicas podem inserir-se nesta tipologia aquando da existência de colecções especiais. A este propósito recorde-se a existência dos chamados fundos locais ou dos fundos de livro antigo em algumas das bibliotecas municipais e públicas do nosso país.

Para Wright (1967), estas bibliotecas especializadas podem categorizar-se em função do seu contexto organizacional:

- 1- Educacionais: faculdades, universidades e escolas;
- 2- Societárias: científicas e profissionais;
- 3- Governamentais: departamentos administrativos e de investigação;
- 4- Técnicas: meio comercial e industrial (investigação).

O acervo documental destes serviços de informação caracteriza-se pela predominância de documentos primários, periódicos na sua grande maioria, em suporte papel ou em formato electrónico, sobretudo de acesso remoto. Estão também presentes documentos fora do circuito comercial, a chamada literatura cinzenta: teses, trabalhos científicos e documentos de produção interna dos serviços das instituições.

A eficácia e o dinamismo necessários, característicos destas unidades documentais, parecem advir da existência de “uma estrutura ligeira e com uma grande capacidade de articulação com outros serviços especializados externos” (Teixeira, 2001).

Nestas bibliotecas, onde raramente se procura a consulta em presença, preferindo-se um acesso, por vezes, à distância, como a Biblioteca do Conhecimento Online (b-on) e os *Online Public Access Catalogues* (OPACs), ou apenas o recurso ao serviço de referência e empréstimo, e onde se pretende rapidamente uma informação pertinente e actualizada, a mudança para uma atitude que implique a aceitação e aplicação do conceito de biblioteca virtual assume-se como algo cada vez mais premente (Teixeira, 2001):

- Digital: “a informação que se encontra digitalizada e os dados podem combinar texto, gráficos, som e imagem”;
- Virtual: “o que se vê [...] é um conjunto de representações que já não têm nada a ver com a biblioteca tradicional. [...] [Vê-se] apenas a ponta do iceberg... a parte que não se vê são os fundos documentais, tratados e acessíveis, das bases de dados e/ou centros distribuidores maiores e mais especializados do mundo”.

Daqui se adivinha um perfil de utilizador facilmente identificável: restrito, ligado profissional ou academicamente à área de especialização de cada

biblioteca. Portanto, na sua maioria académicos, investigadores e/ou profissionais de determinadas áreas.

1.1.2 Periódicos

Aproximadamente 200 anos após a invenção da imprensa surgem os primeiros periódicos científicos: o *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, em Londres, e o *Le Journal des Sçavants*, em Paris, ambos no ano de 1665. Desde então o seu crescimento tem sido notável. Em 1800 estima-se que existiam 100 periódicos, em 1850 cerca de 1000 e em 1900 atingem-se os 10.000. Mantendo-se estes níveis de ascensão, no ano de 2000 teríamos no mercado à volta de 1.000.000 periódicos. Contudo, ditosamente, este crescimento começou a decair, tanto que em 1991 foi calculado existirem perto de 133.000 (Roes, 2003).

Os periódicos impressos têm sido sempre ao longo dos tempos o mais importante meio de comunicação dos progressos realizados no campo da ciência e nas áreas de investigação e desenvolvimento. Colocados no centro do ciclo da informação especializada e científica impressa, eles fazem girar à sua volta um sem número de “satélites”, os académicos e os investigadores, que desempenham continuamente o duplo papel de produtores e consumidores.

Pode-se de uma forma simples definir as principais funções de um periódico científico em quatro pontos: a comunicação e disseminação da informação, o controlo da qualidade e posterior arquivo. Estas premissas são, normalmente, e bem, atribuídas aos periódicos impressos. Contudo, este é o processo inerente a qualquer divulgação de uma comunicação científica e como tal deveria ser seguido por qualquer meio de comunicação e entidade de investigação que deseje ter impacto, isto é, visibilidade, no mundo da edição científica.

Existem, todavia, indícios cada vez mais visíveis de que o período estável da informação impressa está num estado de iminente ruptura e um dos indicadores dessa realidade, no universo das bibliotecas, é o preço de aquisição dos periódicos. Os orçamentos atribuídos às bibliotecas são simplesmente incapazes de suportar o crescimento simultâneo do volume de publicações e dos preços dos periódicos de literatura científica praticados no mercado.

A sua principal função, ou seja, a de comunicação em primeira instância das descobertas efectuadas pelos investigadores, está a perder progressivamente relevância nos periódicos impressos. Os investigadores mesmo antes do advento da era electrónica, encontram já formas mais rápidas e informais de fazer a divulgação dos seus trabalhos. Todavia, desde o início da Internet, com o correio electrónico, as listas de correio

electrónico, os fóruns, os grupos de discussão e a criação recente dos repositórios institucionais de acesso livre, a divulgação da literatura científica tornou-se cada vez mais fácil.

Tendo em conta o panorama existente na década de 80, era previsível o aparecimento não só de uma versão electrónica de alguns dos periódicos impressos, bem como o nascimento de periódicos em formato unicamente electrónico, isto mais de 300 anos após a impressão dos primeiros periódicos. Porém, a identificação, da primeira revista científica electrónica é uma questão controversa. Uns autores afirmam ter sido a *New Horizons in Adult Education*, outros a *Psycoloquy*, da *American Psychological Association*, e outros, ainda, a *Missouri Journal of Mathematical Sciences Articles*, disponível em formato DVI (*DeVice Independent*) e *PostScript* em 1988 (De Robbio, 2001).

Numa biblioteca especializada, as séries ou publicações periódicas assumem uma importância fundamental, na gestão e constituição da colecção, dado serem o repositório da informação especializada mais actualizada, inovadora e de maior credibilidade científica, além de constituírem veículos privilegiados de divulgação e acesso à informação científica e tecnológica. Exige-se, contudo, que esta informação obedeça aos seguintes parâmetros: actualidade, exactidão, validade e rápido acesso.

1.1.2.1 Revistas científicas electrónicas

O chamado “continente gnoseológico” (Magalhães, 1997) deslocou-se desde já há alguns anos dos suportes mais tradicionais, como o papel, para suportes electrónicos em que o acesso remoto assume uma grande preponderância, sobretudo em bibliotecas ligadas à área de investigação e desenvolvimento.

Com efeito, como têm vindo a demonstrar alguns investigadores da nossa área, tais como Eloy Rodrigues (Universidade do Minho), através de projectos relacionados com o acesso à literatura científica dentro de sistemas de informação de acesso livre¹, assim como os estudos de utilizadores em bibliotecas públicas, as exigências de acesso à informação e à divulgação da mesma alteraram o paradigma das bibliotecas tradicionais.

Hoje ou se fala em bibliotecas híbridas ou em bibliotecas digitais de acesso de 24 horas. Não que as funções primárias dos profissionais da

¹ **RepositórioUM** – esta iniciativa abriu ao público em Novembro de 2003, com o único objectivo de reunir num único *site* o conjunto das publicações científicas da Universidade do Minho (teses, dissertações, *working papers*, etc...) em livre acesso, contribuindo, assim, para um maior impacto, isto é, visibilidade, da investigação desenvolvida e dos seus investigadores, garantindo, simultaneamente, a preservação do património intelectual da Universidade. Vide <http://repositorium.sdum.uminho.pt>

informação e documentação (I-D) se tenham substancialmente alterado. Pelo contrário, a missão prevalece essencialmente a mesma: avaliação, tratamento e gestão de colecções e disponibilização do seu acesso em função da tipologia de utilizadores. Porém, acrescem novas competências e funcionalidades num contexto de globalização e interoperabilidade. As bibliotecas, ou unidades de documentação, como alguns lhes preferem chamar, são portais de acesso à informação, a qual muitas das vezes existe fora do repositório das quatro paredes ou do disco rígido dos computadores. Os profissionais da informação são mediadores da informação (Teixeira, 2001).

Mais do que nunca colocam-se novas velhas questões: a normalização de metadados² e de sistemas, a democratização do acesso, a cooperação entre serviços, a interdisciplinaridade e a interoperabilidade, a salvaguarda de acervos documentais de cariz patrimonial, pertencentes a uma comunidade ou de valor mundial, a conservação do património virtual e a validação das fontes de acesso remoto.

É ponto de acordo entre muitos teóricos que os suportes de informação tradicionais, assentes em documentos gráficos impressos, já não são capazes de responder aos desafios e às necessidades imediatas de pesquisa e recuperação da informação impostas pelos utilizadores, num contexto tecnológico sempre evolutivo e de contínua e crescente explosão documental.

Importa então definir o conceito de revista científica electrónica. Entende-se por aquela uma publicação em série de acesso remoto, que pode ter ou não uma versão impressa. A Biblioteca Nacional do Canadá definiu "a remote access or networked publication as a digitally encoded information resource made available to the public through a communication network" (Reeves, 1998).

Os primeiros passos para o desenvolvimento das revistas científicas electrónicas foram dados com a criação de projectos experimentais em que se reproduzia de forma electrónica o conteúdo dos periódicos impressos. Um dos mais antigos exemplos desses projectos é o ADONIS, onde as imagens dos artigos publicados em periódicos impressos eram gravadas em CD-ROM e posteriormente distribuídas (Korwitz, 1990). Outro exemplo é o das bases de dados de texto integral criadas e geridas por grandes organizações.

A explosão das revistas científicas electrónicas surge como o resultado da simbiose entre duas fontes convergentes: a económica e a tecnológica. O

² Metadados significa dados estruturados sobre dados, isto é, um dado que descreve outro dado. Segundo Licinia Santos (2001), trata-se de "um conjunto de atributos ou elementos necessários para identificar cada documento de uma determinada colecção ou fundo de uma biblioteca".

facto é que se torna incomportável manter um grande número de periódicos impressos de baixa circulação com preços elevados como meio de comunicação primário da literatura científica (Jones e Cook, 2000). Segundo estudos feitos, habitualmente, numa biblioteca, metade dos periódicos são consultados somente 50 vezes por ano e só uma percentagem de 15% chega a ser consultada mais de 250 vezes por ano (Butler, 1999).

Desde a subida substancial, nos últimos anos, dos preços dos periódicos, a Internet tem introduzido um novo elemento de competição no mundo editorial. Deste modo, as bibliotecas com os seus limitados orçamentos têm-se visto forçadas a reduzir o número de aquisições.

A segunda força de mudança no cenário da edição dos periódicos é a dos avanços tecnológicos alcançados na área dos dispositivos electrónicos e na expansão da própria Internet. Os utilizadores não só exigem o acesso aos periódicos, com os mais recentes artigos científicos, como acontecia no passado, mas também meios mais rápidos e eficientes de aceder ao conhecimento. As revistas científicas electrónicas transformam-se no novo método de aquisição de conhecimento, sem serem, contudo, um novo método de construção do conhecimento.

Entre as várias vantagens das revistas científicas electrónicas incluem-se características tais como a sua acessibilidade, utilização, dessiminação e potencialidades tecnológicas. Por outro lado, as suas desvantagens, na maior parte das vezes, estão relacionadas com dificuldades técnicas de utilização por parte dos utilizadores e com problemas derivados das ligações à rede, interfaces não amigáveis, falta de acessibilidade, custos de acesso, direitos de autor, segurança das páginas e falta de aceitação por parte da comunidade científica (Ludwick e Glazer, 2000).

Com o continuar do avanço tecnológico a aceitação e a utilização das revistas científicas electrónicas tem vindo a aumentar. As bibliotecas contêm agora colecções híbridas de publicações, em que o papel tem como parceiro de trabalho um sistema de acesso remoto em rede.

Isto faz com que a questão colocada já não se limite a se está ou não a acontecer uma transição no formato dos periódicos do impresso para o electrónico, mas sim, a que velocidade esse processo está a decorrer e como está a ser gerido pelos profissionais da I-D.

Na verdade, como muitos profissionais da I-D têm vindo a constatar desde há alguns anos, o elevado custo das obras e a necessidade de tratamento documental *in loco*, em particular a análise conceptual de periódicos (indexação e resumos), justificam a escolha dos suportes electrónicos, nomeadamente, através do acesso remoto a partir de

assinaturas ou protocolos com centros distribuidores de informação (ex.: Dialog), bases de dados especializadas, de assinaturas em linha e de serviços de fornecimento de documentos (ex.: *British Library*).

O procedimento acima enunciado, a médio ou longo prazo, reverter-se-á num menor custo ao nível de recursos humanos, de material, de espaço e conservação dos documentos gráficos, o que permitirá desenvolver outras ferramentas de recuperação de informação em rede, facilitando a disseminação desta, uma gestão e avaliação dos recursos mais eficazes, a prestação de um serviço do utilizador mais rápido e eficiente e a cooperação com outras bibliotecas e unidades de documentação, através de um sistema integrado de gestão.

1.2 Justificação do estudo

Com o advento das TIC, as bibliotecas e os serviços de documentação encontram-se numa época de transição. A biblioteca electrónica está a desenvolver-se rapidamente em paralelo com a biblioteca tradicional. Isto não significa, contudo, que as missões das bibliotecas tenham sido alteradas, existindo mesmo quem defenda que a missão da biblioteca enquanto garante da preservação e migração da informação está a ser reforçada na era digital (Ershova e Hohlov 2000).

O aparecimento e o crescimento das bibliotecas híbridas, locais onde o suporte impresso coexiste com o suporte digital, têm vindo a comprovar a vasta aceitação deste conceito. São cada vez mais os serviços a adoptar e a introduzir recursos electrónicos nas suas colecções. As bibliotecas da área da saúde, enquanto serviços especializados e dadas as suas características particulares, estão na lista dos mais fervorosos aderentes.

A implementação e o desenvolvimento de recursos electrónicos, nomeadamente de revistas científicas electrónicas, nas bibliotecas da área da saúde em Portugal, não tem tido nenhum acompanhamento científico quer a nível governamental (ex.: Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior), quer a nível particular (ex.: APBAD, APDIS³). Tal facto é claramente comprovado pela quase inexistente literatura sobre o tema.

Considerando o que foi dito, anteriormente, na parte relativa aos antecedentes e ao enquadramento do presente tema, sobre as bibliotecas especializadas, nas quais se inserem as bibliotecas da área da saúde, e sobre as revistas científicas electrónicas e a ligação mútua entre ambas,

³ APBAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, APDIS – Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde.

bibliotecas e revistas, a oportunidade de realizar o presente estudo apresentou-se como algo indiscutivelmente aliciante.

Deste modo, com este estudo pretendeu-se conseguir fazer uma análise diacrónica do desenvolvimento das colecções de revistas científicas electrónicas existentes nas bibliotecas da área da saúde em Portugal nos últimos dez anos, 1996-2005, focando-se temas relacionados com: a aquisição, a gestão, o acesso, a utilização, entre outros. Outro factor abordado, de verdadeira importância neste estudo, é o das perspectivas futuras deste recurso. Uma boa avaliação da situação passada e, até mesmo, da actual, das revistas científicas electrónicas levará, com certeza, à preparação de um melhor futuro.

1.3 Estrutura da tese

Nesta dissertação, optou-se por seguir uma estrutura que fosse encaminhando o leitor na análise feita do problema proposto.

Num primeiro momento, ao qual corresponde o **Capítulo II - Metodologia**, foi necessário o recurso a alguma recolha e análise de literatura especializada, a fim de proceder-se à identificação e escolha da metodologia de investigação, que melhor se adequaria a este tema, e ao desenvolvimento dos instrumentos de recolha de dados que viriam a ser utilizados. O estudo levado a cabo foi essencial para a elaboração, estruturação e aplicação do trabalho de campo.

Este capítulo inicia-se com uma parte teórica sobre as metodologias de investigação, nomeadamente, o método quantitativo e qualitativo, à qual se segue a apresentação do plano de investigação e, por fim, a descrição dos métodos de recolha de dados. Nesta última parte são indicados os instrumentos de recolha de dados eleitos, ou seja, o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista, dando-se a conhecer com precisão aspectos dos mesmos como: vantagens e desvantagens, elaboração e teste piloto, análise de dados, etc.

No **Capítulo III – Revistas científicas electrónicas: revisão da literatura**, dá-se conta do trabalho de pesquisa, levantamento e recolha exhaustiva de informação bibliográfica, seleccionada com o objectivo de se fazer uma análise documental do tema a ser abordado. Esta recolha assentou, na sua maioria, em artigos de publicações periódicas⁴, sendo a selecção efectuada baseada em dois critérios: a sua relevância e a sua actualidade (não propriamente temporal, mas temática) sobre o tema em estudo.

⁴ Como grande parte da bibliografia recuperada durante a pesquisa bibliográfica e, posteriormente, utilizada neste estudo é em língua estrangeira, optou-se por fazer as citações na língua de origem.

Nesta fase, a Internet demonstrou ser um instrumento imprescindível de auxílio à investigação científica, quer no fornecimento de documentos em texto integral, quer ao proporcionar pistas bibliográficas de textos relevantes para a investigação. O mesmo aconteceu com a LISA: *Library and Information Science Abstracts*, recurso de grande utilidade durante a pesquisa.

No **Capítulo IV – Colecções de revistas científicas electrónicas da área da saúde em Portugal**, são apresentados os resultados do tratamento dos dados, tanto do inquérito por questionário como do inquérito por entrevista. De um modo simples e prático, dividindo a apresentação dos resultados obtidos por itens (revistas científicas electrónicas, colecções: aquisição, gestão, acesso, utilização, desenvolvimento entre 1996-2005, perspectivas futuras), revela-se a resposta à pergunta de partida para este estudo.

Por último, no **Capítulo V – Conclusões e recomendações**, após a leitura e interpretação dos resultados, são descritas as conclusões obtidas. De seguida, são enumeradas algumas recomendações, com base em afirmações proferidas no inquérito por entrevista.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

“ [...] primeiro, construir na sua mente um modelo, o mais perfeito, lógico, geométrico possível; segundo, verificar se o modelo se adaptava aos casos práticos observáveis na experiência; terceiro, introduzir as correcções necessárias para que a realidade e o modelo coincidissem.”

(Calvino, D.L. 2002)

2.1 Introdução

A apresentação da metodologia utilizada neste estudo pretende ser, antes de tudo, uma corroboração das palavras de Aristóteles (1982): “For the things we have to learn before we can do them, we learn by doing them”.

Neste capítulo, abordar-se-ão duas das metodologias de investigação normalmente utilizadas pelos investigadores das ciências sociais nos seus estudos, focando-se especificamente o paradigma normativo/qualitativo e o paradigma interpretativo/quantitativo. Será feita uma apresentação do plano de investigação e dos métodos de recolha de dados empregues neste estudo.

A análise crítica efectuada, ao longo desta exposição, com base na literatura consultada e experiência pessoal obtida durante a elaboração do presente estudo, terá o propósito de fundamentar e apoiar as decisões tomadas quanto ao caminho a seguir.

2.2 Metodologias de investigação

Se se pensar que todo o conhecimento consiste na resposta a uma interrogação, logo terá que se admitir a necessidade do emprego de uma metodologia para a construção da resposta a essa interrogação. Como proferem Marconi e Lakatos (2004) “não há ciência sem o emprego de métodos científicos”.

A investigação em ciências sociais utiliza assim uma variedade de métodos de pesquisa para melhorar o conhecimento, a teoria, a prática e a política na pesquisa de campo. Como proferiram Quivy e Campenhoudt (1998):

“A investigação em ciências sociais segue um procedimento análogo ao do pesquisador de petróleo. Não é perfurando ao acaso que se encontrará o que se procura. Pelo contrário, o sucesso de um programa de pesquisa petrolífera depende do procedimento seguido”.

De seguida, será feita uma breve apresentação dos dois métodos de investigação mais utilizados - o método quantitativo e o método qualitativo -, de forma a que sejam, posteriormente, não só mais perceptíveis, mas também facilmente compreendidas as opções metodológicas tomadas.

2.2.1 Método quantitativo

O método quantitativo baseia-se em afirmações como “anything that exists, exists in a certain quantity and can be measured”. Proferida por While Thorndike’s em 1904, esta asserção revela uma importante posição filosófica que tem persistido na investigação das ciências sociais durante a maior parte do século XX (Custer, 1996).

Utilizando uma aproximação dedutiva, o método quantitativo procura estabelecer factos, fazer previsões e testar hipóteses previamente estabelecidas, esforçando-se por mostrar que o mundo pode ser observado em termos de uma realidade, realidade essa que quando isolada num determinado contexto pode ser medida de forma quantificável e, assim, compreendida. Por conseguinte, valoriza-se mais os resultados do que o processo em si (Gorman e Clayton, 1997).

Esta perspectiva é conhecida como positivismo. Os investigadores que utilizam o método quantitativo são aqueles que se encontram a tratar os seus objectos de estudo como se estes tivessem uma existência independente deles próprios e sem qualquer significado intrínseco.

A objectividade é dianteira no planeamento de tal pesquisa. Desta maneira, os resultados da pesquisa poderão ser aplicados a mais do que uma população, o que aumenta a generalização da pesquisa. Outra razão pela qual os métodos quantitativos são preferidos, muitas vezes em detrimento dos métodos qualitativos, é a das conclusões obtidas por tais estudos serem consideradas mais fiáveis e estatisticamente mais válidas. A pesquisa qualitativa, por causa da sua natureza subjectiva e a imersão do investigador no contexto, tem desde há muito levantado suspeitas em termos de validez e rigor (Carmo e Ferreira, 1998).

2.2.2 Método qualitativo

O método qualitativo pode ser definido como “a process of enquiry that draws data from the context in witch events occur, in an attempt to describe these occurrences, as a means of determining the process in

which events are embedded and the perspectives of those participating in the events, de using induction to derive possible explanation based on observed phenomena” (Gorman e Clayton, 1997).

Quando se utiliza o método qualitativo a informação é analisada de forma indutiva, através do desenvolvimento de conceitos, e chega-se à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados. A informação não é procurada para verificar hipóteses. Pelo contrário, a teoria é desenvolvida de “baixo para cima” tendo por base os dados obtidos e que estão inter-relacionados (Gorman e Clayton, 1997).

Outra característica deste método é o facto de ser naturalista, isto porque a origem directa dos dados são as situações consideradas “naturais” e a própria interacção dos investigadores com os sujeitos é também feita de uma forma “natural” e, sobretudo, discreta. Neste processo existe uma tentativa de mistura entre o observador e o observado até o primeiro conseguir compreender uma determinada situação, mas procurando sempre minimizar ou controlar os efeitos que provoca nos sujeitos de investigação (Marconi e Lakatos, 2004).

A investigação qualitativa é iminentemente descritiva. A descrição deve ser rigorosamente fidedigna e resultar directamente dos dados recolhidos, que podem incluir, por exemplo: transcrições de entrevistas, registos de observação e fotografias.

Como instrumento de recolha de dados, o investigador tem consciência de que a validade e a fiabilidade dos dados depende muito da sua sensibilidade, do conhecimento e experiência, sendo a objectividade um dos seus principais problemas levantados pela utilização deste método de investigação.

2.2.3 Triangulação

Apesar de tudo o que foi dito, os competitivos paradigmas de investigação quantitativa e qualitativa tornaram-se parceiros de trabalho. Hodiernamente muitos investigadores defendem um “paradigm of choices that seeks methodological appropriateness as the primary criterion for judging methodological quality. This will allow for situational responsiveness that strict adherence to one paradigm or another will not” (Patton, 1990).

O método quantitativo, desde há muito a única forma de pesquisa estatisticamente válida e segura, está agora a ser utilizado juntamente com métodos de pesquisa qualitativos em estudos que não podem descrever adequadamente ou interpretar completamente uma situação. Isto apesar de alguns autores como Brannen e Smith e Heshusus (*apud*

Carmo e Ferreira, 1998) defenderem que a utilização conjunta destes métodos teria implicações teóricas, visto eles se fundamentarem em pressupostos diferentes.

O recurso à triangulação é precisamente uma das formas possíveis para tornar um plano de investigação mais sólido, porque ela consiste na combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenómenos ou programas (Patton, 1990), o que significa utilizar diferentes métodos ou dados, incluindo a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas.

A triangulação assenta a sua lógica no seguinte pressuposto: se cada método revelar diferentes aspectos da realidade empírica, diferentes métodos de observação da realidade deverão ser empregues. A principal vantagem da utilização de diferentes métodos reside no facto de que assim se obtém uma melhor compreensão dos fenómenos, enquanto que a triangulação de técnicas pode conduzir o estudo ao alcance de resultados mais seguros, sem enviesamentos. Porém, a combinação de métodos quantitativos e qualitativos também apresenta vários problemas, nomeadamente: o custo, o tempo e o grau de experiência e competência do investigador na utilização de ambos os métodos.

2.3 Plano de investigação

A identificação do problema a estudar é o ponto de partida para a elaboração do plano de uma investigação. O interesse pelo tema abordado pode surgir de conhecimentos práticos do quotidiano profissional, de uma curiosidade intelectual ou por sugestão de terceiros. O primeiro passo a dar para a realização de uma investigação deve, portanto, ser a definição do objectivo da mesma, seguindo-se-lhe o planeamento do processo de recolha de dados, a recolha de dados em si, o tratamento e interpretação dos mesmos e por fim a elaboração de um relatório.

Os objectivos estabelecidos devem ser poucos, bem definidos e claros, de forma a satisfazer os propósitos do estudo. O presente projecto propõe-se efectuar um estudo sobre as colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal, tendo em vista a identificação da sua evolução nos últimos dez anos.

O problema que serviu de ponto de partida à investigação do presente projecto foi o seguinte: Qual o desenvolvimento das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal entre 1996-2005?

Visto, por um lado, o tema seleccionado estar pouco divulgado na área de investigação neste país, e, por outro lado, sendo ele extremamente actual, optou-se por delinear o percurso da investigação através da equação de algumas perguntas, as quais têm por objectivo orientar a investigação de modo a se obter a resolução do problema enunciado.

Essas perguntas, segundo Marshall e Rossman (*apud* Gorman e Clayton, 1997) “should be general enough to permit exploration but focused enough to delimit the study”, pois só assim seriam eliminados aspectos que futuramente viriam a se verificar irrelevantes e que poderiam ser focos de distração com consequências, para o trabalho investigativo.

Segue-se a enumeração das perguntas formuladas:

- Que bibliotecas da área da saúde têm revistas científicas electrónicas?
- Quais os motivos de aquisição?
- Como foram adquiridos?
- Que transformações implicaram a nível da biblioteca (criação de metadados, suportes, interoperabilidade de sistemas, logística)? A nível dos profissionais da I-D (competências de avaliação, gestão e conservação de recursos electrónicos, tratamento documental, formação dos utilizadores)? A nível dos utilizadores (aceitação, utilização, grau de apreciação)?
- Qual o desenvolvimento das colecções de periódicos impressos e electrónicos nos últimos dez anos (1996-2005)?
- Qual o futuro das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde?

Este estudo teve duas fases de trabalho de campo. Na primeira fase foi efectuado um inquérito por questionário a uma amostra pré seleccionada de bibliotecas da área da saúde em Portugal (Continente e Ilhas). Apesar de ter a função preliminar de servir de ferramenta de selecção das bibliotecas onde posteriormente seriam efectuadas as entrevistas, o questionário teve também por objectivo o levantamento de dados importantes para o conhecimento concreto da evolução das revistas científicas no período em estudo. A segunda fase do trabalho de campo consistiu na realização das entrevistas, momento em que de uma forma mais directa se tentou obter várias opiniões e relatos sobre o problema em estudo.

2.4 Métodos de recolha de dados

Após a descrição dos métodos de investigação e dada a explicação dos motivos que levaram à selecção da triangulação de métodos e à delineação do problema de investigação, colocam-se ao investigador as

verdadeiras questões de metodologia. Num primeiro nível situa-se a formulação propriamente dita das questões: “Que observação se deve fazer?” Seguida de imediato da pergunta: “Junto de quem?”, ou seja, a construção da amostra, estando esta última fase relacionada com a escolha dos instrumentos de recolha de dados. Segundo Quivy e Campenhoudt (1998) a selecção dos métodos de recolha de dados depende “na realidade, dos objectivos da investigação, do modelo de análise e das características do campo de análise”.

As opções metodológicas escolhidas para o presente estudo obedeceram à existência prévia de um plano que possibilitasse seguir o caminho mais adequado para atingir o objectivo definido. Tendo como base a revisão da literatura consultada sobre o tema, foi desenvolvida uma metodologia apropriada para se proceder ao estudo exploratório sobre as revistas científicas electrónicas.

Desta maneira, a escolha dos métodos de recolha de dados recaiu sobre a utilização de dois instrumentos de recolha de dados: o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista. A abordagem a estes dois tipos de instrumentos, neste capítulo, vai incidir sobre a sua apresentação e sobre a sua aplicação prática neste estudo.

2.4.1 Inquérito por questionário

Segundo, Quivy e Campenhoudt (1998) o inquérito por questionário “consiste em colocar um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões (...) ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.”

Ao relembrar as perguntas enumeradas como ponto de partida para este estudo, tal como enunciadas no plano de investigação, é perceptível que a obtenção de alguns dos dados pretendidos, nomeadamente dos numéricos, deveria ser concretizada através do emprego de um instrumento de recolha de dados como o questionário.

No que diz respeito à fiabilidade, o inquérito por questionário é bastante fiável desde que se respeitem meticulosamente os procedimentos metodológicos quanto à sua concepção, selecção dos inquiridos e administração. Contudo, a opinião dos teóricos converge quanto à utilização de perguntas objectivas em detrimento das subjectivas, por aquelas demonstrarem um maior grau de fiabilidade em relação às segundas.

2.4.1.1 Vantagens e desvantagens

A principal vantagem da sua aplicação neste estudo prende-se com a possibilidade de *a posteriori* quantificar-se uma multiplicidade de dados e, por conseguinte, proceder-se a várias análises de correlação através da análise estatística dos dados recolhidos, recorrendo em particular à estatística descritiva.

No entanto, é preciso não esquecer que o inquérito por questionário apresenta algumas desvantagens: o elevado custo quando realizado por correio ou analisado estatisticamente (*software*); a superficialidade das respostas às perguntas pré-codificadas e a individualização dos entrevistados.

2.4.1.2 Elaboração e teste piloto

A elaboração do questionário foi levada a termo através do cruzamento de três eixos: o dos objectivos do estudo, ou seja, quais as perguntas a que se pretendia obter resposta com a sua realização, identificadas no plano de investigação; o da revisão da literatura sobre o tema e sobre os métodos de investigação feita até à data; o das indicações sobre os aspectos teórico-práticos de construção e aplicação deste método de investigação apreendidos no Seminário I, em Métodos Quantitativos, do Curso de Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciências da Informação.

Constituído por perguntas pré-codificadas fechadas, o questionário foi estruturado em duas partes: uma sobre a identificação da biblioteca e outra sobre a sua colecção de revistas científicas, com um total de 12 perguntas. Também se perguntou, no final, se os inquiridos estariam disponíveis para a realização de uma futura entrevista (*vide* apêndice 1).

Após o questionário ter sido concebido, foi realizado um teste piloto, pois como qualquer outro instrumento de recolha de dados os questionários devem ser testados (Bell, 2004): “para saber quanto tempo demoram os receptores a realizá-los (...) [e permitir] eliminar questões que não conduzam a dados relevantes”. Descobertos os problemas apresentados pelo instrumento de recolha de dados, considera-se que à partida terão sido eliminadas as dificuldades de resposta dos participantes no estudo e, por outro lado, poderá se realizar uma análise preliminar dos dados e verificar se o estilo e o formato das perguntas levanta problemas de análise.

Para realizar o teste piloto foram seleccionadas duas bibliotecas, com características idênticas às das bibliotecas incluídas na amostra, o que juntamente com a consulta a alguns colegas, à docente de Métodos

Quantitativos e ao orientador, levou à remodelação de duas questões e à introdução de uma nova.

2.4.1.3 Envio e recepção

O campo das análises foi circunscrito unicamente às bibliotecas da área da saúde em Portugal, o que inclui bibliotecas de Estabelecimentos de Ensino Superior, Unidades Hospitalares, Institutos, Associações, etc. O estudo foi realizado recorrendo a uma amostra da população, constituída por algumas das unidades documentais cooperantes na *Lista de publicações periódicas existentes em bibliotecas e serviços de documentação da área da saúde em Portugal*, da responsabilidade da APDIS (Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde), evitando-se deste modo o recurso a uma pesquisa prévia de quais as bibliotecas detentoras de revistas científicas adquiridas na área da saúde e um menor número de respostas inválidas para o estudo.

Num universo de cerca de 200 bibliotecas foram enviados 126 questionários pelo correio, juntamente com uma carta de apresentação e com um envelope-resposta pré-pago (*vide* apêndice 2). Embora inicialmente pudesse ser considerado um número elevado, optou-se por este universo de amostra essencialmente devido a dois factores: o período em que iria ser realizado o questionário, 27 Julho a 23 de Agosto de 2005, época de férias, e a crescente taxa de ausência de respostas neste método em estudos similares realizados por colegas.

2.4.1.4 Análise de dados

Devido às contingências impostas pelo período de tempo concedido para o desenvolvimento do projecto de investigação, os dados foram tratados utilizando somente o programa do *Windows, Microsoft Office Excel*, versão 2003.

Como já foi referido anteriormente, a utilização deste instrumento de recolha de dados permite efectuar uma análise dos dados através do recurso à estatística descritiva.

Dos cento e vinte e seis questionários enviados, sessenta e sete obtiveram resposta e cinquenta e nove não, sendo que seis questionários foram devolvidos sem terem sido abertos. Em termos percentuais pode-se dizer que houve um número satisfatório de respostas (53%), tendo em conta o número de questionários não respondidos (47%). Porém, não fica esquecido que este questionário faz parte de um trabalho de investigação, não havendo, por isso, qualquer obrigatoriedade de resposta.

Das respostas recebidas, 85% foram enviadas dentro do prazo estipulado, prolongando-se a recepção das restantes 15% até ao dia 18 de Setembro. A justificação para esta última data está certamente relacionada com o facto de o inquérito ter decorrido durante o período do ano em que parte das bibliotecas encerra por motivo de férias, ou em que os próprios profissionais da I-D estão ausentes a gozar férias.

Um dado indicador da abertura e interesse dos responsáveis das bibliotecas que responderam ao questionário sobre o tema abordado foi a percentagem de respostas positivas relativamente a uma possível entrevista, 69%, enquanto 7% responderam negativamente e 24% simplesmente não responderam.

As três primeiras questões formuladas estão directamente relacionadas com a biblioteca inquirida: tipologia, tempo de actividade e localização geográfica. Apesar do estudo se restringir única e exclusivamente às bibliotecas da área da saúde, nenhuma tipologia de entre estas foi seleccionada especificamente. No que respeita à recolha da data de início de actividade das bibliotecas, considerou-se que essa questão poderia vir a revelar-se importante quando conjugada com outros dados do questionário. A importância dada à localização geográfica prendeu-se não só com as relações que daí poderiam advir para a compreensão dos restantes dados recolhidos, mas também como critério de selecção das bibliotecas que integrariam a segunda fase do trabalho de campo, ou seja, as entrevistas.

Assim, dos questionários recebidos a maior percentagem de respostas, 50%, adveio de Estabelecimentos de Ensino Superior, 37% de Unidades Hospitalares, 9% de Institutos dividindo-se as restantes por Associações e Laboratórios. Quando foram seleccionadas as bibliotecas que iriam fazer parte deste estudo, houve o cuidado de enviar um número o mais aproximado possível de questionários para as diversas tipologias de bibliotecas, de modo a não existir um enviesamento do questionário logo à partida.

A maioria das bibliotecas situou o início da sua actividade entre 1970-1979, 40%, 15% entre 1990-1999, 13% antes de 1950, 12% 1980-1989, 7% entre 1950-1959 e outros 7% entre 1960-1969, sendo que a percentagem mais baixa, 6%, é posterior ao ano de 2000. É possível então constatar que a maioria das bibliotecas iniciou a sua actividade numa época em que as revistas científicas electrónicas ainda não existiam ou eram recursos pouco conhecidos e consequentemente não utilizados pelas mesmas.

A nível geográfico há um nítido destaque das três maiores regiões litorais do país, Norte com 22%, Centro, com 21% e Lisboa e Vale do Tejo, com

37%. No que concerne as regiões do interior, foram recebidas 5 respostas do Norte, 4 do Centro e 3 do Alentejo. Da Região Autónoma dos Açores chegaram 2 respostas.

2.4.2 Inquérito por entrevista

Não se pode conceber a ideia de um projecto de investigação sem que lhe esteja subjacente um processo de recolha de dados, como já foi demonstrado anteriormente. No caso da investigação qualitativa, várias são as técnicas utilizadas e apesar da diversificação da terminologia consoante os autores, podemos verificar que o que existe de facto são diferentes perspectivas. Enquanto Gorman e Clayton (1997) falam em: "observations", "interviews", "group discussions" e "historical studies", Patton (1990) refere-se a "observations", "interviews" e como variação desta aos "focus group" e "documentation". Carmo e Ferreira (1998), por sua vez, falam em observação participante, entrevista em profundidade e análise documental.

Patton (1990) define de um modo simples mas explícito que "qualitative interviewing begins with the assumption that the perspective of others is meaningful, knowable, and able to be made explicit."

A fiabilidade e a validade dos dados recolhidos através das entrevistas podem ser conseguidas através da triangulação, neste caso de métodos, sendo a comprovação da sua existência ou ausência, no estudo, verificada através da capacidade do mesmo em dar a resposta correcta ao problema inicialmente colocado.

2.4.2.1 Vantagens e desvantagens

Como qualquer outro instrumento de recolha de dados a entrevista tem gerado, ao longo dos anos, muita discussão, como é verificável na literatura que aborda o uso de entrevistas em projectos de investigação, sendo constantemente enumeradas as suas virtudes e limitações como forma de persuasão de um ou de outro ponto de vista.

Todavia, num ponto existe concordância, isto é, em como este é um instrumento de recolha de dados importante quando se trabalha numa investigação qualitativa.

A utilização da entrevista, segundo Gorman e Clayton (1997) apresenta três vantagens: "The first advantage of interviewing is that it allows you to receive an immediate response to a question, unlike other forms of data collection [...] In addition, interviewing allows both parties to explore the meaning of questions posed and answers proffered, and resolve any

ambiguities. [...] The third advantage is that interviewing can enable a researcher to explore causation”.

Por outro lado, a utilização da entrevista acarreta também alguns aspectos menos positivos que devem ser tidos em consideração, nomeadamente o tempo e o custo inerentes à aplicação deste instrumento, a possibilidade de que os dados recolhidos sejam demasiado pessoais, pouco objectivos e pautados pela ausência de crítica, já para não falar no facto de requerer uma maior especialização do investigador.

O facto da recolha de dados tratar-se de uma situação presencial faz com que no acto de se entrevistar se tenham de gerir três problemas em simultâneo: a influência do entrevistador no entrevistado, as diferenças que entre eles existam (de género, de idade, sociais e culturais) e, por fim, a sobreposição de canais de comunicação (Carmo e Ferreira, 1998).

2.4.2.2 Tipos de entrevistas

No que concerne à entrevista, existem várias tipologias. Enquanto Gorman e Clayton (1997) classificam as entrevistas simplesmente em “structured or survey interviews” e “unstructured interviews”, já Patton (1990) fala em três tipos de entrevistas: “the informal conversational interview”, “the general interview guide approach” e a “standardized open-ended interview. Para o presente estudo foi utilizada a entrevista semi-estruturada com perguntas abertas e fechadas.

2.4.2.3 Elaboração e teste piloto

A elaboração do guião da entrevista requer uma maior atenção e trabalho por parte do investigador, no sentido em que este irá utilizar aquele método de recolha de dados não só para corroborar dados adquiridos através do questionário mas também para apreender novos dados no caso em questão.

Como forma de testar a viabilidade da entrevista e tendo sempre em atenção as palavras de Patton (1990) de que “an interview question is a stimulus that is aimed at creating or generating a response from the person being interviewed”, foi realizada uma entrevista piloto, numa biblioteca com exactamente as mesmas características que as bibliotecas seleccionadas para integrarem a segunda fase da investigação de campo. Esta entrevista revelou a necessidade de modificação de duas questões, sem a qual poderia haver alguma possibilidade de ambiguidade na compreensão destas e, logo, um eventual viesamento dos dados.

Recebidos e tratados os dados do inquérito por questionário, a segunda fase da investigação de campo consistiu na selecção de uma amostra de

seis bibliotecas, para a realização de entrevistas aos seus responsáveis. A escolha das bibliotecas a entrevistar deveu-se, em primeiro lugar, à aceitação dos seus responsáveis em conceder as entrevistas para este estudo, tal como assinalado nas respectivas respostas ao questionário. De seguida, como a maioria das bibliotecas que respondeu ao questionário era da região Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo zona litoral, foram seleccionadas duas bibliotecas em cada uma dessas zonas. Em terceiro lugar, na selecção teve-se em conta a tipologia das bibliotecas, ou seja, foi seleccionada a maior variedade possível de bibliotecas da área da saúde integradas neste estudo: duas do Ensino Superior, duas Hospitalares, uma de um Instituto e outra de um Laboratório.

2.4.2.4 Guião da entrevista

A versão final do guião da entrevista resultou da confluência de quatro factores: os objectivos do estudo, a revisão da literatura, os resultados dos questionários e a entrevista piloto.

O guião da entrevista é constituído por quatro partes e uma pequena introdução (*vide* apêndice 3). Na primeira parte, são apresentados os objectivos da entrevista e é garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos.

A segunda parte aborda a questão das revistas científicas electrónicas, iniciando-se com a pergunta: "Começaria por perguntar qual é, na sua opinião, a importância das revistas científicas electrónicas numa biblioteca especializada?". Seguem-se mais quatro questões de cariz específico sobre a opinião do entrevistado sobre este recurso, duas das quais introduzindo até uma segunda questão: "Pode dizer-me porque pensa assim?".

A terceira parte tem por objectivo focar aspectos mais concretos da colecção de revistas científicas electrónicas da própria biblioteca. É constituída por onze questões, em quatro das quais foi introduzida uma segunda questão: "Poderia explicar-me porquê?". Pretende-se aqui abordar a ligação entre as revistas científicas electrónicas e a biblioteca, os profissionais da I-D e os utilizadores.

A quarta parte consiste numa pequena recolha de dados identificativos com o propósito de se poder comparar a entrevista com as restantes efectuadas noutras regiões do país.

A quinta parte conclui a entrevista, dando oportunidade ao entrevistado de acrescentar mais alguma informação que venha a achar pertinente para a entrevista sobre o tema. Nela se pergunta, ainda, se o entrevistado

estaria de futuro interessado em receber mais informações sobre o desenvolvimento da investigação.

A estrutura deste guião foi cuidadosamente preparada de modo a que a informação obtida correspondesse à pretendida, tendo sempre em consideração dois aspectos fundamentais: a clareza e a neutralidade.

2.4.2.5 Realização da entrevista

Muitos são os aspectos que a literatura refere como necessitando imperativamente da nossa atenção aquando da realização de uma entrevista, a saber, por exemplo: a data e o local da realização da entrevista, as necessidades do entrevistado, o modo como o entrevistador se veste para a ocasião, etc.

As entrevistas são normalmente realizadas no local de trabalho dos entrevistados, sobretudo por uma questão de comodidade e melhor gestão do tempo dos mesmos.

Gorman e Clayton (1997) estruturam a realização de uma entrevista de acordo com as seguintes fases: "introductions; obtaining permission to record, if necessary; establishing rapport and putting the interviewee at his or her ease; prepared questions [...]; then more open-ended questions; an opportunity for the interviewee to raise any matters which may have been overlooked; and concluding remarks and thanks."

É importante que ao longo da entrevista seja mantida uma atmosfera aberta e não crítica, encorajando o entrevistado a manter o fluxo de informação, observando constantemente a sua reacção verbal e corporal, sem contudo, induzir a respostas ou interferir de qualquer modo na exposição feita pelo entrevistado. Todavia, é necessário que exista um certo controlo sobre o decurso da entrevista. Para tal é crucial, segundo Gorman e Clayton (1997): "Keep it relevant by using your interview guide [...] and attempting to relate answers to the information you came seeking" e, nas palavras de Patton (1990), "[...] (1) knowing what one wants to find out, (2) asking the right questions to get the desired answers, and (3) giving appropriate verbal and non-verbal feedback to the person being interviewed."

Manter o equilíbrio entre a necessidade de deixar os entrevistados exporem os seus pontos de vista e a necessidade de os manter focados nos assuntos é crucial, para a obtenção de uma boa entrevista. Assim tudo foi feito para que existisse uma permanente consonância entre o entrevistador e o entrevistado. Contribuíram para isso uma boa linguagem corporal e o incentivo verbal, estimulando a conversa quando esta estava



focalizada na pergunta feita e, quando existia alguma divagação, reencaminhando-se a conversa para o tópico pretendido.

2.4.2.6 Gravar e transcrever

A utilização de gravadores como forma de registo das entrevistas é aconselhada por vários autores e foi, também, adoptada neste estudo. Patton (1990) refere que “a tape recorder is part of the indispensable equipment of researchers using qualitative methods [...] increasing the accuracy of data collection, the use of a tape recorder permits the interviewer to be more attentive to the interviewee”. Enquanto Gorman e Clayton (1997), citando Brenner, afirmam que “tape recording removes a source of potential distraction, and frees the interviewer to guide the interview, check that answers are complete and consistent, and plan future questions.”

Optar por gravar as entrevistas também pode acarretar alguns problemas, tais como: a redução do à-vontade do entrevistador; a fraca qualidade da gravação devido a ruídos externos; a enorme quantidade de horas de conversação para ouvir e transcrever. No entanto, apesar destes aspectos menos positivos, gravar as entrevistas vai ainda, segundo Gorman e Clayton (1990), salvar o investigador de ouvir aquilo que espera ouvir em vez do que foi realmente dito, caindo assim em partidas da própria memória.

No que diz respeito a alguns aspectos técnicos a ter em conta quanto ao processo de gravação, é importante considerar os seguintes pré-requisitos: o gravador ser de pequenas dimensões e silencioso; estar abastecido com baterias novas; ter o nível do som ajustado, para uma boa optimização da gravação, bem como ter uma cassette com uma capacidade de gravação superior ao tempo previsto inicialmente para a entrevista; evitar estar sempre a ligar e a desligar o gravador. Controlados estes factores, evitam-se focos de distracção ao longo da entrevista.

A autorização para a gravação das presentes entrevistas foi pedida com a devida antecedência, aquando do contacto telefónico, posterior ao envio da carta em que se solicitava a entrevista e se combinava a data e o local onde a mesma iria decorrer (*vide* apêndice 4). Também foram tomadas todas as medidas para que o entrevistado se sentisse o mais à-vontade possível com o processo de gravação, sendo reiterada, uma outra vez, a confidencialidade e o anonimato da entrevista.

Após a entrevista, foram registadas observações sobre o comportamento verbal e não verbal do entrevistado, bem como sobre o ambiente em que a mesma decorreu. Tal registo permitiu levantar hipóteses mais seguras

sobre a autenticidade das respostas obtidas e sobre o grau de liberdade com que foram dadas.

As declarações prestadas e registadas no gravador foram integralmente transcritas manualmente com o propósito de facilitar o tratamento da informação *a posteriori*, permitindo, assim, obter uma análise mais detalhada, como diz Patton (1990, "Transcripts can be enormously useful in data analysis and later in replications or independent analyses of the data". Não obstante isto, autores como Gorman e Clayton (1990) consideram-na "a time consuming and soul-destroying task", outros, autores, ainda, consideram inclusive a possibilidade de não se transcrever a entrevista na íntegra e sim só algumas partes, obviamente como forma de reduzir os custos e o tempo aplicados nesta tarefa.

De modo a, por um lado, manter o anonimato das bibliotecas entrevistadas, cumprindo-se, assim, um dos pressupostos das entrevistas, e a, por outro lado, assegurar a clareza da compreensão dos dados recolhidos por parte do eleitores deste estudo, aquando da análise e interpretação daqueles no capítulo das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal, optou-se por identificar as citações retiradas das entrevistas e incorporadas ao longo do texto através de um código alfanumérico (*vide* tabela 1):

Tabela 1

Código de identificação	Tipologia da biblioteca
B1	Biblioteca de Instituto
B2	Biblioteca do Ensino Superior
B3	Biblioteca de Unidade Hospitalar
B4	Biblioteca de Laboratório
B5	Biblioteca do Ensino Superior
B6	Biblioteca de Unidade Hospitalar

2.4.2.7 Análise dos dados

Com base nas palavras proferidas por Patton (1990): "a practical reminder that both the science and the art of qualitative analysis are constrained by limited time", justifica-se a não utilização de um programa de análise de dados qualitativos, neste estudo, apesar de inicialmente ter sido colocada a hipótese da utilização do programa ATLAS.ti⁵.

⁵ O ATLAS.ti é um programa utilizado para a análise qualitativa de grandes quantidades de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo.

Goeman e Clayton (1990) apresentam de uma forma inusitada mas esclarecedora o processo de análise de dados qualitativos: "During data reduction the researcher-scientist condenses volumes of data into quantifiable analytical units; data are manipulated and reconfigured in an attempt to discover patterns and connections not previously apparent. The researcher-artist then summarizes complex data in charts, graphs and other illustrations requiring creative, interpretative skills to draw out the full meaning of relationships between units and to integrate these interpretations into a meaningful account."

Semelhantemente ao que sucederá com qualquer outra técnica de investigação, a análise de dados implica a definição prévia de objectivos e de um quadro de referência teórico, sendo a transcrição das entrevistas o *corpus* da análise. Segue-se a definição das categorias que Grawitz (*apud* Carmo e Ferreira, 1998) define como sendo "rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente quantificado", as quais podem ser feitas *a priori* ou *a posteriori*.

No presente estudo, tal como já oportunamente foi referido, não existiu uma definição de categorias *a priori* visto tratar-se de um estudo do tipo exploratório. Evitou-se, desta maneira, a definição de categorias que posteriormente correriam o risco de perderem a sua pertinência. Assim sendo, tal como explicam Carmo e Ferreira (1998), relativamente à elaboração das categorias foram tidos em atenção os seguintes aspectos: exaustividade (todo o conteúdo a classificar deve ser integralmente incluído nas categorias consideradas); exclusividade (os mesmos elementos devem pertencer a uma e não a várias categorias); objectividade (as características de cada categoria devem ser explicitadas sem ambiguidade); pertinência (as categorias devem manter uma estrita relação com os objectivos e com o conteúdo que estão a ser classificados). Numa definição de categorias *a posteriori* são dois os aspectos a ter em conta: efectuar várias leituras aos textos transcritos e ter em atenção os objectivos da investigação. Por fim, elas não devem ser demasiado numerosas ou pormenorizadas, nem também em números insuficientes e demasiado englobantes.

2.5 Aplicação prática da metodologia

Apresentadas as opções metodológicas seguidas para a concretização deste estudo, algumas considerações devem ser feitas sobre a sua aplicação prática.

Alguém que inicie a sua vida de investigador e que até à data, apesar de não desconhecer por completo as implicações e procedimentos da realização de um trabalho científico, não domine com o à-vontade

necessário os vários métodos de investigação, nomeadamente, o método qualitativo, mais do que o quantitativo, poderá encontrar-se inicialmente perdido.

Foi o recurso à literatura sobre a metodologia que de certa forma não só proporcionou conhecimentos teórico-práticos valiosos, como também viabilizou a concretização deste estudo, pois orientou-o no melhor percurso a seguir. No entanto, permanece-se bem ciente de que aquilo que foi aprendido se resume ao início de uma longa estrada de conhecimento ainda por percorrer.

A elaboração, teste, envio, recepção e análise do inquérito por questionário não levantou grandes problemas, apesar deste ter sido aplicado numa época tida como de férias por excelência (Julho-Agosto), o que suscitou alguma receio relativamente a um eventual número diminuto de respostas. Note-se, ainda, o facto de o questionário ter perguntas que implicavam por parte dos inquiridos um levantamento histórico das aquisições de revistas científicas impressas e electrónicas nas suas bibliotecas, o que poderia também ter contribuído para baixar significativamente o número de respostas. Porém, acredita-se que o factor férias terá tido um maior peso na percentagem de respostas do que propriamente o factor da complexidade de preenchimento do questionário.

A análise deste, apesar de naturalmente trabalhosa, foi feita num espaço consideravelmente curto de tempo. Considera-se que tal deveu-se à aquisição progressiva de um maior conhecimento e prática na aplicação do inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados.

Por sua vez, a elaboração, teste, realização, transcrição e análise do inquérito por entrevista, já não foi uma tarefa tão facilmente levada a termo. A elaboração do guião da entrevista revelou-se difícil, dadas as particularidades inerentes ao mesmo, tanto técnicas como de conteúdo. Ultrapassada essa fase, o teste piloto foi o meio de confirmar não só a qualidade/viabilidade do guião, bem como a do próprio investigador como entrevistador. Uma vez obtido o resultado positivo, adquiriu-se uma maior confiança e as entrevistas decorreram bem.

A transcrição e análise das entrevistas veio corroborar alguma falta de experiência na aplicação deste instrumento de recolha de dados, como se verificou pela grande quantidade de tempo despendido para a realização destas duas tarefas, no total cerca de 35 horas de trabalho.

Apesar das maiores ou menores dificuldades sentidas, no desenvolvimento desta ou daquela fase do trabalho de investigação, conclui-se com o sentimento que a importância e o tempo dedicados à metodologia aplicada neste estudo foram um bom investimento.

CAPÍTULO III

REVISTAS CIENTÍFICAS ELECTRÓNICAS REVISÃO DA LITERATURA

“Las publicaciones electrónicas significan una revolución respecto a las publicaciones impresas, de la misma manera que estas significaron una revolución respecto de los manuscritos.”

(Echavarría, 1993)

3.1 Introdução

Com este capítulo pretende-se apresentar uma revisão da literatura de forma a contextualizar as revistas científicas electrónicas, através da abordagem aos seus aspectos, da discussão de problemas e de soluções empreendidas ou consideradas, e do realce de áreas merecedoras de investigação adicional.

Dada a grande extensão do actual tópico e a impossibilidade de abordar todas as áreas com ele relacionadas, a revisão da literatura foi dividida em onze partes, tendo nela sido incluídos os principais assuntos actualmente em debate, a saber:

- Revistas científicas electrónicas;
- Definição;
- Vantagens e desvantagens;
- Critérios de selecção;
- Acesso;
- Preço;
- Catalogação e metadados;
- Arquivo;
- *Copyright* e licença;
- Estudo de utilizadores;
- O papel do profissional da I-D.

A maioria destes assuntos é vasta, complexa e interdependente. Logo, esta revisão é basicamente limitada à literatura publicada nos últimos dez anos (1995-2004). A revisão apesar de prestar especial atenção ao contexto europeu, destacando-se o Reino Unido, e aos Estados Unidos da América tenta ser o mais abrangente possível. No que diz respeito à

literatura portuguesa sobre o tema, durante a pesquisa bibliográfica pouca informação de relevo foi encontrada.

3.2 Revistas científicas electrónicas

As revistas científicas electrónicas apresentam um sem número de não só novos desafios como também de novas oportunidades para todos aqueles cuja função é fornecer informação, como por exemplo, os profissionais da I-D, em todos os aspectos do seu trabalho.

Não obstante as revistas científicas electrónicas serem formatos relativamente novos, Nisonger (1997) acredita que "most traditional library functions are applicable to electronic journals: selection, policy making, collection evaluation, staff and user education, cataloguing, budgeting, and archiving/preservation". Tanto Woodward (1998) como Smith (1998) dão ênfase aos novos níveis de complexidade e diversidade associados com a provisão de revistas científicas electrónicas às bibliotecas. Smith (1998) acredita que "everything about electronic journals is more complex: acquiring them, obtaining a licence to use them, creating bibliographic records for them, providing access to them, holding on to them perpetuit".

Parece pouco provável que o conceito de biblioteca e de arquivo do conhecimento permaneçam estáticos. Tagler (1998) afirma que a filosofia das bibliotecas tem vindo a modificar-se de "collection building" para "information provision". Esta alteração é evidente no próprio ambiente do impresso, no sentido em que muitas bibliotecas abandonam a noção de formação de colecções e tentam simplesmente responder às necessidades dos utilizadores. Esta transformação na missão das bibliotecas está a ser acelerada pelo mundo electrónico.

3.3 Definição

O que é uma revista científica electrónica? De maneira simples e clara, Jones e Cook (2000) explicam que "an e-journal is a digital periodical that is published on the Internet or World Wide Web". Na verdade, não existe uma definição universalmente aceite de revista científica electrónica. Rustad *apud* Tomney e Burton (1998) afirma que "an electronic journal is a periodical – regular or irregular – and moderated unit made available in an electronic format, either on a static medium or via computer networks". Já Edwards (1997) define as diferenças entre revista científica electrónica e em linha:

"Electronic – one where the text is read on, and/or printed from, the end user's computer rather than as print on paper. Online – the data is

download directly from the host computer rather than via an intermediate medium such as CD-ROM”.

As definições de uma revista científica electrónica evoluem do conceito de uma revista científica só com o resumo em linha para o de texto completo, de um recurso de informação altamente munido de ligações. Boyce (1999) define uma revista científica electrónica como “a linked, permanent information resource for transferring reliable and accurate information from the producer to the reader”. O autor considera estas três características como sendo as mais importantes, uma espécie de carimbo oficial de uma boa revista científica electrónica. Cada uma delas define as diferenças entre o estatuto da revista científica electrónica e o estatuto da revista científica em formato papel.

A noção de “continuum” presente em diferentes tipos de revistas científicas, sobre a qual escreve Edwards (1997), é revista por Nisonger (1997) do seguinte modo:

“Electronic journals may be: electronic only; an electronic only version of a former print journal; or simultaneously electronic and print. The term electronic journal has been applied to journals that are available: by CD-ROM, such as ADONIS; online, as for example, through DIALOG; or network, such as the Internet or Bitnet. Electronic journals can be: free; paid subscription; pay per use; or licensed for access rights. Some can only be subscribed to as part of a multi-journal package. Some electronic journals organized articles into issues, while others release articles separately. They can be stored on a local library or campus computer, or accessed from a remote site.”

3.4 Vantagens e desvantagens

Os autores Ludwick e Glazer (2000), Roes (2003) e Aguiar (2003), apresentam, simultaneamente, um quadro de vantagens e desvantagens.

Quando considerada a aquisição destas revistas através de consórcios entre bibliotecas, o seu custo, incomportável para cada instituição individualmente, torna-se numa significativa vantagem, uma vez que o preço da assinatura é dividido pelas várias unidades documentais participantes.

Uma das vantagens, apresentadas recorrentemente na literatura, é sem dúvida a rápida difusão e distribuição da informação, através de suportes tecnológicos que permitem uma maior acessibilidade e disponibilidade, inclusive em acesso remoto (fora das paredes da biblioteca) e frequentemente em uso simultâneo por vários utilizadores. As estas características vantajosas dos recursos electrónicos alia-se uma maior facilidade de pesquisa, através da pluralidade e da combinação de vários

pontos de acesso (a pesquisa booleana, por exemplo), bem como a conjugação de recursos multimédia (som, vídeo, imagem) num único suporte, inexistentes na versão em suporte papel.

Todavia, à facilidade no acesso alguns autores contrapõem a falta de controlo de qualidade das fontes e os problemas legais suscitados pelos direitos de *copyright*, que, por sua vez, afastam alguns autores de prestígio das publicações em linha.

Na verdade, as potencialidades oferecidas pela tecnologia não estão isentas de algumas desvantagens, tais como: a necessidade de um equipamento interoperável para a leitura dos documentos; as dificuldades técnicas no acesso e no browsing; a falta de acessibilidade devido à formação insuficiente de quem gere e tem acesso aos recursos electrónicos.

O facto de o arquivo destas publicações electrónicas não requerer um espaço físico para o seu armazenamento, será, talvez, umas das vantagens mais valorizadas pelos profissionais da I-D.

Porém, à vantagem da impressão e/ou do guardar do *download* dos documentos electrónicos, pode-se contrapor também à insegurança da sua informação, isto é, a possibilidade desta ser alterada pelos utilizadores, outro factor que contribui para o descrédito da autoridade destas fontes.

Por último, alguns dos autores afirmam, ainda, que as revistas científicas electrónicas colocam algumas dificuldades no momento de distinção entre informação primária e secundária, o que constitui uma sua clara desvantagem.

3.5 Critérios de selecção

Nas bibliotecas tradicionais o processo de desenvolvimento das colecções tem sido até agora bem estabelecido através de critérios definidos para a selecção de documentos. Porém, é crucial avaliar se os critérios de selecção utilizados actualmente são os apropriados para determinar a selecção de revistas científicas electrónicas.

A discussão centra-se na importância de saber quais os critérios de selecção que devem ser utilizados para identificar os títulos a adquirir para a colecção. Woodward (1994) acredita que as revistas científicas electrónicas, produzidas unicamente no formato electrónico, são mais difíceis de descobrir, porque aquelas disponíveis de modo gratuito na Internet têm pouco ou quase nenhum orçamento para marketing e, por isso mesmo, raramente conseguem integrar as fontes bibliográficas

tradicionais. Pelo contrário, Edwards (1997) acredita que “an identification of suitable titles is in some way easier in the electronic medium”.

3.5.1 Avaliação

Existe uma espécie de consenso geral em como os critérios de avaliação existentes para as revistas científicas electrónicas devem seguir os mesmos princípios estabelecidos para as revistas científicas impressas. Os critérios prevalentes de selecção considerados por Edwards (1997), Nisonger (1998), Leathem (1998) e Woodward (1998) são: a sua importância para os utilizadores; a qualidade/peer review; o estatuto do editor; entre outros. Giménez, Román e Sánchez (1999) justificam que a avaliação das revistas científicas deve ser feita devido à “la multiplicidad de títulos en el mismo campo temático, la poca cobertura, el financiamiento, la calidad del contenido, su incorporación a las bibliotecas, su indización en bases de datos, etc”.

A avaliação da integridade e da estabilidade das revistas científicas pelos editores, serviços de indexação e profissionais da I-D, é para Leathem (1998) algo essencial, sendo a estabilidade considerada como um factor crucial.

A tradição do processo de avaliação das revistas científicas data já de 1934, ano em que Samuel Bradford publicou *Mathematical law of Bradford* onde a mesma era “vista [...] como una simples observación empírica que intentaba medir la “productividad” de las revistas científicas” (López e Cordero, 2003).

Outro elemento importante, de acordo com Morse e Clintworth (2000), e a ter em consideração, quando se pretende equilibrar a competição ainda existente entre as colecções de revistas científicas electrónicas e as colecções de revistas impressas, no momento da avaliação, é “how these collections are used in order to maximize their investments in acquisitions funds and staff time”.

No seu estudo, López e Cordero (2003) apresentam um dos vários instrumentos existentes para fazer a avaliação das revistas científicas electrónicas, salientando a importância do facto de os resultados obtidos nos processos de avaliação serem portadores de informação real e objectiva sobre a situação de cada publicação, conduzindo assim o profissional da I-D a tomar a melhor decisão no que concerne às aquisições a efectuar.

3.6 Acesso

A integração de revistas científicas electrónicas na colecção de uma biblioteca levanta uma série de questões quer para os profissionais da I-D quer para os editores, a saber: as exigências da tecnologia, tais como os diferentes formatos electrónicos nos quais as revistas científicas electrónicas estão disponíveis; as diferentes aplicações *Web* requeridas para ver os artigos; os métodos de autenticação utilizados pelo editor para o acesso; a necessidade de alertar dos utilizadores para o acesso em linha. A discussão prende-se ainda com duas funções separadas de acesso, ou seja, o acesso electrónico fornecido pelo editor e o acesso local fornecido pela biblioteca para os seus utilizadores.

Através de um estudo exploratório efectuado em bibliotecas da *Association of Research Libraries* (ARL), Connway e Lawrence (2003) apresentam resultados relativos à identificação dos recursos necessários para a transição de uma biblioteca “de papel” para uma biblioteca “digital”: “The findings of this study indicate an agreement among the participating librarians that labor, aggregate space requirements, and material resources are estimated to be less in a [...] digital than in a paper library”.

As abordagens e os hábitos de pesquisa dos utilizadores, quer no mundo do impresso quer no mundo em linha, foram estudados por Curtis e Paoshan (2002), tendo-se constatado que a pesquisa das revistas científicas é sempre realizada segundo três perspectivas: a procura de artigos sobre um determinado tema, indiferentemente das fontes; procura de acesso a artigos que já foram identificados ou, ainda, a consulta de todo os conteúdos de uma determinada revista científica, incidindo, frequentemente, sobre o número mais recente. Assim é da responsabilidade das bibliotecas providenciar um “easy access to journal contents [...] libraries must intelligently choose their e-journal access approaches, depending on the users needs and the available resources of staff and time”.

3.6.1 Segurança

Machovec (1997) defende que o elemento chave ao lidarmos com os editores é o de como oferecer acesso às suas revistas científicas electrónicas na rede, enquanto se mantém a segurança para os assinantes autorizados e se impede o acesso aos restantes utilizadores. O autor considera que o total acesso à publicação completa requer autenticação e sintetiza os dois métodos mais comuns de restrição de acesso, os quais incluem uma palavra-passe para o assinante ou a utilização de um domínio limitado da Internet:

"In addition to IP filtering and server-based pass wording models, many libraries and consortia are looking for additional options such as the ability for a Web-based script to query a patron file in a library circulation system or a campus registration system that would then allow authorized users access."

Ao discutirem os benefícios e as dificuldades destas soluções, Chadwell e Brownmiller (1999) mantêm a opinião de que "the use of individual IDs and passwords can help to reassure the publisher that each person accessing its service is aware of copyright and license restrictions."

3.6.2 Métodos e formatos de publicação

Schoonbaert (1998) é de opinião que os editores têm várias razões para enveredar pelo ciberespaço: "Electronic documents hardly occupy physical space, can be copied endlessly without quality loss and be distributed almost at once around the globe."

São três os modelos possíveis para a publicação em rede das revistas científicas electrónicas, sugeridos por Pullinger (1994): através de correio electrónico, através da rede local e através de uma central hospedeira onde os utilizadores possam fazer browse e downloads dos itens relevantes para a sua pesquisa. Contudo, Day (1998) acredita que o último ponto focado por Pullinger parece ser o modelo corrente favorito, provavelmente por causa da influência da *World Wide Web*.

Os formatos utilizados têm sido discutidos por Luther (1997), Machovec (1997), Day (1998), De Robbio (1998) e Schoonbaert (1998). Entre eles destacam-se: o mais simples e mais comum dos formatos, *American Standard Code for Information Interchange (ASCII) and bitmaps*; o popular *PostScript* e a sua relação mais flexível, *Adobe's Portable Document Format (PDF)*; o *Hyper Text Markup Language (HTML)* e o seu parente *Standard Generalised Markup Language (SGML)*. Para Machovec (1997) o PDF com *Adobe Acrobat* é o formato normalmente utilizado pelos editores para converterem o texto tradicionalmente impresso em formato electrónico, visto a página ter exactamente o mesmo aspecto da página da versão impressa.

Outras revistas científicas electrónicas utilizam o HTML, porque assim tiram vantagem da utilização do hipertexto e das ligações multimédia, em vez de somente fazerem uma réplica da versão impressa. Todavia, Day (1998) acredita que o HTML nem sempre é o formato ideal para as revistas científicas electrónicas sobre Ciência, Tecnologia e Medicina porque "it has limitations in encoding some special characters and relies on inline graphics or helper applications for the full display of ilustrations". Por seu lado, Wusterman (1997) ao descrever todos estes formatos

considera o "HTML a more viable format for serial article full-text. But it's unlikely to rival PDF for layout quality. PDF will continue to ride high for quite some time until something better appears".

No mercado, algumas bases de dados, projectos e editores, utilizam as duas técnicas, a fim de suportar a pesquisa do texto em HTML, enquanto o texto integral do próprio artigo está disponível em PDF. Wusterman (1997) e Day (1998) consideram exemplificativos disso o *International Digital Electronic Access Library* (IDEAL), serviço prestado pela *Academic Press* e o *Project Muse* da *Jonhs Hopkins University Press* (vide <http://muse.jhu.edu/>). Para Machovec (1997) e De Robbio (1998) os projectos baseados no SGML, como é o caso dos desenvolvidos pela Elsevier e Springer, vão se tornar mais comuns, no futuro.

A escolha do formato electrónico é de grande importância para a questão do arquivo. Tagler (1998), por sua vez, defende que a longo prazo, o SGML "offers the best alternative for the foreseeable future as it is designed to be transferable to developing technologies."

Já alguns anos mais tarde, Baptista (2002) e Aguiar (2003) falam sobre o *Xtensible Markup Language* (XML) que foi originalmente concebido para responder aos desafios das publicações electrónicas em grande escala. Segundo, Aguiar (2003) o XML "está diseñado para llevar el potencial del SGML [...] pero simplifica las reglas más complejas o menos utilizadas, como las de minimización de tags⁶".

3.6.3 Modos de acesso

Existem diferentes métodos para se aceder à informação contida nas revistas científicas electrónicas. Várias são as possibilidades de providenciar o acesso em linha ao texto completo das revistas científicas electrónicas pelos editores e serviços de gestão de assinaturas de periódicos, como demonstram Luther (1997), Machovec (1997), De Robbio (1998) e Schoonbaert (1998). Machovic (1997) afirma que a decisão de alguns editores em disponibilizarem as suas revistas científicas electrónicas directamente através da *Internet* "offers the opportunity for total controlo, value-added features and no intermediaries". Outros editores, contudo, usam um serviço intermediário, que agrega títulos de diferentes editores sob um interface ou sistema de pesquisa (Machovec, 1997): "This means that publishers do not have to create and maintain their own separate system and that the end-user may go to an aggregator for many different titles under a common point of presence".

⁶ No SGML e outras linguagens de marcação de texto as *tags* são comandos que especificam como as diferentes partes do texto devem ser formatadas para exibição.

De Robbio (1998), Luther (1997) e Machovec (1997) elaboraram uma lista dos maiores editores e serviços de gestão de assinaturas de periódicos, apresentando uma breve avaliação de algumas das principais tendências, na década de 90, relativamente ao acesso a revistas científicas electrónicas. As principais características respeitantes à disponibilidade do serviço, ao número de títulos, aos métodos de acesso, características distintivas dos seus sistemas, detalhes dos seus produtos e colaboração com outros produtos em linha são fornecidos aí. Porém, Luther (1997) procurou introduzir na lista editores que oferecessem integralmente, "cover-to-cover", a reprodução da versão impressa, mas descobriu que "even the primary publishers may not replicate the complete print version in electronic form, due to the nature of the material".

O aumento da preocupação por parte da comunidade científica sobre o acesso à literatura científica, técnica e médica, faz nascer, no final dos anos 90, o chamado movimento do *open-access*, como resposta a dois fenómenos: desenvolvimento das revistas científicas electrónicas e espectro ascendente da chamada "serial crisis", Tenopir e King (1997). Segundo Clarke (2004) "open-access simply means that content is freely available on the World Wide Web without the need of a subscription or payment".

Os participantes na Budapest Open Access Initiative em 2001 (*vide* <http://www.soros.org/openaccess/read.shtml>) defenderam não só o acesso livre à literatura científica, mas também o direito dos utilizadores de "read, download, copy, distribute, print, search, or link to the full texts of these articles, crawl them for indexing, pass them as data to software, or use them for any other lawful purpose, without financial, legal, or technical barriers other than those inseparable from gaining access to the Internet itself. The only constraint on reproduction and distribution, and the only role of copyright in this domain, should be to give authors control over the integrity of their work and the right to be properly acknowledged and cited".

Gorada a esperança de que o passar do tempo e a visível adesão de editores, bibliotecas e utilizadores às revistas científicas electrónicas, conduzissem a um baixar dos preços, em 2000 criou-se o primeiro modelo de serviço de disponibilização de revistas científicas electrónicas sem custos para os utilizadores: a BioMed Central (*vide* <http://www.biomedcentral.com/>). As publicações disponibilizadas possuem o *peer review*, mas não são submetidas ao processo editorial de revisão. A este serviço, recentemente, juntaram-se vários outros serviços completos de revistas científicas completamente grátis (Clarke, 2004).

3.7 Preço

A questão do preço é consideravelmente mais complexa para as revistas científicas electrónicas do que o é para as de formato tradicional impresso, visto o formato electrónico permitir um sem número de diferentes opções oferecidas pelos editores. Segundo, Machovec (1997) este será “perhaps one of the most uneven, confusing and frustrating phenomena facing publishers and subscribers is how to charge for electronic journals”. Os modelos de subscrição disponibilizados por um determinado número de editores foram examinados por Kevil (1997), Bannerman (1998), Robnett (1998) e Prior (1999). Do seu trabalho conclui-se serem os modelos de custo mais comuns: o acesso electrónico gratuito com a subscrição da versão impressa; o combinado impresso e electrónico, por um preço, ou o impresso e electrónico com um desconto (10% - 20%). Outros modelos, também discutidos por Curtis e Paoshan (2002) incluem: o pacote de todos os títulos electrónicos do editor, sendo a versão impressa opcional; o preço baseado no número de profissionais da I-D a tempo inteiro, número de utilizadores, número de IPs, número de postos de trabalho, etc.; preços por consórcio; preços por artigos individuais; taxas extra para *software* ou plataformas.

Prior (1999) acredita que a razão para esta variedade reside no facto dos editores estarem à procura de uma solução adequada para as suas próprias necessidades, por exemplo, no que se refere aos direitos de autor. Por outro lado, as bibliotecas consideram que as sobrecargas são elevadas, manifestando o seu descontentamento por terem de comprar pacotes de revistas científicas impressas e electrónicas, e gostariam de ter acesso perpétuo à versão electrónica pela qual pagaram, isto é, ao seu arquivo.

No que diz respeito aos custos através dos consórcios de bibliotecas, Robnett (1998) diz que “*pricing is made additionally complex when libraries enter into consortial agreements*”. Contudo, Prior (1999) apresenta como um exemplo dos desenvolvimentos das transacções de consórcios a *National Electronic Site Licence Initiative* (NESLI) (vide: <http://www.nesli2.ac.uk/>), na qual é considerada uma variedade de modelos de preços de editores. Bannerman (1998) apresenta algumas reservas sobre consórcios tais como o *UK National Pilot Site Licence Initiative* (NPSLI), o *Ohio Library and Information Network* (OhioLINK) (vide <http://www.ohiolink.edu/>) e outros ainda. As suas reservas prendem-se sobretudo com os pacotes de subscrição a serem aplicados partindo da suposição que todos os títulos são de igual mérito: “There is a danger that these deals disenfranchise the librarian and undermine the role of collections development”.

Meyer (1997) aponta no sentido em que o modelo de preço e o tradicional papel das revistas científicas sejam determinantes para as alternativas disponíveis para as bibliotecas. O autor descreve soluções nas quais os profissionais da I-D poderão procurar prover acesso em vez de propriedade. Desta maneira, o autor defende que uma solução a longo prazo poderá passar por uma acção colectiva de modo a proporcionar a quebra do poder de monopólio por parte dos editores.

O relatório apresentado por Bonn (1999) sobre o experimental *Pricing Electronic Access to Knowledge* (PEAK) (vide <http://www.lib.umich.edu/retired/peak/>), projecto de investigação empreendido pela Universidade do Michigan em cooperação com a Elsevier Science, procura fazer um estudo elucidativo sobre as consequências de vários modelos de preços tanto em utilizadores como em editores.

As revistas científicas electrónicas são, efectivamente, segundo Pikowsky (1997), uma alternativa preferível às revistas científicas impressas, visto serem um meio de comunicação mais eficiente entre investigadores a um custo mais baixo. Para além disso, o autor ainda acredita que a publicação electrónica pode conduzir a uma reestruturação da indústria de publicações académicas e encorajar significativas reduções no preço das revistas científicas.

Por outro lado, Prior (1999) argumenta que “new competitors are emerging for publishers, as academic institutions and the library community itself establish new publishing alternatives, such as ARL’s SPARC [Scholarly Publishing and Academic Resources Coalition] initiative and Stanford University’s High Wire Press”.

Consideradas as tendências futuras, Robnett (1998) defende que o preço por transação pode eventualmente abranger o domínio consecutivo do em linha: “One consideration is that serials budgets will be redefined, as libraries purchase access in unities of articles, an open ended concept quite different from the now prevalent subscription”.

Uma das afirmações proferidas no *World Library and Information Congress: 70th IFLA General Conference and Council* sobre os consórcios define bem a noção de acordo entre bibliotecas como “the cooperation agreements between libraries have been the focus of attention, considering the fact that a library cannot aspire to have the whole information stored in its premises and that the uncontrolled collections growth is not allowed any more, and there should be a balance between the collection growth and their usage” (Taruhn e Abdala, 2004).

Num estudo sobre as formas de cooperações, na Grã-Bretanha, para a aquisição de revistas científicas electrónicas, Friend (1999), por sua vez, afirma que “Uno dei maggiori ostacoli al trarre beneficio dalle pubblicazioni elettroniche é il prezzo richiesto dagli editori. Dobbiamo trovarci il modo di organizzarci per superare questa difficoltà”.

Os preços dos consórcios estão a acabar com o “fairly substantially”, na opinião de Prior (1999), que alega ainda a existência de um interesse crescente num *pay-per-view*. O autor prevê que a versão electrónica das revistas científicas dominará, com a versão impressa como um extra opcional a um preço. Modelos experimentais, como o projecto PEAK, vão continuar e crescer. Bannerman (1998) no que diz respeito à complexidade das várias opções de preço, refere que “the market is clearly immature and the best position for any publisher or librarian to take is one openness and flexibility.”

Apesar do crescente custo das revistas científicas electrónicas, Kidd (2002) salienta que a quantidade de orçamento despendida para a aquisição de revistas científicas electrónicas tem vindo a aumentar. Ainda citando o mesmo autor é referido no PURCEL (*Purchasing decisions of electronic resources in higher education institutions*) que 16% do orçamento das bibliotecas universitárias do Reino Unido é gasto na compra de bases de dados e revistas científicas electrónicas. Contudo, um estudo realizado por especialistas do *IRN Research* (2004) vem confirmar que até final de 2003, a aquisição de revistas científicas electrónicas era inferior a 50% do total do orçamento que as bibliotecas dispunham para aquisição de periódicos.

Tenopir e King (2001) referem que os editores e profissionais da I-D deveriam ter em atenção que o receio do empréstimo interbibliotecário, por parte dos editores, será sempre uma barreira para a existência de um entendimento entre as duas partes, do mesmo modo que a não compreensão das causas dos aumentos dos preços o é por parte dos profissionais da I-D.

Na verdade, o crescente interesse no formato electrónico e a consequente introdução de revistas científicas electrónicas e bases de dados nas bibliotecas, desde o início de 1980, tem vindo a levar à realização de vários estudos sobre os custos inerentes a estas opções, como nos revelam Cummings (1989), Mackie-Mason et al. (1999), Lawrence et al. (2001), Montgomery (2002) e Schonfeld et al. (2004).

3.8 Catalogação e metadados

Com a difusão da aceitação das revistas científicas electrónicas, é importante decidir se, no que respeita à catalogação, estas vão ser tratadas tecnicamente como as revistas científicas impressas ou se as mesmas serão alvo de tratamento especial. Na literatura, a discussão tem girado à volta de questões como a definição do termo série, o propósito dos catálogos e a relação entre a catalogação tradicional e os metadados.

Todos os autores discutem a definição de série. Hiron and Graham (1997) abordam a questão num contexto mais lato, dividindo os materiais bibliográficos em estáticos e publicações contínuas. Graham and Ringler apud Duranceau (1996) ao discutirem a revisão da 2ª edição das *Anglo-American Cataloguing Rules* (vide <http://www.collectionscanada.ca/isc/docs.html#aacr3>), nomeadamente a definição de periódico, sugerem a rubrica "bibliographics hermaphrodites", tendo a característica de continuidade "updatability".

Jones apud Duranceau (1996) refere a possibilidade de um modelo futuro não mais baseado em termos tais como monografias e séries, enquanto Shadle (1998) afirma que os técnicos de catalogação adoptam diversas estratégias para identificar a natureza da publicação de uma revista científica sem ter em atenção se satisfazem ou não a definição da AACR2.

A AACR2 é assunto objecto de vários artigos. Anderson e Hawkins (1996) fornecem uma revisão dos seus desenvolvimentos no âmbito das regras de catalogação de ficheiros de computador. Com efeito, o capítulo nove das AACR2 inclui uma menção aos campos do USMARK utilizados para acomodar os recursos da Internet, bem como as políticas e práticas da *Cooperative Online Serials Cataloguing Manual* (CONSER). Shadle (1998) examina alguns problemas específicos de determinadas áreas da AACR2, as quais não são facilmente aplicáveis às revistas científicas publicadas e distribuídas na Internet, a saber, o primeiro número e do termo "chief source"; a existência de formatos de multi-ficheiros; a mutabilidade dos materiais; e as versões em linha das revistas científicas impressas. O autor discute as versões actuais, que os técnicos de catalogação têm desenvolvido, como uma solução temporária para estes problemas.

Uma lista com anotações de revistas científicas electrónicas é apresentada por Hawkins (1998) de modo a demonstrar alguns dos problemas de catalogação levantados e a revelar algumas das características das revistas científicas electrónicas que influenciam as decisões tomadas no que concerne à catalogação. Problemas tais como o título e as mudanças de formato do ficheiro estão aí anotados. Por outro

lado, o artigo da autoria de Duranceau (1995) examina se as bibliotecas devem utilizar os seus catálogos para conduzir os utilizadores até as revistas científicas electrónicas que eles não controlam e considera o papel dos OPACs.

Ao considerar a relação existente entre a catalogação tradicional e a documentação de dados electrónicos (metadados), Wool (1998) mostra não só que o processo de catalogação tem vindo a sofrer alterações resultantes da tecnologia da informação, mas também que os metadados são essenciais como uma extensão da catalogação tradicional. Ao revelar que a catalogação e a colecção de metadados consistem essencialmente no mesmo, o autor afirma que "cataloguing is seen to be more than just creation of bibliographic records in libraries, and metadata, more than just the documentation of electronic data sets".

A comparação entre metadados é também feita por Grandmann (1999), através da análise comparativa entre o Dublin Core e a ISBD. Ele advoga o desenvolvimento de uma aproximação complementar para com os dois métodos de descrição de documentos, assim como a necessidade de encontrar maneiras de integrá-los de modo a alargar o acesso à informação.

O movimento dos metadados na Internet é examinado por Xu (1998), que aponta a necessidade da utilização do OPAC como o portal de acesso para os repositórios de metadados das bibliotecas. O autor conceptualiza um sistema de conversão de metadados, construído no OPAC da biblioteca, para a integração e exibição dos metadados, e argumenta que a integração recente dos metadados pode utilizar a completa funcionalidade do OPAC da biblioteca, com benefícios para esta. As colecções poderão ser expandidas de modo a incorporar uma vasta variedade de informação da Internet, fornecendo aos utilizadores da biblioteca acesso a uma grande riqueza a nível de recursos de informação. Embora Gradmann (1999) tenha dúvidas acerca da praticabilidade desta proposta, refere-se a ela como "one important direction to investigate for librarians."

3.9 Arquivo

Enquanto os tradicionais problemas de armazenagem, microfilmagem, entre outros, estão ultrapassados no caso das revistas científicas electrónicas, outros problemas próprios a este formato subsistem. O arquivo requer os seus próprios recursos financeiros, técnicos e computacionais que, por sua vez, levantam problemas de obsolescência da tecnologia, longevidade dos documentos e manutenção da integridade dos dados.

A discussão, na literatura, também se alarga às questões do formato mais adequado para arquivo, à responsabilidade de arquivo por parte do editor ou da biblioteca, à selecção dos títulos a serem preservados, à duração da disponibilidade em linha e aos direitos de acesso perpétuo.

Para Day (1998) a “digital media, both magnetic and optical, have short lifetimes in comparison with media such as paper and microfilme”. Luijendijk (1996), por seu lado, defende a prática da “technology refreshing”, ou seja, a transferência periódica dos dados de um suporte para um outro novo suporte, de modo a assegurar a sua durabilidade e para que haja uma rápida recuperação dos mesmos dados a longo prazo. Contudo, o autor ao utilizar o termo “digital refreshing” observa que este aspecto já não é questionável, não porque os problemas tenham sido todos solucionados, “but because there is a greater awareness of significant technological problems associated with hardware and software obsolescence.”

Na sua abordagem à questão da longevidade do armazenamento dos dados digitais, Neavill e Sheblé (1995) defendem que as curtas expectativas de vida daquela não são “a significant problem in the long-term preservation of digitally encoded information”. Rothenberg (1999) sugere, então, a criação de “emulators-programs that mimic the behaviour of hardware”, de modo a substituir-se o hardware obsoleto no futuro. Day (1998) propõe “a more realistic answer”, apresentando o conceito de migração de dados.

Garret (1995) refere que a *Task Force on Archiving of Digital Information* (1996) define a migração de dados como “the periodic transfer of digital materials from one hardware/software configuration to another, or from one generation of computer technology to a subsequent generation”. De acordo com Day (1998), tal definição difere do conceito de “refreshing” porque tem em conta os problemas de obsolescência do *hardware/software* e considera a transferência dos dados para novos formatos, preservando simultaneamente, a integridade da informação. O autor sugere, ainda, que a “migration strategies used should be recorded as metadata and preserved together with the original item so that future users are aware of significant changes made to a document during the preservation process”.

3.9.1 Integridade intelectual

Enquanto a maioria das discussões no que concerne à questão do arquivo se centram na preservação física da revista científica, Tagler (1998) opta por defender que os autores estão mais preocupados com a preservação da integridade dos seus textos: “It is also not just a matter of archiving, but preserving the integrity of the article as well”.

Estabelecer e manter a integridade da informação tem-se tornado uma tarefa cada vez mais difícil e tal deve-se essencialmente ao facto da informação ser fácil de modificar e actualizar. Neavill e Sheblé (1995) argumentam que a natureza maleável do texto electrónico levanta o problema da autenticação dos registos e a identificação das sucessivas versões: "Intellectual preservation of electronic media includes identifying [different] versions of documents and keeping track bibliographically of the distinctions between them". Graham *apud* Martin (1993), por sua vez, enumera vários métodos de distinção, autenticação e citação de versões de documentos electrónicos.

A preservação da integridade intelectual revela-se, assim, como uma questão importante. A *Task Force on Archiving of Digital Information* (1996) enumera uma série de pontos que ajudam a assegurar a integridade da informação digital, onde se incluem o contexto, a referência e a proveniência da informação.

3.9.2 Responsabilidades de arquivo

Editores, bibliotecas em geral, bibliotecas nacionais, serviços de gestão de assinaturas de periódicos e consórcios, todos eles são candidatos à criação de um arquivo, para as revistas científicas electrónicas. Keyhani (1998) analisa cada um dos candidatos e argumenta dizendo que os editores tiveram a oportunidade de pensar em todos os aspectos que estariam envolvidos na criação de um arquivo. A insistência das bibliotecas no acesso perpétuo ao arquivo vê-se confrontada com o facto de os utilizadores preferirem fazer pesquisa por área de estudo em todas as revistas científicas, sem terem em atenção o editor dos analíticos. Este último dado tem sido utilizado pelos editores, para não investirem e disponibilizarem um acesso contínuo aos números assinados, pois consideram que tal não faz qualquer sentido a nível económico e, portanto, não justifica o seu investimento em recursos necessários à criação de um arquivo.

Luijendijk (1996) considera como possível cenário a junção de editores e serviços de gestão de assinatura de periódicos. A maioria destes, envolvidos na entrega dos documentos, terá, futuramente, algum interesse no arquivo ou no acesso a esse. Ao considerar o papel dos serviços de gestão de assinaturas periódicas na questão do arquivo, Keyhani (1998) afirma que "few of today's aggregators have the technical expertise and infrastructure required to create a permanent archive, and even fewer are willing to committ the financial resources to do so".

As bibliotecas têm assumido tradicionalmente a função de arquivo do conhecimento para os seus utilizadores. Mas Keyhani (1998) argumenta

dizendo que vários obstáculos estão a impedi-las de levar a termo esta tarefa: elas são confrontadas com a constante diminuição dos seus orçamentos, forçadas a cancelar a assinatura de revistas científicas e, tal como os editores, estão mais concentradas no conteúdo das revistas do que na tecnologia. Consequentemente, as bibliotecas têm pouco dinheiro para investir no arquivo.

Neavill and Sheblé (1995) defendem que “the library’s emphasis on mediating access to current information as well as the preservation of information is unique, and the library has yet to experience serious competition in this role”. Os autores prevêm que as bibliotecas continuarão a ter pouca possibilidade de se tornarem conservadoras a longo prazo da informação e sentem que as “libraries will have to take an active role in acquiring and preserving electronic journals even if they do not remain the primary distributor for this publications”.

Em termos da legislação de depósito legal, as bibliotecas nacionais têm agido como repositórios centrais de toda a publicação produzida. Day (1998) afirma que “a few have successfully extend legal deposit legislation to cover electronic publications, but this does not usually include online publications”. O *Electronic Publication Pilot Project* da Biblioteca Nacional do Canadá (vide <http://www.collectionscanada.ca/9/4/p4-201-e.html>) é uma excepção. Com a cooperação dos editores, este projecto consegue identificar e realizar cópias das revistas científicas electrónicas, textos, imagens, etc. de publicações nacionais.

Algumas bibliotecas investigam soluções para a resolução do problema do arquivo através da junção de esforços. Cochenour e Moothart (1995), Geffer e MacEwan (1995), Nisonger (1997) e Chadwell e Brownmiller (1999), fazem referência ao CIC, *The Committee on Institutional Cooperation Electronic Journals Collection*, isto é, um consórcio onde estão inseridas as maiores universidades ligadas à investigação científica, que procuram proceder ao arquivo, na sua colecção, das revistas científicas electrónicas disponíveis na Internet.

3.9.3 Selecção dos títulos para arquivo

A discussão em volta das revistas científicas electrónicas envolve, também, a questão do que deve ser arquivado e por quanto tempo. Nisonger (1997) acredita que as funções das bibliotecas mais tradicionais são aplicáveis às revistas científicas electrónicas e, consequentemente, parte da responsabilidade da gestão de colecções envolverá a selecção de títulos a serem arquivados. Para Cochenour e Moothart (1995), as bibliotecas deveriam “step up to the challenge” de modo a exercer as mesmas decisões no que diz respeito à administração das colecções que tomam em relação ao material impresso.

Dirigindo-se à questão da retenção de material em linha, Tagler (1998) defende que: "probably a ten-year period would be reasonable rule of thumb for scientific material. But it is difficult to generalize since some fast-moving areas of science (like genetics or artificial intelligence) become obsolete quickly while others have a longer life span (like mathematics where is not uncommon to retrieve a 10 year old paper)."

3.9.4 Acesso perpétuo

As bibliotecas, segundo Duranceau (1998), querem assegurar-se de que terão acesso perpétuo às revistas científicas electrónicas que adquiriram, mesmo depois de cancelada a sua subscrição, e que serão capazes de torná-las disponíveis da mesma maneira que as revistas científicas impressas. Este objectivo foi alcançado pelo projecto *Muse* da Johns Hopkins University Press (vide <http://muse.jhu.edu/>) que proporciona acesso perpétuo e fornece, anualmente, um arquivo em CD-ROM aos seus subscritores anualmente.

O acesso perpétuo às revistas científicas electrónicas, na opinião de Phillips (1999), deve seguir um processo que se divide em duas fases: "First, the material have to be identified, collected and made accessible in their current format (the archiving process). Second, the material have to be managed in such a way that they remain accessible as technology changes (the preservation process)".

3.10 Copyright e licença

As questões relacionadas com o copyright e a licença são complexas e ainda estão na fase dos assuntos não resolvidos. Como afirmam Machovec (1997) e De Robbio (1998) estes "issues surrounding intellectual property rights and electronic media are especially confusing in light of old copyrights laws". Porque as imagens passam à volta da Internet é muito difícil gerir e definir o que pode e não pode ser feito. Eles sugerem que, na ausência de leis claras, os editores necessitam de ter expectativas realistas a este respeito, nem que seja devido às bibliotecas terem a tradição de partilhar os artigos das revistas científicas através do empréstimo interbibliotecário, daí que seja importante compreender como os contratos para a aquisição de revistas científicas electrónicas podem alterar a participação da própria biblioteca em acordos previamente estabelecidos.

A *conference on Fair Use* (CONFU) (1994) (vide <http://www.arl.org/info/frn/copy/confu.html>), cuja missão era desenvolver directrizes para a correcta utilização dos documentos num ambiente em

rede, incluindo o empréstimo interbibliotecário, reservas electrónicas, imagens visuais e educação à distância, é referida por Cox (1997) e Linke (1998) nos seus estudos. No entanto, o grupo de trabalho do CONFU, composto por editores e profissionais da I-D, em 1996, falhou na concretização das directrizes, devido à falta de concordância de ambas as partes. Porém, ambos os autores acreditam que o diálogo ainda está vivo e que, eventualmente, este possa resultar nalguma orientação quer para os profissionais da I-D quer para os editores.

O problema do *copyright*, como defende Fernández-Molina (2003), pode ser resolvido através da criação de nova legislação e da implementação de sistemas tecnológicos concebidos para tal, normalmente, conhecidos por *Electronic Copyright Management Systems* (ECMS).

A falta de consenso entre editores, utilizadores e autoridades a nível nacional, no que diz respeito à interpretação dos direitos internacionais de autor leva "Consequently, to fill the loophole in existing legislation licence agreements become a major issue when subscription to electronic publication" (Campfens, 1999).

A atitude dos editores e dos serviços de gestão de periódicos, para Cox (1997) e Leathem (1998), baseia-se no seu temor de que a lei dos direitos de autor não possa protegê-los das cópias ilegais feitas aos documentos electrónicos, sendo eles, então, a favor de contractos onde estejam bem definidos os seus próprios direitos e os direitos dos subscritores. Com efeito, Okerson (1996) prevê que as actuais licenças "might, in fact, be achieving what we once expected from legislation and getting us there more quickly".

A literatura parece concordar com Linke (1998) no aspecto em que "when a license is signed (...) the contract, not copyright law, governs uses of the text". A licença é uma área complexa que envolve, obviamente, a necessidade de uma estrutura clara e legal que reconheça os direitos quer dos editores quer dos utilizadores da informação. Muito embora isto, Leggatte (1998) afirma que, no caso do Reino Unido, algumas licenças "can contain conditions which are undesirable, ambiguous or unenforceable".

Existe uma enorme variedade de condições de licença, com restrições impostas e problemas de interpretação e de execução. Segundo Davis e Reilly (1998), o processo de licenciamento requer conhecimentos legais e capacidades para além daquelas que normalmente os profissionais da I-D possuem.

Do mesmo modo, Leathem (1998) e Linke (1998) defendem que os profissionais da I-D necessitam da orientação de advogados que possam

“provide the best protection for the institution and users by setting up the most favorable licence possible”. Perante a premência desta nova competência laboral, Davis e Reilly (1998) apresentam uma série de orientações detalhadas dos passos a dar quando se requer uma licença.

Uma excelente fonte de informação sobre questões de licenciamento é sugerida por Linke (1998) e Smith (1998), ou seja, o *Web site* gerido pela Biblioteca da Universidade de Yale, chamada Liblicense (*vide* <http://www.library.yale.edu/~1license/>).

Gammon (1998), ao referir-se à experiência dos Estados Unidos da América em questão de consórcios dentro do Ohio LINK, considera os *Principles on Licensing Electronic Resouces* (*vide* <http://www.arl.org/scomm/licensing/principles.html>) como o documento chave na educação dos profissionais da I-D sobre como lidar com as licenças.

Por seu lado, Bosch (1998) foca a sua atenção em “new directions that could improve licensing (...) where a general framework protects the rights of users and producers as opposed to separate contracts for each product”. O autor sugere que bibliotecas, editores e produtores/autores da informação precisam de explorar problemas como: o desenvolvimento de modelos comuns, os princípios comuns e o vocabulário comum. Ele examina o que as bibliotecas podem fazer para começar a transformar o ambiente das licenças, de forma a reduzir os consideráveis custos de contractos individuais que poderiam ser utilizados noutros meios de forma a beneficiar os utilizadores das bibliotecas.

3.11 Estudo de utilizadores

A importância dos estudos de utilizadores, para a provisão de revistas científicas electrónicas como meio de resposta a alguns dos problemas existentes neste campo, acresce esta área de significativo interesse. Alguns estudos centralizam a sua atenção no nível de aceitação e credibilidade das revistas científicas electrónicas junto dos utilizadores.

O *Delivery of Copyright Material to End Users (DECOMATE) European Project* (1995-1997), levado a cabo pela Universidade de Tilburg, Universidade Autónoma de Madrid e a Escola de Economia e Ciências Políticas de Londres, teve como principal objectivo levar a cabo um estudo intensivo dos utilizadores, examinando a utilidade e efeitos dos documentos electrónicos distribuídos. Os dados foram recolhidos e analisados no que diz respeito à quantidade e tipo de utilização, aos assuntos ergonómicos e à aceitação por parte do utilizador (Dijkstra, 1997).

O estudo revelou a existência de vários factores inibidores e/ou encorajadores da utilização dos documentos electrónicos. Este serviço da DECOMATE foi avaliado pelos utilizadores e provou ter sido útil no curto período de tempo em que foi realizado o estudo. Dijkstra (1998) acredita que o único factor de maior influência a afectar o estudo foi o curto espaço de tempo: "Users require time to adjust to a new service and to start using it to genuinely support their research rather than just to satisfy curiosity". Este factor conduz-nos indubitavelmente a uma discussão sobre a necessidade de promoção de qualquer novidade.

No seu estudo, Tomney e Burton (1998) avaliam as atitudes em relação às revistas científicas electrónicas e examinam o seu actual nível de utilização pela população académica em cinco faculdades de uma universidade inglesa. O resultado deste seu estudo realizado entre 1996-1997 sugere que esta população está consciente da existência de material neste novo suporte e não lhe são alheias as suas possibilidades, embora ainda faça pouco uso do mesmo. Isto leva os autores a concluir que é necessário encorajar a população académica à utilização das revistas científicas electrónicas, através de cursos, publicidade e demonstrações. Porém, este é um processo que não diz respeito somente aos profissionais da I-D, mas também aos editores.

Com base na experiência do projecto *The University Licensing Program* (TULIP), desenvolvido nos Estados Unidos da América, e no programa da *Elsevier Electronic Subscriptions* (EES), Hietink (1997) propõe directrizes para as bibliotecas instalarem um novo serviço de cariz electrónico, concluindo que "promotion and training may be considered as one of the attention points and critical factors for success".

É exactamente a essa conclusão que leva o estudo de Miller (2002), realizado no âmbito do *Canadian National Site License Project Evaluation Task Group*, "Information-seeking behavior of academic scientists in the electronic age: a literature review". Conclui-se que uma maior utilização dos recursos electrónicos, em particular das revistas científicas electrónicas, seria possível, se os utilizadores soubessem da sua existência e como utilizá-los.

O projecto britânico chamado *SuperJournal* é descrito por Mabe (1998) como um exemplo único de colaboração entre editores, universidades e bibliotecas no desenvolvimento de "a multiple electronic journal application for assessing user behavior". As suas conclusões preliminares consideram a existência de vários níveis de *browsing* efectuados por todos os utilizadores. O conteúdo, o *browsing* e o *printing* revelam ser as funcionalidades mais importantes.

Com base no *Max Planck Society*, desenvolvido na Alemanha, Rusch-Feja e Siebeky (1999) descrevem um estudo que teve por objectivo investigar os hábitos e grau de aceitação dos investigadores. Os dados recolhidos revelaram um crescente interesse pelas revistas científicas electrónicas e as vantagens indicadas pelos inquiridos sugeriram que a principal razão para o abandono da versão impressa em favor da versão electrónica era a facilidade do acesso, a rapidez do *downloading*, os elementos de citação e a actualidade do conteúdo.

Recentemente, Morse e Clintworth (2000) e De Groote e Dorsch (2001) apresentaram os resultados de dois estudos empreendidos em bibliotecas universitárias da área de saúde, respectivamente, na Califórnia e em Chicago. O seu propósito não se limitava só a saber o nível de utilização das revistas científicas, mas também se o formato mais utilizado era o impresso ou o electrónico. Os seus resultados revelaram que os utilizadores acederam à versão electrónica cerca de dez vezes mais do que à impressa.

Outros estudos, como o de Sathe, Grady e Giuse (2002) e Llewelly, Pellack e Shonrock (2002), foram ainda realizados com o objectivo não só de se avaliar a utilização destes recursos, por parte dos investigadores, mas também para se *dar* “a step toward elucidating some of the additional capabilities users want and will utilize in electronic journals as the format evolves” (Sathe, Grady e Giuse, 2002).

Com o objectivo de facilitar a elaboração de estudos sobre recursos de informação electrónica em bibliotecas, foi criado pela *Association of Research Libraries* um projecto que determina as medidas a serem aplicadas nestes casos, inserido no *ARL Statistics and Measurement Program* (vide <http://www.arl.org/stats/program/newmeas.html>) (Mercer, 2000).

3.12 O papel dos profissionais da I-D

A decisão de incluir revistas científicas nas colecções das bibliotecas requer uma reavaliação do papel desempenhado pelo profissional da I-D na era electrónica. Nesta revisão da literatura, tal como se pode observar até agora, verifica-se que os vários autores reflectem opiniões diferentes sobre o mesmo assunto.

Pikowsky (1997) dá mais importância ao facto dos profissionais da I-D terem de desempenhar um papel na influência do crescimento das revistas científicas electrónicas. Considera que, uma vez que estes profissionais são os responsáveis pela organização e recuperação da informação, devem tomar parte na concepção de instrumentos de procura

necessários à localização de artigos electrónicos procurados pelos utilizadores.

Campfens (1999) acrescenta, ainda, que os profissionais da I-D têm vindo de forma crescente, a desempenhar o papel de formadores, ajudando os utilizadores a navegar por entre os sistemas e serviços electrónicos, filtrando a informação de modo a ajudá-los a lidar com a enorme quantidade de informação disponível.

Ao papel de guia da informação no meio das tecnologias da informação e comunicação, e àquele de promotor de serviços, junta-se agora a necessária participação do profissional da I-D nos consórcios.

Deste modo, Tammaro (1998) acredita que os consórcios oferecem ao profissional da I-D uma nova forma de fazer pesquisa de mercado, experimentando os produtos e serviços com os editores, negociando o preço e a licença. Os próprios consórcios poderiam transformar-se, então, em produtores de informação electrónica: "Solo se i bibliotecari si associano c'è la certezza che le biblioteche rimarranno tra i maggiori attori dell'industria dell'editoria elettronica periodica e continueranno a procurare l'accesso ad essa per gli utenti".

Finalmente, Leathem (1998) declara que as revistas científicas electrónicas apresentam novos desafios, afirmando mesmo que elas estão aqui para ficar: "The librarian's role is to understand and anticipate the impact of this new medium and develop the knowledge and skills necessary to use it to further the work of the library and needs of its patrons".

3.13 Algumas conclusões

Embora haja quem afirme, entre autores e bibliotecários, que as revistas científicas electrónicas dentro dos próximos anos vão acabar por substituir as revistas científicas impressas, há, porém, ainda quem contradiga esta asserção, argumentando que ainda vai levar algum tempo até este formato se estabelecer por completo e, mais importante, ser aceite e respeitado.

Entretanto, enquanto esta transformação ocorre, existem problemas e questões por confrontar e resolver. A presente revisão da literatura revelou a identificação de uma série de questões no debate passado e actual sobre as revistas científicas electrónicas, demonstrando que existem razões fortes e válidas que levam a acreditar que as revistas científicas electrónicas irão, eventualmente, transformar-se em

instrumentos corriqueiros, porque oferecem vantagens distintas sobre as revistas científicas impressas.

Existem sinais encorajadores que apontam para que a emergência das publicações em linha tenha vindo a promover o diálogo entre editores e bibliotecas. Avaliar e gerir as questões que acompanham as revistas científicas electrónicas é um desafio crescente para todos os envolvidos e a maioria dos autores acredita que os profissionais da I-D deveriam aproveitar este momento de mudança e tornarem-se eles próprios agentes deste processo.

CAPÍTULO IV

COLECÇÕES DE REVISTAS CIENTÍFICAS ELECTRÓNICAS NAS BIBLIOTECAS DA ÁREA DA SAÚDE EM PORTUGAL

“A era das revistas electrónicas veio tornar o processo de comunicação do conhecimento científico muito mais rápido.”

(B4)

4.1 Introdução

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados do estudo exploratório realizado sobre a evolução das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal nos últimos dez anos (1996-2005).

As informações aqui apresentadas têm por base os dados recolhidos durante o trabalho de campo, nomeadamente, o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista e que, após um tratamento preliminar seguido de uma análise de conteúdo, serão enunciados.

Pretende-se com esta análise responder de uma forma concisa, mas explícita, às perguntas, anteriormente, enumeradas como objectivo do presente trabalho de investigação (*Vide* capítulo da metodologia).

4.2 As revistas científicas electrónicas nas bibliotecas

A importância da integração das revistas científicas electrónicas como um recurso das bibliotecas está claramente comprovada pela literatura escrita sobre o tema, como demonstrou a revisão da literatura. As opiniões recolhidas nas entrevistas realizadas vêm, uma vez mais, corroborar esse facto, demonstrando tratar-se esta de uma perspectiva definitivamente partilhada entre as bibliotecas da área da saúde no nosso país:

“No campo da ciência, as revistas são o principal veículo de informação de ponta, são o meio de comunicação por excelência do conhecimento mais actual e são também o veículo privilegiado para a comunidade científica partilhar os resultados das suas experiências, dos seus projectos e da sua investigação.” (B4)

A importância deste recurso é justificada em quase todas as declarações proferidas através de uma enumeração das suas vantagens:

- “permite não só poupar espaço, em termos físicos, mas também poupar tempo, na pesquisa e na disseminação (...) na própria aquisição” (B3);
- “pela facilidade de acesso” (B1);
- “permitem fazer um cruzamento de dados” (B2)
- “é que o formato electrónico chega-nos sempre primeiro do que o suporte papel” (B6);
- “o acesso electrónico vem permitir (...) descongestionar a biblioteca da presença dos investigadores e dos professores (...) e deixam ficar o espaço para os alunos” (B5);

A aprovação, quase geral, que este recurso recebe de início, porém, começa a esbater-se quando os profissionais da I-D são inquiridos sobre a possibilidade de as revistas científicas electrónicas, com o passar do tempo, poderem vir a substituir as revistas científicas em suporte papel. As opiniões então deixam de ser uníssonas e dividiram-se entre o sim e o não.

Alguns defendem que “o futuro das revistas científicas será esse” (B4), em parte porque existe “falta de espaço nas bibliotecas” (B2) tradicionais para arquivo e, em parte porque “gradualmente é para lá que as coisas parecem se encaminhar” (B5). Isto apesar da falta de políticas bem definidas na área, nomeadamente, ao nível da questão do arquivo das revistas científicas electrónicas, poder impedir essa transição. Verifica-se, porém que as bibliotecas continuam a adquirir os dois suportes pois receiam chegar à “situação de não haver recurso a pelo menos uma colecção em papel e haver problemas com os arquivos electrónicos” (B5).

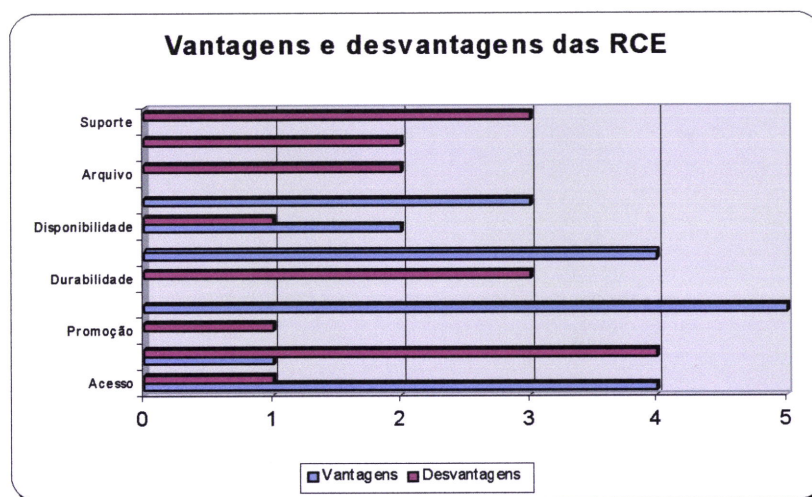
Todavia, existem opiniões que por razões dissemelhantes renegam essa possibilidade de substituição. Na opinião de um dos entrevistados esta é de facto “uma interrogação que carece de demonstração (...) [porque] a nossa geração tem a necessidade do papel, para estudar, para assimilar os conteúdos, e isso ainda não se faz através de um écran (...) é possível que um grande número das publicações venham a ser substituídas, mas na totalidade, duvido que sejam” (B1). Outro entrevistado defendeu ainda que a substituição não seria possível “porque os editores não terão capacidade de manter só o electrónico e nem estarão dispostos a isso” (B3).

Embora as características das revistas científicas electrónicas sejam classificáveis em dois grupos opostos – vantagens *versus* desvantagens - estas podem não ser consideradas de igual modo por diferentes unidades documentais. Conforme as especificidades de cada biblioteca (tipologia,

missão, recursos, necessidades dos utilizadores, etc.), as vantagens de uns podem converter-se nas desvantagens de outros e vice-versa, ou seja, as chamadas características não são “propriedades restritas” de um só dos grupos mencionados.

Para averiguar tal facto, foi solicitado numa das perguntas da entrevista que, de acordo com uma lista pré-elaborada (*vide* apêndice 3), fossem seleccionadas três vantagens e três desvantagens das revistas científicas electrónicas. Conforme é possível verificar no gráfico 1, os dados recolhidos indicam que as opções escolhidas pelos entrevistados recaíram sobre o acesso, o custo e a disponibilidade, considerados por uns como vantagens e por outros como desvantagens.

Gráfico 1



As opções mais indicadas como vantagens foram a rapidez (apresentada no gráfico junto da promoção), o acesso e a disponibilidade, ao contrário do custo, da durabilidade e do suporte, os quais tiveram os índices mais elevados entre as desvantagens mencionadas.

4.3 Colecções

Como já foi referido no capítulo da metodologia, a segunda parte do questionário aborda as colecções de revistas científicas das bibliotecas que participaram neste estudo, de modo a se conseguir conhecer melhor a sua composição, quais as evoluções que sofreram ao longo dos últimos dez anos e, principalmente, qual a acção das revistas científicas electrónicas nas próprias unidades documentais.

Como pergunta de partida foi inquirido qual o suporte da colecção de revistas científicas da biblioteca. Colocadas três hipóteses de resposta: suporte papel, suporte electrónico e suporte papel + electrónico, das

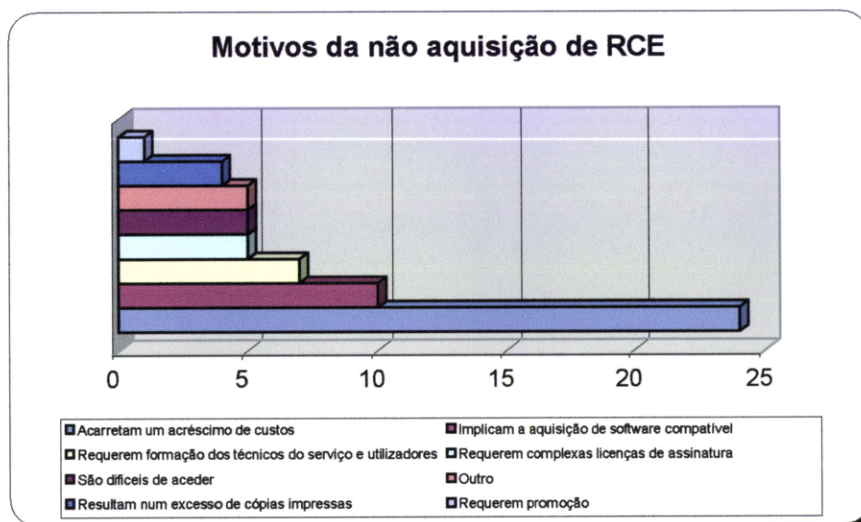
respostas recebidas, 45% seleccionaram a opção suporte papel e 55% suporte papel + electrónico.

Inicialmente e após estes resultados, poderia-se pensar que, dado o objectivo do estudo ser fazer um ponto da situação relativamente à evolução das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas e a dada taxa de respostas ser pouco mais de metade, os resultados do estudo estariam em causa. Contudo tal não sucede, porque no próprio questionário tenta-se descobrir o porquê destes números.

Deste modo, às bibliotecas que responderam que a sua colecção de revistas científicas era constituída unicamente por publicações em suporte impresso foi pedido que respondessem somente às duas próximas perguntas do inquérito.

A pergunta “Porque motivo(s) não é feita a aquisição de revistas científicas electrónicas?” vem revelar o porquê de uma percentagem tão elevada de bibliotecas inquiridas ter colecções somente em suporte papel. Com efeito, 24 bibliotecas responderam que as revistas científicas electrónicas “Acarretam um acréscimo de custos”. O facto de as perguntas sobre a aquisição de *software* compatível e a formação dos técnicos do serviço e utilizadores terem sido, respectivamente, a segunda e a terceira opções seleccionadas, corrobora a indisponibilidade financeira de algumas bibliotecas em adquirir revistas científicas electrónicas (*vide* gráfico 2).

Gráfico 2



Outras razões apontadas para a não aquisição de publicações desta natureza pelas bibliotecas foram:

- “Requerem uma ligação à Internet com IP fixo. Os hospitais públicos, têm ligação à Internet via IGIF⁷, sem IP fixo”;
- “Devido ao número de utilizadores nunca se colocou essa hipótese”;
- “Desconhecimento destas revistas na área da saúde”;
- “Nunca foi ponderada a questão, mas num futuro próximo optaremos pelo suporte electrónico”;
- “b-on, todas as bibliotecas da universidade [x] têm”.

O facto de tanto a opção que focava os “problemas de arquivo” como a que focava os “problemas devido ao *copyright*” não terem sido seleccionadas pode ser entendido como um indicador de estes aspectos serem considerados secundários pelas bibliotecas que se deparam com problemas de carácter financeiro.

Seguidamente, no questionário, era solicitado aos inquiridos que assinassem o número de revistas científicas assinadas, anualmente, em suporte papel, de modo a obter-se um número de dados representativos das colecções existentes. Como é possível verificar através da análise da tabela 2 e do gráfico 3⁸, segundo as indicações das bibliotecas, as assinaturas de revistas científicas impressas de 1996 até 2003 estiveram sempre em crescimento. Contudo, a partir de 2004, começa a notar-se uma pequena diminuição.

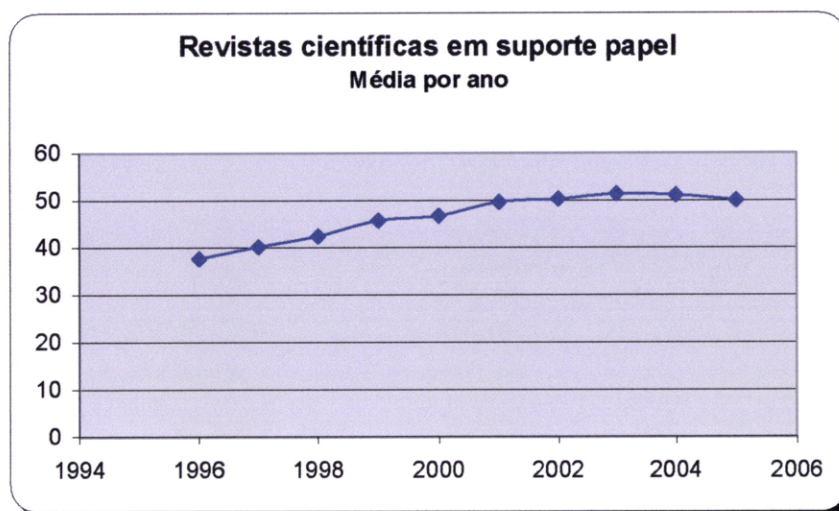
Tabela 2
Número de RCI assinadas pelas bibliotecas entre 1996 e 2005

N.º RCI	Ano									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
< 10	2	1	1	1	1	1	1	1	4	5
10-19	8	8	6	6	5	8	12	14	11	11
20-29	4	4	7	5	3	5	5	2	2	2
30-39	11	12	10	13	18	16	11	11	11	12
40-49	4	5	7	5	4	3	1	7	9	8
50-59	9	7	7	11	11	13	15	16	12	12
60-69	3	2	-	1	1	2	3	-	2	-
70-79	-	3	3	3	3	3	3	3	1	1
80-89	-	-	2	-	-	1	1	1	5	2
90-99	1	1	1	3	1	1	1	1	1	2
> 99	10	10	10	10	12	12	12	12	12	12

⁷ IGIF – Instituto de Gestão Informática e Financeira da Saúde.

⁸ Como só se dispunha de dados agrupados (em classes) a média calculada é aproximada. Para efectuar esse cálculo foi utilizado o ponto médio de cada classe como valor representativo da mesma. No caso das classes abertas, como é o caso da primeira e da última, ficou: <19 = 0-9 e >99 = 100-109. O mesmo foi feito em todos os gráficos que indicam valores de média por ano.

Gráfico 3



Um dos factores a considerar é a possibilidade desta diminuição na aquisição de revistas científicas impressas estar directamente relacionada com a situação económica de crise que Portugal tem atravessado nos últimos anos e que tem implicações directas nos orçamentos das bibliotecas. Outro factor poderá ter sido o aparecimento do projecto b-on, Biblioteca do Conhecimento Online, que foi lançado em Abril de 2004, com 3,500 títulos e seis editores (vide <http://www.b-on.pt>).

À pergunta “A assinatura das revistas científicas electrónicas em suporte papel deu acesso gratuito a revistas científicas em suporte electrónico?” 30 bibliotecas responderam que sim e 37 bibliotecas responderam que não. Segundo a tabela 3, pode-se verificar o número e a distribuição por anos de acessos gratuitos a revistas científicas electrónicas das 30 bibliotecas que responderam afirmativamente.

Tabela 3
Número de RCE gratuitas existentes nas bibliotecas entre 1996 e 2005

N.º RCE Gratuitas	Ano									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
< 5	1	1	1	1	1	1	2	3	8	9
5-9					1	3	2		2	2
10-14							1	3	4	3
15-19								1		1
> 19	4	4	4	4	4	6	9	9	10	13

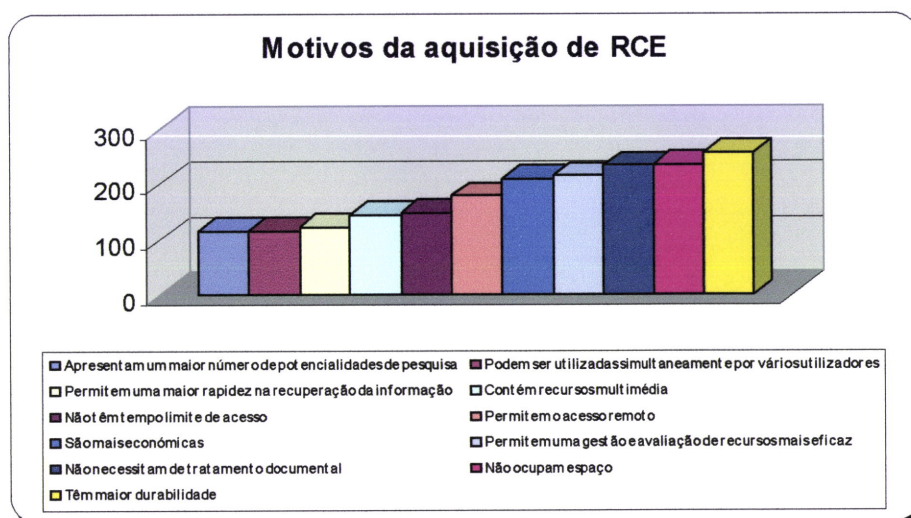
Os dados recolhidos revelam que de 1996 a 1999 o número de acessos gratuitos manteve-se, bem como o número de bibliotecas a beneficiar dos mesmos. A partir do ano de 2000 começa-se a verificar um pequeno crescimento em ambos os factores, o qual aumenta significativamente até 2005. Observem-se, então, os seguintes dados recolhidos: enquanto em 1996 havia só 4 bibliotecas a aceder gratuitamente a mais de 19 revistas científicas electrónicas em 2005 esse número atinge as 13 bibliotecas, ou seja, o aumento é três vezes maior.

4.3.1 Aquisição

Para se obter dados relativamente aos motivos que levaram à aquisição de revistas científicas electrónicas pelas bibliotecas, optou-se, no questionário, por apresentar uma pergunta onde eram enumeradas onze opções de resposta e solicitar que as mesmas fossem devidamente ordenadas utilizando a numeração de 1 a 11 por ordem decrescente de importância, de modo à selecção ser ainda mais representativa.

Observando o gráfico 4, constata-se que foram dois os motivos cotados mais vezes com o número um: “Apresentam um maior número de potencialidades de pesquisa” e “Podem ser utilizadas simultaneamente por vários utilizadores”. O número dois foi atribuído à opção “Permite uma maior rapidez na recuperação da informação” e o número três à opção “Contém recursos multimédia”.

Gráfico 4



O resultado desta questão leva ao encontro de uma série de respostas que no seu conjunto, constituem a maior preocupação dos profissionais da I-D: Como disponibilizar a maior quantidade possível de informação com qualidade aos utilizadores? A resposta para 55% das bibliotecas que

responderam a este questionário reside, sem dúvida, nas revistas científicas electrónicas.

As opções, respectivamente, com os números nove, “Não necessitam de tratamento documental”, dez, “Não ocupam espaço físico” e onze, “Têm uma maior durabilidade”, revelam que a preocupação com as necessidades dos utilizadores continua a vir sempre em primeiro lugar para estas bibliotecas. Questões de ordem técnica e logística, como a não necessidade de tratamento documental e o espaço físico para arquivo, são relegadas para segundo plano. No caso da durabilidade, como é um aspecto ainda não comprovado, é compreensível a sua desvalorização enquanto motivo de aquisição.

A mesma pergunta formulada nas entrevistas veio confirmar os dados obtidos no questionário, isto no que diz respeito aos motivos que levaram as bibliotecas inquiridas a adquirir revistas científicas electrónicas:

- “a rapidez, a simultaneidade do acesso, bem como o facto de os números mais recentes ficarem muito mais cedo disponíveis para consulta” (B4);
- “pela facilidade de acesso, pela rapidez e pela actualização que nos dá” (B6);
- “o principal motivo foi a redução de custos e tão importante como a redução de custos é a falta de espaço” (B3).
- “primeiro pela rapidez de acesso e a facilidade de divulgação (...) segundo, é que deixávamos de ter problemas de espaço para o arquivo” (B1).

Porém, as respostas obtidas nas entrevistas vieram também valorizar outros aspectos que no inquérito foram relegados para segundo plano, como é o caso do espaço físico, que é nitidamente uma preocupação muito focada pelos entrevistados nas respostas dadas. Apesar de concebidas para serem guardiãs do conhecimento, um conhecimento que cresce rapidamente de dia para dia, as bibliotecas possuem espaços físicos limitados, o que a médio-longo prazo pode se revelar um problema complicado e de difícil solução.

Para os entrevistados, a questão do tratamento documental é de menor relevância, pois, na totalidade das opiniões, as revistas científicas electrónicas não necessitam de tratamento documental dada a sua estrutura: “penso que o tratamento já está feito por si (...) se o que importa é aceder aos conteúdos e se nós conseguimos aceder da forma como eles estão, qual é a vantagem ou o interesse de eu na minha “quintazinha” estar a fazer o tratamento, não se justifica” (B1). Já para não mencionar que as revistas científicas electrónicas da área da saúde

“estão todas [ou quase todas] tratadas no PubMed, portanto não vale mesmo a pena” (B3).

Quando inquiridos sobre o tempo que se passou desde a tomada de decisão e a aquisição efectiva das revistas científicas electrónicas, as respostas dos entrevistados variaram entre três, seis e nove meses, devido ao rápido ou lento andamento do processo dentro da própria instituição que tutela a biblioteca. Em nenhum caso foram apontados factores externos como, por exemplo, a demora dos editores ou serviços de gestão de assinatura de periódicos a enviarem o orçamento.

Na pergunta do questionário “Como foi feita a primeira e a última aquisição de revistas científicas electrónicas e qual o número de assinaturas?”, a quase totalidade das bibliotecas respondeu assinalando a resposta com uma cruz, ou seja, não fornecendo o número de assinaturas tal como havia sido solicitado. Dada a reduzida quantidade de bibliotecas que indicaram o número de assinaturas, no total seis, seria inconclusivo analisar esses dados.

Como se pode observar na tabela 4 a maior parte das aquisições é feita através de um serviço de gestão de assinaturas de periódicos, seguido pelas aquisições efectuadas em consórcio e por fim pelas aquisições concretizadas directamente com os editores. Ao analisar-se estes dados pode-se, talvez, dizer que a opção por um serviço de gestão, como a EBSCO, por exemplo, não traz maiores benefícios a nível de custos do que a negociação directa com os editores. Contudo, revela-se mais prática e rápida. A aquisição através de consórcio, habitualmente, reúne todos os aspectos anteriormente enunciados: é mais prática, mais rápida e com menores custos.

Tabela 4
Método de aquisição das RCE

		Aquisição RCE	
		Primeira	Última
Directamente com os editores	▪ Elsevier		1
	▪ Springer		1
	▪ Wiley		1
	▪ SAGE		
	▪ Taylor & Francis		1
	▪ Kluwer		1
	▪ IEEE		
	▪ Outro.		
	Qual? _____		
Através de um serviço de gestão de assinaturas de periódicos	▪ EBSCO	14	10
	▪ LUSODOC	5	3
	▪ OVID	2	1
	▪ Outro. Qual? Marka	1	
Em consórcio	▪ B-On	5	14
	▪ Outro. Qual? _____		

Durante as entrevistas foi colocada a questão se a assinatura de revistas científicas electrónicas havia implicado alguma diminuição no número de assinaturas em suporte papel. Foram obtidas diversas respostas apoiando a perspectiva da diminuição e uma única contrária:

- “Quando os recursos financeiros e humanos são escassos, todos os documentos a incluir na colecção são seleccionados ao milímetro e não há margem para duplicação.” (B4);
- “se eu vou comprar publicações em formato digital é óbvio que não vou pedir essas publicações à partida em suporte papel” (B6);
- “Sim deixámos de assinar algumas revistas em formato papel, principalmente as estrangeiras” (B2);
- “Sim, (...) por falta de espaço não poderá haver durante algum tempo assinaturas em suporte papel” (B3);
- “[o número de assinaturas em formato papel] necessariamente teria de baixar (...) porque ter as duas versões eu acho que não se justificaria.” (B1);
- “não cortei nenhuma, embora tenha vontade, mas quando pensei que seria a altura de fazer cortes fiz um estudo económico e verifiquei que aquelas que ia cortar são as que têm desconto por estarem incluídas na b-on, o desconto da compra em papel é tão grande que não se justifica interromper a colecção” (B5).

É de salientar a preocupação constante de alguns dos entrevistados, apenas dispostos a prescindir de revistas científicas impressas de que não sejam os únicos assinantes no país, para não colocarem em perigo a existência de pelo menos um arquivo em suporte papel da dita colecção, em território nacional.

4.3.2 Gestão

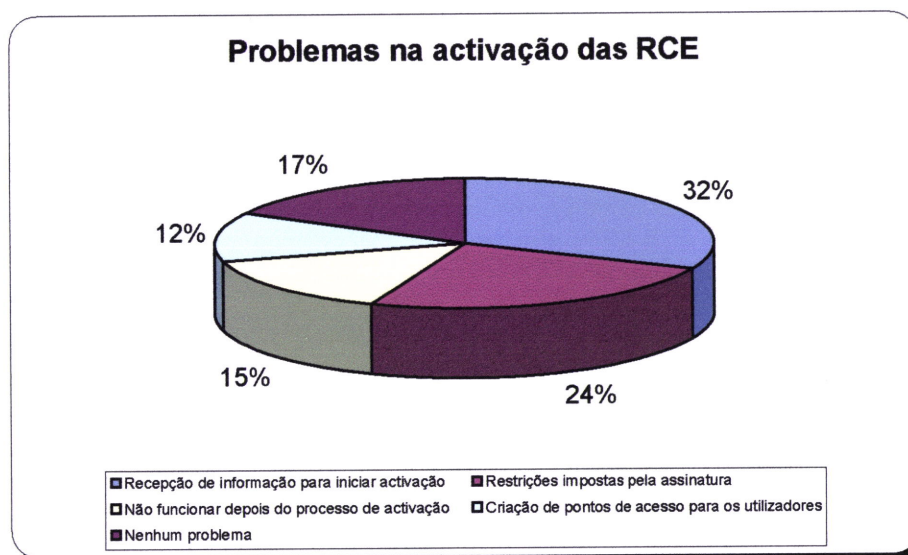
A gestão das revistas científicas electrónicas implica que os profissionais da I-D lidem com situações para as quais, na maioria dos casos, não tiveram formação. Daí a crescente necessidade de uma formação mais abrangente, principalmente no que concerne as tecnologias da informação e comunicação, e continuada, considerada como um factor crucial para o bom desempenho profissional.

A chegada das revistas científicas electrónicas às bibliotecas implica, também, o surgir de novos problemas inerentes quer à sua activação quer à sua gestão. As duas questões abaixo analisadas, colocadas no questionário, tiveram por objectivo identificar esses mesmos problemas.

Com efeito, a activação das revistas científicas electrónicas, pode aparentar ser um processo simples e rápido de se efectuar, mas também pode ser uma fonte de problemas. Como é possível verificar pelo gráfico

5, 32% dos problemas estão relacionados com a recepção da informação para iniciar a activação e 24% com as próprias restrições impostas pela assinatura das publicações. Se se relacionar estes dados com os dados obtidos na pergunta do questionário, onde é abordado o modo de aquisição das revistas científicas electrónicas, será melhor de compreender porque somente cinco bibliotecas adquirem as suas revistas científicas electrónicas directamente aos editores.

Gráfico 5



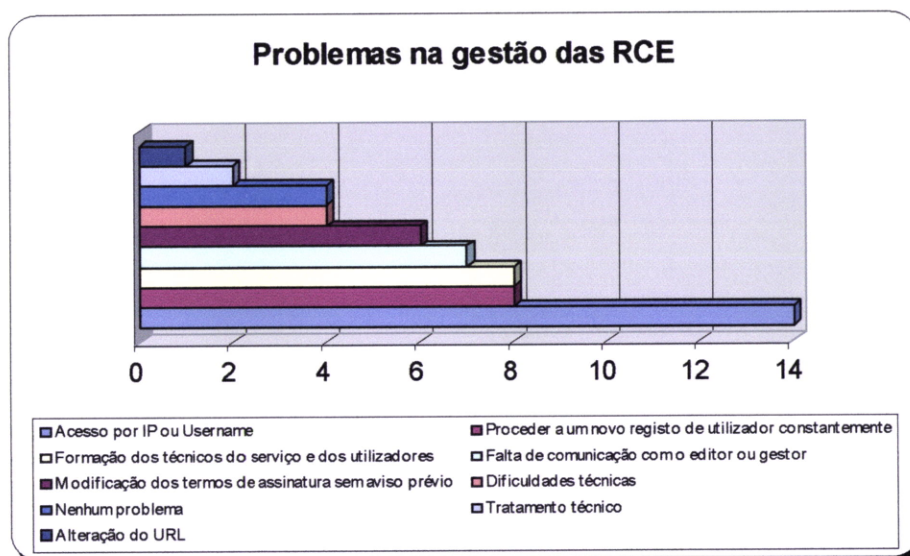
No entanto, é de salientar a percentagem de bibliotecas que responderam não ter tido nenhum problema na activação das revistas científicas electrónicas, 17%, o que por si só é um bom indicador da adaptação das bibliotecas tradicionais a um ambiente tecnológico, verificando-se uma mudança tipológica de biblioteca tradicional para híbrida.

A gestão das revistas científicas electrónicas acarreta alguns problemas, como já referido, ou não se tratasse este de um recurso digital. O maior daqueles, como observável no gráfico 6, é o “Acesso por IP ou Username/Password”, com 14 respostas, e o segundo, ou melhor dizendo segundos, o “Proceder a um novo registo de utilizador constantemente” e a “Formação dos técnicos do serviço e dos utilizadores”, respectivamente, com 8 respostas.

Qualquer uma das duas primeiras opções acima identificadas está directamente relacionada com problemas de ordem técnica, nomeadamente com o *software*. Os profissionais da I-D, parecem ser um pouco alheios à sua resolução, isto apesar de cada vez mais estes terem que demonstrar competências em várias outras áreas para eficazmente desempenharem diariamente as suas funções.

No que diz respeito à questão da formação, quer dos técnicos do serviço quer dos próprios utilizadores, a opção escolhida deve-se, provavelmente, a uma preocupação crescente relacionada não só com o aspecto já referido anteriormente, sobre as qualificações actualmente exigidas a um profissional da I-D, mas também com a correcta formação dos utilizadores para a utilização deste recurso, derivado do uso das tecnologias da informação e das revistas científicas electrónicas. O facto de ser um recurso detentor de diversas potencialidades, nomeadamente multimédia (som, vídeo, imagem), significa que o desconhecimento da sua utilização pode levar a que seja tratado meramente como mais uma revista científica, ainda que disponibilizada em formato electrónico.

Gráfico 6



Segundo informações recolhidas nas entrevistas, na maioria dos casos são os próprios responsáveis das bibliotecas que dão formação aos restantes profissionais da I-D, de forma a auxiliarem, em conjunto, os utilizadores durante o processo de pesquisa e recuperação da informação. Existe, porém, o caso de um entrevistado pertencente a um estabelecimento do ensino superior da área da saúde que tem a rara oportunidade de também leccionar e na disciplina leccionada formar aqueles que serão os seus utilizadores: “sempre se incluiu conhecimentos relativos a biblioteconomia, isto é que fontes de informação existem (...) o que são bases de dados, o que são operações booleanas” (B5).

A “Alteração do URL” das revistas científicas electrónicas foi a opção menos seleccionada, podendo talvez depreender-se que as bibliotecas têm uma grande confiança na fiabilidade dos editores.

4.3.3 Acesso

Tal como já ficou dito no capítulo da revisão da literatura, o acesso às revistas científicas electrónicas nas bibliotecas é ditado segundo as normas preestabelecidas nos contratos efectuados com os editores, serviços de gestão de assinaturas de periódicos ou consórcios.

Segundo dados recolhidos através das entrevistas efectuadas, o acesso às revistas científicas electrónicas processa-se ou por IP ou por *username/password*, sendo o factor distintivo entre as duas modalidades de acesso o modo acordado de compra: monoposto ou multiposto.

Ainda de acordo com os entrevistados, os utilizadores que normalmente pesquisam as revistas científicas electrónicas são: docentes, investigadores, médicos, enfermeiros, estudantes.

A divulgação das revistas científicas electrónicas é feita, nas várias bibliotecas entrevistadas, de diversos modos, a saber: “difusão selectiva por e-mail” (B4), “através da página web da biblioteca” (B3), “através do catálogo da própria biblioteca” (B5); “está tudo na Internet (...) a indicação das publicações que existem na biblioteca” (B6), “comunicação no boletim interno (...) [e] envio pelo correio electrónico dos conteúdos selectivos” (B1), “no início de cada ano eles [os utilizadores] fazem a visita às instalações e dentro da biblioteca é-lhes explicado todos os recursos (...) disponíveis para consulta” (B2). Todavia, como podemos constatar, o recurso ao próprio meio electrónico como instrumento de divulgação das revistas científicas electrónicas é o mais utilizado.

Quando inquiridos sobre a existência de algum tipo de avaliação deste recurso, no que diz respeito ao seu acesso, aos *downloads*, às impressões e ao grau de satisfação dos utilizadores, as respostas dos entrevistados dividiram-se equitativamente:

- “Sim, porque acho que é importante fazer sempre uma avaliação dos recursos disponíveis na biblioteca” (B3);
- “Existe, é a estatística que vem, vem tudo, desde se tiram referências, se é *full text*, se é um *abstract*, quantas consultas, quantas impressões, portanto há uma avaliação mensal” (B2);
- “Existe unicamente uma quantificação dos acessos, quanto ao resto nós não nos preocupamos muito (...) porque sabemos pelo próprio utilizador que nos consulta que aquilo é realmente óptimo” (B6);
- “Actualmente não temos os recursos humanos necessários para o fazer. Optamos por fazer a difusão selectiva da informação em detrimento da catalogação dos periódicos electrónicos, embora continuemos a fazê-lo para os periódicos em papel” (B4);

- “Não, a biblioteca não faz qualquer tipo de avaliação, não faz avaliação sobre coisa nenhuma, pois é incomportável (...) Eu costumo dizer que o grau de satisfação dos utilizadores é a não existência de reclamações, porque quando as revistas eram em papel nós estávamos constantemente a ouvir: “Ainda não chegou? (...) recebemos, contudo, os relatórios da B-on, na universidade somos nós que fazemos mais consultas” (B5);
- “Actualmente não fazemos, mas no futuro será feito até para fazer um balanço estatístico dos custos de modo a podermos justificar a própria aquisição da revista em suporte electrónico” (B1).

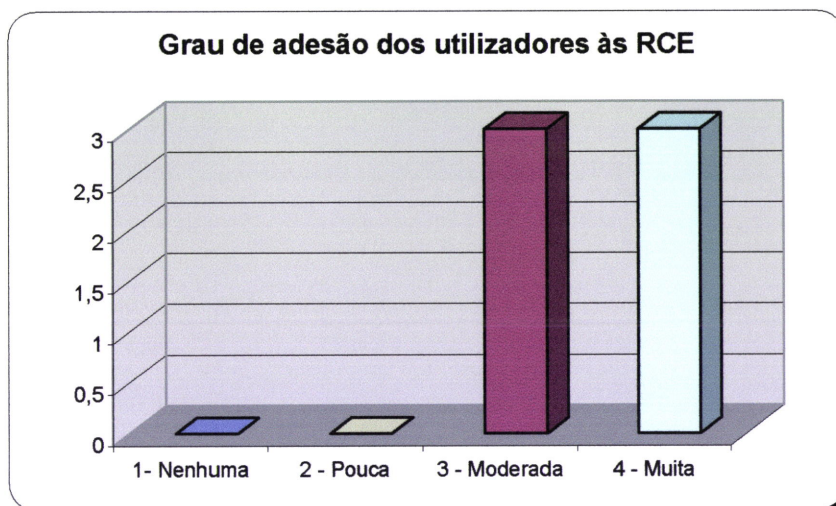
Verifica-se que, apesar de nem todas as bibliotecas fazerem qualquer avaliação, existe sempre uma preocupação em saber se os utilizadores estão satisfeitos ou não, mesmo que de um modo informal.

4.3.4 Utilização

Visto não ter sido feito qualquer tipo de estudo junto dos utilizadores das revistas científicas electrónicas, mas ter sido importante recolher alguma informação relativamente à adesão dos mesmos a este recurso, foi integrada nas entrevistas uma pergunta onde era solicitado que os entrevistados quantificassem de 1 a 4 o grau de adesão dos seus utilizadores.

Como podemos verificar no gráfico 7, a adesão dos utilizadores às revistas científicas electrónicas, em metade das bibliotecas onde foi realizada a entrevista, é moderada, devido a “existir sempre alguma resistência à mudança, principalmente nos utilizadores com mais idade” (B3) e “devido à barreira da língua, como está tudo em inglês, quem não domina bem essa língua tem mais dificuldades em pesquisar” (B2).

Gráfico 7



A outra metade dos entrevistados respondeu, contudo, que a adesão nas suas bibliotecas atingia o grau 4, ou seja, havia muita adesão por parte dos utilizadores às revistas científicas electrónicas, finalizando mesmo um deles com a interjeição: “é uma verdadeira festa” (B1).

4.4 Desenvolvimento entre 1996-2005

A última pergunta colocada, no questionário, “Indique no ano correspondente o número de revistas científicas electrónicas assinadas.”, proporciona, precisamente, os dados da evolução deste recurso nas bibliotecas da área da saúde em Portugal.

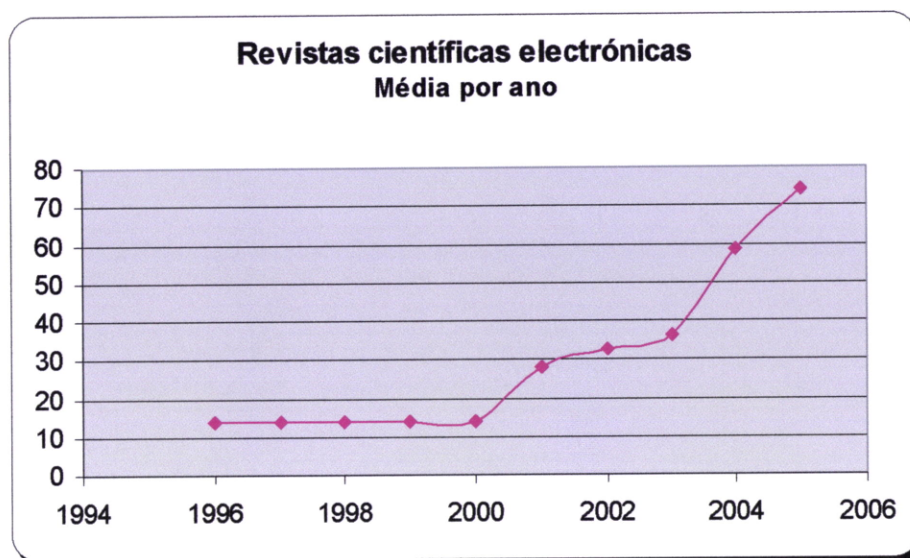
Através da análise da tabela 5 e do gráfico 8, constata-se que a assinatura de revistas científicas electrónicas por parte das bibliotecas manteve-se inalterada de 1996 a 2000, existindo um pequeno aumento em 2001, que revelou ser o início de uma subida vertiginosa, com os anos de 2004 e 2005 a atingirem números verdadeiramente impressionantes.

Em 2004, 13 bibliotecas assinaram mais de 99 revistas científicas electrónicas e em 2005 o número de assinantes aumentou para 19. Mesmo no número de assinaturas mais reduzido, menos de 10 assinaturas, existiu um aumento para o dobro, em 2002, 2004 e 2005 e para o triplo em 2003.

Tabela 5
Número de RCE assinadas pelas bibliotecas entre 1996 e 2005

N.º RCE	Ano									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
< 10	2	2	2	2	2	2	4	6	4	4
10-19								2	3	3
20-29										
30-39	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
40-49								2	2	
50-59										
60-69							2			
70-79								2		1
80-89										
90-99									2	
> 99	3	3	3	3	3	7	7	7	13	19

Gráfico 8



4.5 Perspectivas futuras

Nas entrevistas foi ainda colocada a seguinte pergunta: “Faz parte dos planos da biblioteca a continuação e o desenvolvimento da colecção de revistas científicas electrónicas?”. Pretendia-se com esta obter, através do presente estudo, não só um retrato da situação actual, mas também algumas perspectivas futuras sobre as revistas científicas electrónicas nestas bibliotecas.

Mais uma vez, as respostas recolhidas demonstram uma divisão de opiniões. Enquanto que uns revelam a certeza de uma continuidade, e nalguns casos até o aumento das revistas científicas electrónicas nas suas colecções, outros há que manifestam a sua incerteza quanto ao futuro da evolução daquele recurso nas suas bibliotecas:

- “Faz e tanto faz que este ano fiz a proposta de adesão à b-on” (B6);
- “Sim, sem dúvida, sempre que seja garantido o acesso perpétuo, mesmo que no futuro se decida cancelar a assinatura, continuamos a ter acesso aos volumes que subscrevemos no passado” (B4);
- “Vamos manter as assinaturas, é para manter, para aumentar talvez não, mas para manter sim” (B2);
- “Sim, vamos definitivamente trabalhar quase só com revistas científicas electrónicas, por falta de espaço” (B3);
- “Devido a em breve irmos sofrer uma reestruturação (...) neste momento não tenho qualquer projecto de desenvolvimento de publicações electrónicas, pontualmente poderei comprar mais uma

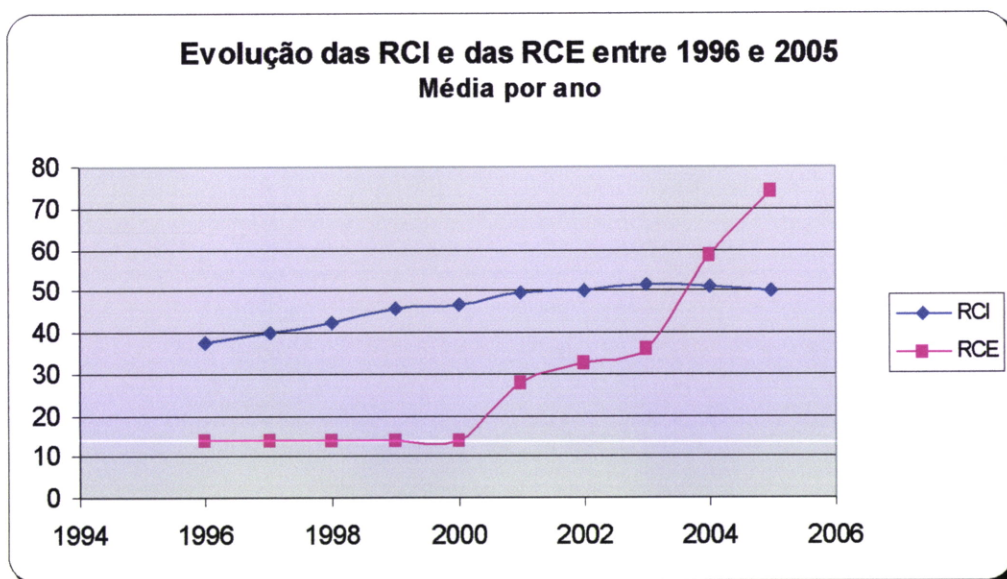
ou outra, mas não mais do que isso como projecto de expansão” (B6);

- “Como em 2003 tivemos um corte de 60 revistas e em 2004 mais um corte... para 2006 nem quero pensar, não sei... Isto é terrível” (B1).

Ao observarmos o gráfico 9, verificamos uma evolução paralela das revistas científicas impressas e das revistas científicas electrónicas, o que nos leva a retirar algumas conclusões:

- enquanto as RCI evoluíam de uma forma moderada ao longo dos anos, pelo menos até 2003, as RCE mantiveram-se estáticas durante um período de cinco anos e depois deram um “salto” quantitativo;
- apesar das RCE começarem a crescer em 2001, a sua verdadeira gradação verificou-se em 2004 e 2005, contrariamente às RCI onde se começa a notar um decréscimo.

Gráfico 9



Perante este cenário, a pergunta que se deve colocar é a seguinte: poderá a imagem do gráfico nº 9 reflectir o futuro a curto-médio prazo de ambos os formatos das revistas científicas? Será que o aumento das revistas científicas electrónicas implicará obrigatoriamente uma diminuição das revistas científicas impressas? Só com a continuidade de futuros estudos diacrónicos sobre as revistas científicas impressas e electrónicas se ficará a conhecer a resposta.

CAPÍTULO V

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 Introdução

Neste capítulo pretende-se fazer uma síntese do estudo desenvolvido, bem como uma reflexão sobre todo o trabalho realizado, apresentando-se nele as conclusões, algumas recomendações e possíveis vias de investigação para um eventual trabalho futuro.

5.2 Conclusões

A elaboração do presente estudo permite constatar que, se, por um lado, a introdução das revistas científicas electrónicas na maioria das bibliotecas foi feita gradualmente através dos acessos gratuitos cedidos pelos editores na compra das revistas científicas em formato papel, por outro lado, são ainda várias as bibliotecas que continuam a ter como únicos recursos electrónicos estes acessos gratuitos, facultados pelos editores aquando da aquisição do formato impresso.

O custo das colecções de revistas científicas em formato electrónico continua a ser um óbice à sua aquisição por parte das bibliotecas que pretendem adquirir estes recursos.

No entanto, como se pôde oportunamente demonstrar, os consórcios entre bibliotecas trouxeram a possibilidade de acesso a um maior número de revistas científicas em formato electrónico a custos substancialmente mais baixos, para as unidades documentais cooperantes.

Subsistem, todavia, algumas preocupações e uma certa prudência face à aquisição destes suportes electrónicos em série. Por um lado, existe uma preocupação com a necessidade de criar, a nível nacional, pelo menos um arquivo, em suporte papel das colecções de revistas científicas electrónicas. Por outro lado, mantém-se a ausência total de legislação em volta da questão do acesso perpétuo aos arquivos das revistas científicas electrónicas.

Dos inquéritos por questionário realizados, complementados pela amostra de entrevistas presenciais feitas *a posteriori*, conclui-se que as bibliotecas não fazem tratamento documental às revistas científicas electrónicas, por considerarem, em alguns dos casos, tal desnecessário ou mesmo

redundante, visto a estes recursos serem já inerentes pontos de acesso para a sua pesquisa em linha e dada, ainda, a carência de recursos humanos para fazer o tratamento dos documentos.

No contexto maioritariamente anglo-saxónico da *World Wide Web*, muito em particular nas áreas científicas altamente especializadas, como a da saúde, a língua pode ser, ainda nos nossos dias, uma barreira à utilização deste recurso, por parte dos utilizadores portugueses.

Apesar de tudo quanto ficou dito, o presente estudo demonstra, também, como o suporte electrónico foi bem acolhido pelos profissionais da I-D, o que revela uma abertura às TIC.

Todavia, os profissionais da I-D nem sempre têm a necessária formação especializada sobre recursos electrónicos, o que se torna num contra-senso, uma vez que devem saber geri-los, disponibilizá-los e dar assistência aos utilizadores durante as suas pesquisas. Na verdade, frequentemente, assiste-se a um processo de auto-aprendizagem e à consequente passagem informal de conhecimentos de uns profissionais para os outros.

Neste âmbito, o momento da negociação com os editores, para a obtenção e aquisição das licenças de utilização de recursos electrónicos, revela-se como um motor impulsionador para a obtenção de novas competências na área do direito e da negociação, por parte dos profissionais da I-D.

A necessidade de aquisição de competências e de formação é algo que compreende também a esfera dos utilizadores, embora a sua formação, na maioria dos casos, não seja feita de maneira organizada, pelo contrário, acontecendo de forma aleatória e consoante é solicitada aos profissionais da I-D.

Para além disto, este estudo permitiu comprovar o facto da realização de estudos de utilizadores nas bibliotecas estar relegada para segundo plano devido aos poucos recursos humanos e/ou às opções estratégicas de cada unidade documental.

Simultânea e paradoxalmente, a preferência pelo suporte papel, demonstrada pelos utilizadores, sinal de que o desaparecimento das revistas científicas impressas ainda está longe de acontecer, coexiste com o decréscimo da aquisição de revistas científicas em suporte papel, o que se deve sobretudo a dois factores: o seu elevado custo e o diminuto espaço físico para arquivo. Tudo parece indicar que as bibliotecas com colecções híbridas de revistas científicas electrónicas continuarão a ser uma realidade bem presente em Portugal, ainda por algum tempo.

Deste modo, das entrevistas e inquéritos realizados, conclui-se que iniciativas como a b-on serão o futuro, ou seja, bibliotecas com pouco orçamento e uma necessidade de grande quantidade de revistas ou se reúnem num consórcio e progridem ou definham.

Nos últimos dez anos, a evolução do mencionado investimento na aquisição de revistas científicas impressas por parte das bibliotecas, na área da saúde em Portugal, tem permitido um aumento qualitativo da própria qualidade da investigação e da difusão do conhecimento científicos no país, como demonstrado pelos dados recolhidos no questionário. Contudo, apesar deste contínuo aumento desde 1996, em 2004, começa-se a notar uma pequena diminuição, a qual poderá estar ligada a dois pontos:

- a) a situação financeira cada vez mais precária e deficiente das instituições que tutelam estas bibliotecas, devido à crise económica que o país tem atravessado nos últimos anos;
- b) a introdução da b-on no mercado, que veio dispensar a aquisição das revistas científicas em formato papel, isto apesar dos descontos existentes no consórcio para a assinatura do electrónico mais papel.

Verifica-se, ainda, que, nas bibliotecas participantes neste estudo, a aquisição das revistas científicas electrónicas é efectuada maioritariamente através de um serviço de gestão de assinatura de periódicos, o que pode ser indicador de duas coisas: da insuficiência de recursos humanos nas bibliotecas e/ou da falta de conhecimentos técnicos para conduzir o processo de aquisição destes recursos.

A aquisição das revistas científicas electrónicas tem, como consequência directa ou não do que foi anteriormente dito, vindo a revelar a existência de várias implicações de ordem técnica na sua gestão que não se colocavam anteriormente na gestão de revistas científicas impressas.

Por fim, ao comparar-se a evolução das revistas científicas impressas e a evolução das revistas científicas electrónicas nota-se que no exacto momento em que se dá o decréscimo das revistas impressas, quase simultaneamente, se verifica um aumento das electrónicas. Poderá isto ser um factor indicativo do futuro das revistas científicas impressas? Segundo dados apurados neste estudo, as revistas científicas impressas não vão desaparecer, pelo menos a curto-médio prazo, como há uns anos atrás se supunha. Como foi dito numa das entrevistas, a geração actual ainda tem o gosto pelo papel, ainda se lê e se estuda utilizando o impresso e não o écran do computador. Porém, essa é uma situação que no futuro poderá alterar-se com as gerações vindouras, onde o ambiente digital é um companheiro diário desde a mais tenra idade.

5.3 Recomendações

A análise das informações recolhidas através do inquérito por entrevista, permite delinear algumas possíveis linhas futuras de orientação de trabalho. Entre elas, destaca-se a necessidade de criar e implementar, a nível ministerial, principalmente entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, sob cuja tutela se encontra a maioria das instituições com bibliotecas na área da saúde em Portugal, uma política conjunta de aquisição de colecções impressas e/ou electrónicas.

A consulta prévia da *Lista de publicações periódicas existentes em bibliotecas e serviços de documentação da área da saúde em Portugal* da APDIS poderá constituir uma importante fase preliminar no processo de aquisição anual de revistas científicas, de maneira a que dentro de uma mesma instituição, dividida em vários departamentos, não haja uma duplicação de assinaturas e por conseguinte exista uma maior economia, podendo esse dinheiro ser aplicado posteriormente noutros serviços da biblioteca.

A disponibilização, por parte dos investigadores, de um exemplar dos seus trabalhos, nos repositórios ou na biblioteca da sua universidade, facilitaria não só o acesso à informação científica produzida nacionalmente, bem como contribuiria para o aumento do seu grau de disseminação e impacto, sem prejuízo da sua publicação em acreditadas revistas científicas internacionais e de acesso mais restrito.

As necessidades de pesquisa poderiam ser significativamente colmatadas através da criação de um motor de busca integrador dos diferentes editores de revistas científicas electrónicas.

Considera-se, também, que outra estratégia fundamental, além de valorativa para o eficaz trabalho qualitativo dos profissionais da I-D, na área da saúde, seria a criação de mais planos de acção formativa, nomeadamente, através da APBAD e dos próprios editores na área da aquisição e gestão de revistas científicas electrónicas.

BIBLIOGRAFIA⁹

AGUIAR, Mayelín Travieso (2003) - Las publicaciones electrónicas: una revolución en el siglo XXI. ACIMED: revista cubana de los profesionales de la información y la comunicación en salud. [Em linha]. Vol. 11, n.º 2 (2003). [Consult. 9 Mai. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://eprints.rclis.org/archive/00001788/01/publicaciones.pdf>>. ISSN 1024-9435.

ANTUNES, João Lobo (2000) - **Numa cidade feliz**. 3ª ed. Lisboa : Gradiva, 2000. ISBN 972-662-704-4.

APDIS [Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde] (2002) – **Lista de publicações periódicas existentes em bibliotecas e serviços de documentação da área da saúde em Portugal**. Coimbra : APDIS, 2002. ISBN 0872-5780.

ARISTOTLE (1982) – **The nicomachean ethics**. Trad. de H. Rackham. London : Heinemann Cambridge, Massachusetts : Harvard University Press, 1982. (Loeb classical library ; 73). Texto em grego e em inglês.

AUSTER, Paul (1998) – Laurel e Hardy vão para o céu. In Da mão para a boca: crónica de um fracasso inicial. Porto ; Lisboa : Asa, 1998.

AZEVEDO, Joaquim (2000) – **O ensino na Europa: o neoprofissionalismo e o sistema educativo mundial**. Lisboa: Edições Asa, 2000. ISBN 972-41-2387-1.

BANNERMAN, I. (1998) - Scholarly electronic publishing bibliography. Serials. Vol. 11, n.º 1 (1998), p. 23-26.

BAPTISTA, Ana Alice Rodrigues Pereira (2002) - Informattica online: um enquadramento para a publicação em linha de revistas científicas [Em linha] Minho : Universidade do Minho, 2002. [Consult. 24 Mar. 2005]. Disponível na Internet: <URL:<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/284>>. Tese de Doutoramento.

BELL, Judith (2004) – **Como realizar um projecto de investigação**. 3ª ed. Lisboa : Gradiva, 2004. (Trajectos 38). ISBN 972-662-524.

⁹ A bibliografia foi organizada segundo as normas NP 405-1 para documentos impressos, NP 405-3 para documentos não publicados e NP 405-4 para documentos electrónicos.

BONN, M. S. (1999) - A report on the Peak experimental. D-Lib Magazine [Em linha]. Vol. 5, n.º 6 (Jun. 1999). [Consult. 27 Jun. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.dlib.org/dlib/june99/06bonn.html>>.

BOSCH, S. (1998) - Licensing information: where can we go from here?. Library Acquisitions: Practice & Theory. Vol. 22, n.º 1 (1998), p. 45-47.

BOYCE, P. B. (1999) - Scholarly journals in the electronic world. Serials Librarian. Vol. 36, n.º 1-2 (1999), p. 187-198.

Budapest open access initiative [Em linha]. Budapest : [s.n.], 2001. [Consult. 20 Abr. 2005]. Disponível em WWW : <URL:<http://www.soros.org/openaccess/read.shtml>>.

BUTLER, D. (1999) – The writing is on the web for science journals in print. Nature. ISSN 0028-0836. Vol. 397 (1999), p. 195-200.

CABRAL, Maria Luísa (1996) – **Bibliotecas, sempre. Bibliotecas acesso, sempre.** Lisboa : Colibri, 1996. ISBN 972-8288-16-6.

CALVINO, Italo (D.L. 2002) – **Palomar.** Trad. de João Reis. Lisboa : Teorema, D.L. 2002. ISBN 972-695-506-8.

CAMPFENS, Y. (1999) - Copyright and cost: negotiating e-journals into the corporate environment. Serials. Vol. 12, n.º 2 (1999), p. 158-162.

CARMO, Hermano ; FERREIRA, Manuela Malheiro (1998) - **Metodologia da Investigação: guia para auto-aprendizagem.** Lisboa: Universidade Aberta, 1998. ISBN 972-674-231-5.

CHADWELL, F. A. ; BROWNMILLER, S. (1999) - Heads up: confronting the selection and access issues of electronic journals. Acquisition Librarian. N.º 21 (1999), p. 21-35.

CLARK, Michael T. (2004) - Open sesame? Increasing access to medical literature. Pediatrics [Em linha]. Vol. 114, n.º. 1 (Jul. 2004) p. 265-268. [Consult. 26 Mar. 2005]. Disponível na Internet: <URL:<http://pediatrics.aappublications.org/cgi/content/full/114/1/265>>.

COCHENOUR, D. ; MOOTHART, T. (1995) - Relying on the kindness of strangers: archiving electronic journals on gopher. Serials Review. Vol. 21, n.º 1 (1995), p. 67-76.

CONNAWAY, Lynn Silipigni ; LAWRENCE, Stephen R. (2003) - "Comparing library resource allocations for the paper and the digital library". D-Lib Magazine [Em linha]. Vol. 9, n.º 12 (Dec. 2003). [Consult. 16 Abr. 2005]. Disponível em WWW:

URL: <<http://www.dlib.org/dlib/december03/connaway/12connaway.html>>.
ISSN 1082-9873.

COX, J. E. (1997) - Publisher, publishing and the Internet: how journal publishing will survive and prosper in the electronic age. Electronic Library. Vol. 15, n.º 2 (1997), p. 125-131.

CUMMINGS, Martin (1989) - Cost analysis: methods and realities. Library Administration & Management. N.º 3 (1989), p. 181.

CURTIS, Donnelyn ; PAOSHAN, Yue (2002) - Acquiring and managing electronic journals: ERIC digest. In **ERIC Clearinghouse on Information & Technology** [Em linha]. Washington : The Office of Educational Research and Improvement, 2002. [Consult. 28 Ago. 2005]. Disponível em WWW:
<URL:http://www.irandoc.ac.ir/data/E_J/vol3/Managing_Electronic_Journals.htm>.

CUSTER, R. L. (1996) - Qualitative research methodologies. Journal of Industrial Teacher Education [Em linha]. Vol. 34, n.º 2. [Consult. 22 Jul. 2005]. Disponível na Internet:
<URL:<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/JITE/v34n2/editor.html>>.

DAVIS, T. L. ; REILLY, J. J. (1998) - Understanding license agreements for electronic products. Serials Librarian. Vol. 34, n.º 1-2 (1998), p. 247-260.

DAY, M. W. (1998) - Online serials: preservation issues. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 3-4 (1998), p. 199-221.

DE GROOTE, Sandra L. ; DORSCH, Josephine L. (2001) - Online journals: impact on print journals usage. The Bulletin of the Medical Library Association. Vol. 89, n.º 4 (2001), p. 372-378.

DE ROBBIO, Antonella (1998) - I periodici elettronici in Internet: stato dell'arte e prospettive di sviluppo. Biblioteche Oggi. Vol. 16, n.º 7 (1998), 40-56.

DE ROBBIO, Antonella (2001) - Periodici elettronici nel ciberspazio. Bibliotime: rivista elettronica per le biblioteche [Em linha]. N.º. 3 (Nov. 2001). [Consult. 11 Abr. 2005]. Disponível na Internet:
<URL:<http://didattica.spbo.unibo.it/bibliotime/num-iv-3/derobbio.htm>>.

DIJKSTRA, J. (1997) - A generic approach to the electronic access of scientific journals: the Decomate project. Library Acquisitions. Vol. 21, n.º 3 (1997), p. 393-402.

DIJKSTRA, J. (1998) - Journals in transition: from paper to electronic access: the Decomate project. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 3-4 (1998), p. 243-270.

DURANCEAU, E. F. (1995) - Cataloguing remote-access electronic serials: rethinking the role of the OPAC. Serials Review. Vol. 21, n.º 4 (1995), p. 67-77.

DURANCEAU, E. F. (1996) - Old wine in new bottles?: defining electronic serials. Serials Review. Vol. 22, n.º 1 (1996), p. 69-79.

DURANCEAU, E. F. (1998) - Archiving and perpetual access for Web-based journals: a look at the issues and how five e-journals providers are addressing them. Serials Review. Vol. 24, n. 2 (1998), p. 110-115.

ECHAVARRÍA, Angela (1993) – El boletín electrónico, una forma contemporánea de comunicación social. Cienc Inform. Vol. 24, n.º 2 (1993), p. 32-42.

ECO, Umberto (1991) – **A biblioteca**. Tradução de Maria Luísa Rodrigues Freitas. 2ª ed. Lisboa : Difel, 1991. ISBN 972-29-0174-5.

EDWARDS, J. (1997) - Electronic journals: problem or panacea?. Ariadne [Em linha]. N.º 10 (July 1997). [Consult. 27 Jun. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.ariadne.ac.uk/issue10/journals>>.

ERSHOVA, Tatiana V. ; HOHLOV, Yuri E. (2000) – Migrating from the library of today to the library of tomorrow: re- or e-volutrion?. [Em linha] Jerusalem : 66th IFLA Council and General Conference, 2000. [Consult. 11 Set. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.ifla.org/IV/ifla66/papers/063-110e.htm>>.

FÉRNANDEZ-MOLINA, J. Carlos (2003) - Laws against the circumvention of copyright technological protection. Journal of Documentation. Vol. 59, n.º 1 (2003), p. 41-68.

PHILLIPS, Margaret E. (1999) – Ensuring long-term access to online publications. The Journal of Electronic Publishing [Em linha]. Vol. 4, n.º 4 (1999). [Consult. 12 Ago. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.Pressumich.edu/jep/04-04/phillips.html>>.

FORTIN, Marie-Fabienne (2003) - **O processo de investigação: da concepção à realização**. 3ª ed. Loures : Lusociência, 2003. ISBN 972-8383-10-X.

FRIEND, Frederick (1999) - Forme di cooperazione in Gran Bretagna per l'acquisto di pubblicazioni elettroniche. Bollettino AIB. N.º 3 (1999), p. 235-24.

GAMMON, J. (1998) - Consortial purchasing: the U.S. Experience with electronic products. Serials. Vol. 11, n.º 2 (1998), p. 109-114.

GARRETT, John R. (1995) - Task force on archiving of digital information. D-Lib Magazine [Em linha]. (Sep. 1995). [Consult. 29 Jul. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.dlib.org/dlib/september95/09garrett.html>>.

GEFFNER, M. ; MACEWAN, B. (1998) - A learning experience: the CIC electronic journal collection project. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 3-4 (1998), p. 272-273.

GIMÉNEZ, T. ; ROMÁN, A. ; SÁNCHEZ, N. (1999) - Aplicación de un modelo de evaluación a las revistas científicas españolas de economía: una aproximación metodológica. Revista Española de Documentación Científica. Vol. 23, n.º 3 (1999), p. 309-324.

GOODMAN, Jon ; DONZELLI, Doug (2004) - Coming to our senses. In The future of libraries: six perspectives on how libraries, librarians, and library patrons will adapt to changing times [Em linha]. [S.l.] : Threshold, 2004. [Consult. 15 Ago. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.ciconline.org>>.

GORMAN, G. E. ; CLAYTON, Peter (1997) - **Qualitative research for the information professional: a practical handbook**. London: Library Association, 1997. ISBN 1-85604-178-6.

GRANDMANN, S. (1999) - Cataloguing vs. Metadata: old wine in new bottles?. International Cataloging and Bibliographic Control. Vol. 28, n.º 4 (1999), p. 88-90.

Guidelines for information services [Em linha]. [S.l.] : RUSA Access to Information Committee, 2000. [Consult. 14 Mar. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.ala.org/ala/rusa/rusaprotools/referenceguide/guidelinesinformation.htm>>.

GUINCHAT, Claire [et al.] (1990) – **Introduction générale aux sciences et techniques de l'information et de la documentation**. 2ème éd. revue et augmentée par Marie-France Blanquet. Paris : Unesco, 1990. ISBN 92-3-202540-X.

HAWKINS, L. (1998) - Serials published on the World Wide Web: cataloging problems and decisions. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 1-2 (1998), p. 123-145.

HIETINK, M. A. (1997) - A publisher's view on facilitating optimal awareness and usage of a new electronic journal service: promotion and training. Library Acquisitions: Practice & Theory. Vol. 21, n.º 3 (1997), p. 365-372.

HIRONS, J. ; GRAHAM, C. (1997) - Issues related to seriality. In International Conference on the Principles and future developments of AACR [Em linha]. [S.l. : s.n.], 1997. [Consult. 14 Jun. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.nlc-bnc-ac/jsc/confpap.htm>>.

IFLA [International Federation of Library Association and Institutions] (1999) - ISBD(ER): international standard bibliographic description for electronic resources [Em linha]. [S.l. : s.n.], 1999. [Consult. 11 Abr. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.ifla.org/VII/S13/pubs/isbd.htm>>.

IRN Research (2004) - Business continuity for librarians: you can't read e-journals when the light go out. Research information [Em linha]. (2004) [Consult. 12 Abr. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.researchinformation.info/rimarapr04mort.html>>.

JONES, Susan L. ; COOK Christina B. (2000) – Electronic journals: are they a paradigm shift?. Online Journal of Issues in Nursing [Em linha]. Vol. 5, n.º 1. (2000). [Consult. 22 Mar. 2005]. Disponível em WWW: <URL:http://www.nursingworld.org/ojin/topic11/tpc11_1.htm>.

KEVIL, L. H. (1997) - Payment and subscription models for online publications. Library Acquisitions: Practice & Theory. Vol.21, n.º 3 (1997), p. 247-249.

KEYHANI, A. (1998) - Creating an electronic archive: who should do it and why?. Serials Librarian. Vol. 34, n.º 1-2 (1998), p. 213-224.

KIDD, Tony (2002) - Electronic journal usage statistics in practice. Serials [Em linha]. Vol. 15, n.º. 1 (Mar. 2002) p. 11-17. [Consult. 26 Mar. 2005]. Disponível na Internet: <URL:<http://uksg.metapress.com/media/78519UP2WH7VUV4FRH5U/Contributions/J/P/8/M/JP8MGN6V4CWMDPPU.pdf>>.

KORWITZ, U. (1990) – ADONIS: between myth and reality: trial document supply using CD-ROM technology. IFLA Journal. ISSN 0340-0352. Vol. 16, n.º 2 (1990), p. 215-219.

LAWRENCE, Stephen R. [et al.] (2001) - Life cycle costs of library collections: creation of effective performance and cost metrics for library resources. College & Research Libraries. N.º 62 (2001), p. 541-553.

LEATHEM, C. A. (1998) - Issues in electronic journals selection and management. Internet Reference Services Quarterly. Vol. 3, n.º 3 (1998), p. 15-26.

LEGGATE, P. (1998) - Acquiring electronic products in the hybrid library: prices, licenses, platforms and users. Serials. Vol. 11, n.º 2 (1998), p. 103-108.

LINKE, E. (1998) - On beyond copyright. Serial Librarian. Vol. 33, n.º 1-2 (1998), p. 71-81.

LLEWELLYN, Richard D. ; PELLACK, Lorraine J. ; SHONROCK, Diana D. (2002) - The use of electronic-only journals in scientific research. Issues in Science and Technology Librarianship [Em linha]. (Summer 2002). [Consult. 26 Mar. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.istl.org/02-summer/refereed.html>>.

LÓPEZ, Maricela ; CORDERO, Graciela (2003) - La experiencia de validar un instrumento para evaluar revistas académicas electrónicas en Internet. Razón y Palabra [Em linha]. N.º. 31 (Mar. 2003). [Consult. 11 Abr. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n317mlopez.html>>.

LUDWICK, Ruth ; GLAZER, Greer (2000) - Electronic publishing: the movement from print to digital publication. Online Journal of Issues in Nursing [Em linha]. Vol. 5, n.º. 5 (Jan. 2000). [Consult. 26 Mar. 2002]. Disponível em WWW: <URL:http://www.nursingworld.org/ojin/topic11_2.htm>.

LUIJENDIJK, W. (1996) - Archiving electronic journals: the serials information provider's perspective. IFLA Journal. Vol. 22, n. 3 (1996), p. 209-210.

LUTHER, J. (1997) - Full text journal subscriptions: an evolutionary process. Against the Grain [Em linha]. Vol. 9, n.º 3 (Jun. 1997). [Consult. 11 Abr. 2005]. Disponível na Internet: <URL:<http://db.arl.org/luther.html>>.

LYNCH, Clifford (2004) - The future of libraries: six perspectives on how libraries, librarians, and library patrons will adapt to changing times. Technology [Em linha]. (Winter 2004) P. 13-17. [Consult. 26 Mar. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.ciconline.org/NR/rdonlyres/e3tajgvi7abumq4zkmo6suje6>>

ycarvh4ztnjlu2wetf3eb4rocmvefveqmi5qofoogibcj7fzbqixt5jdrwwfrbljkb/W04-futurelibraries.pdf>.

MABE, M. (1998) - SuperJournal: the publisher's perspective. Serials Vol. 11, n.º 117-126 (1998).

MACHOVEC, G. S. (1997) - Electronic journal market overview - 1997. Serial Review. Vol. 23, n.º 2 (1997), p. 31-44.

MACKIE-MASON, J. [et al.] (1999) - A report on the PEAK experiment: usage and economic behavior. D-Lib Magazine [Em linha]. Vol. 5, n.º 7-8 (Jul. 1999). [Consult. 12 Abr. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.dlib.org/dlib/july99/mackie-mason/07mackie-mason.html>>.

MAGALHÃES, José (1997) - O leitor da biblioteca digital : utopia e realidade. Leituras. Lisboa : Biblioteca Nacional. ISSN 0873-7045. Vol. 1, n.º 1 (1997), p. 61-66.

MARCONI, Marina de Andrade Marconi ; LAKATOS, Eva Maria (2004) - **Metodologia Científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2004. ISBN 85-224-3799-8.

MARTIN, R. S. (1993) - **Scholarly communication in an electronic environment: issues for research libraries**. [S.l.] : American Library Association, 1993.

MARTINHO, Ana Maria (1993) - Recursos de informação científica e técnica: contribuição para um estudo de situação. Cadernos BAD. Nº. 3 (1993), p. 35-42.

MERCER, Linda S. (2000) - Measuring the use and value of electronic journal and books. Issues in Science and Technology Librarianship [Em linha]. Nº. 25 (2000). [Consult. 22 Mar. 2005]. Disponível na Internet: <URL:<http://webdoc.sub.gwdg.de/edo/aw/ucsb/istl/00-winter/article1.html>>.

MEYER, R. W. (1997) - Monopoly power and electronic journals. Library Quarterly. Vol. 67, n.º 4 (1997), p. 325-349.

MILLER, Susan (2002) - **Information-seeking behavior of academic scientists in the electronic age: a literature review** [Em linha]. [S.l. : s.n.], 2002. [Consult. 29 Abr. 2005]. Disponível em WWW: URL:<<http://www.cnsip.ca/initiatives/evaluation/LitReview-SusanMiller.pdf>>.

MONTGOMERY, Carol H. (2002) - **The transition to an electronic journal collection: measuring the operational and economic**

implications [Em linha]. Philadelphia : Drexel University, 2002. [Consult. 12 Abr. 2005]. Disponível em WWW: <URL:http://www.library.drexel.edu/facts/imls/default.html>.

MORSE, David H. ; CLINTWORTH, William A. (2000) - Comparing patterns of print and electronic journal use in na academic health science library. Issues in Science and Techonogy Librarianship [Em linha]. (Fall 2000). [Consult. 26 Mar. 2005]. Disponível na Internet: <URL:http://webdoc.sub.gwdg.de/edoc/aw/ucsb/istl/00-fall/refereed.html>.

NEAVILL, G. B. ; SHEBLÉ, M. A. (1995) - Archiving electronic journals. Serials Review. Vol. 21, n.º 4 (1995), p. 13-21.

NISONGER, T. E. (1997) - Electronic journal collection management issues. Collection Building. Vol. 16, n.º 2 (1995), p. 58-65.

NISTICÒ, Renato (1999) – **La biblioteca**. Bari : Laterza, 1999. (Alfabeto letterario, n.º 11). ISBN 88-420-5795-9.

NP 405-1. 1994, Informação e documentação (1995) – Referências bibliográficas: documentos impressos. Lisboa : IPQ.

NP 405-3. 2000, Informação e documentação (2002) – Referências bibliográficas: parte 3: documentos não impressos. Lisboa : IPQ.

NP 405-4. 2002, Informação e documentação (2003) – Referências bibliográficas: parte 4: documentos electrónicos. Lisboa : IPQ.

OKERSON, A. (1996) - What academic libraries need in electronic content licenses: presentation to the STM Library Relations Committee, STM Annual General Meeting. Serials Review. Vol. 22, n.º 4 (1996), p. 65-69.

PATTON, M. Q (1990) - **Qualitative evaluation and research methods**. 2ª ed. Newbury Park, London: Sage, 1990. ISBN 0-8039-3779-2.

PIKOWSKY, R. A. (1997) - Electronic journals as a potential solution to escalating serials costs. Serials Librarian. Vol. 32, n.º 3-4 (1997), p. 31-56.

PULLINGER, D. (1994) - Journals published on the net. Serials. Vol. 7, n.º 3 (1994), p. 243-248.

QUIVY, Raymond ; CAMPENHOUDT, Luc Van (1998) – **Manual de investigação em ciências sociais**. 2ª ed. Lisboa : Gradiva, 1998. (Trajectos 17). ISBN 972-662-275-1.

REEVES, Sharon (1998) – **Cataloguing electronic publications at the National Library of Canada** [Em linha]. [Ottawa] : National Library of

Canada, 1998. [Consult. 13 Jun. 2004]. Disponível em WWW:
<URL:<http://www.nlc-bnc.ca/9/2/p2-9810-05-e.html>>.

ROBNETT, B. (1998) - Online journal pricing. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 1-2 (1998), p. 55-69.

ROES, Hans (2003) - Electronic journals: a survey of the literature and the net. Journal of Information Networking [Em linha]. Vol. 2, n.º 3 (1995) p. 169-186. [Consult. 22 Abr. 2005]. Disponível na Internet:
<URL:http://drcwww.uvt.nl/~roes/articles/ej_join.htm>.

ROTHENBERG, J. (1999) - **Ensuring the longevity of digital information** [Em linha]. [S.l. : s.n.], 1999. [Consult. 28 Mar. 2005]. Disponível em WWW:
<URL:<http://www.clir.org/pubs/arcives/ensuring.pdf>>.

RUSCH-FEJA, Diann ; SIEBEKY, Uta (1999) - Evaluation of usage and acceptance of electronic journals. D-Lib Magazine [Em linha]. Vol. 5, n.º 10 (Oct. 1999). [Consult. 29 Mar. 2005]. Disponível em WWW:
<URL:<http://www.dlib.org/dlib/october99/rusch-feja/10rusch-feja-full-report.html>>. ISSN 1082-9873.

SANTOS, Licínia (2001) – Metadata: algumas codificações. Páginas Arquivos & Bibliotecas. Lisboa : Gabinete de Estudos a & b. ISSN 0873-5670. N.º 6 (2001), p. 51-57.

SATHE, Nila A. ; GRADY, Jenifer L. ; GIUSE, Nunzia B. (2002) - Print versus electronic journals: a preliminary investigation into the effect of journal format on research processes. Journal of the Medical Library Association [Em linha]. Vol. 90, n.º 2 (Apr. 2002) p. 235-243. [Consult. 22 Mar. 2005]. Disponível em WWW:
<URL:<http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=100770>>.

SCHONFELD, Roger C. [et al.] (2004) - Library periodicals expenses: comparison of non-subscription costs of print and electronic formats on a life-cycle basis. D-Lib Magazine [Em linha]. Vol. 10, n.º 1 (Jan. 2004). [Consult. 11 Abr.]. Disponível em WWW:
<URL:<http://www.dlib.org/dlib/january04/shonfeld/01schonfeld.html>>. ISSN 1082-9873.

SCHOONBAERT, D. (1998) - Biomedical journals and the World Wide Web. Electronic Library. Vol. 16, n.º 2 (1998), p. 95-103.

SHADLE, S. C. (1998) - Square peg in a round hole: applying AACR2 to electronic journals. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 1-2 (1998), p. 147-166.

SMITH, M. (1998) - Hanging on to what we've got: economic and management issues in providing perpetual access in an electronic environment. Serials. Vol. 11, n.º 2 (1998), p. 133-141.

TAGLER, J. (1998) - The electronic archive: the publisher's view. Serials Librarian. Vol. 34, n.º 1-2 (1998), p. 225-232.

TAMMARO, A. M. (1998) - Modelli economici per i periodici elettronici. Biblioteche Oggi. Vol. 16, n.º 5 (1998), p. 58-63.

TANNER, S. ; BRIAN, R. (1998) - The higher education digitisation service (HEDS): access in the future, preserving the past. Serials. Vol. 11, n.º 2 (1998), p. 127-131.

TARUHN, Rosane ; ABDALA, C. Verônica M. – Cooperative development of journals collection in health in Latin America and the Caribbean. [Em linha] Buenos Aires : World Library and information Congress: 70th IFLA General Conference and Council, 2004. [Consult. 18 Jul. 2005]. Disponível em WWW: <URL:http://www.ifla.org/IV/ifla70/papers/030e-Taruhn_Abdala.pdf>.

Task force on archiving of digital information: preserving digital information [Em linha]. [S.l. : s.n.], 1996. [Consult. 14 Abr. 2005]. Disponível em: <URL:http://www.rlg.org/en/page.php?Page_ID=114>.

TEIXEIRA, Maria Teresa (2001) – «O serviço de documentação e informação (SDI) na era digital: a resposta a novos desafios». 2001. Acessível no ISLA [Instituto Superior de Línguas e Administração], Lisboa, Portugal.

TENOPIR, Carol ; KING, Donald W. (1997) - Trends in scientific scholarly publishing in the United States. Journal of Scholarly Publishing. N.º 28 (1997), p. 135-170.

TENOPIR, Carol ; KING, Donald W. (2001) - Lessons for the future of journals. Nature [em linha]. Vol. 413 (Oct. 2001) p. 672-674. [Consult. 22 Mar. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.nature.com/nature/debates/e-access/Articles/tenopir.html>>

TOMNEY, H ; BURTON, P. F. (1998) - Electronic journals: a study of usage and attitudes among academics. Journal of Information Science. Vol. 24, n.º 6 (1998), p. 419-429.

WOODWARD, H. (1994) - The impact of electronic information on serials collection management. Serials. Vol. 7, n.º 1 (1994), p. 29-36.

WOODWARD, H. (1998) - Electronic journals: the librarian's viewpoint. Serials. Vol. 11, n.º 3 (1998), p. 231-235.

WOOL, G. (1998) - A meditation on metadata. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 1-2 (1998), p. 167-178.

WRIGHT, J. E. (1967) – A biblioteca especializada e o serviço informativo. In ASHWORTH, Wilfred - Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos. Prefácio de Jorge Peixoto; trad. de Maria Fernanda de Brito com a col. de Maria Isabel Loff. 2ª ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

WUSTERMAN, J. (1997) - Formats for the Electronic Library. Ariadne [Em linha]. N.º 8 (Mar. 1997). [Consult. 20 Abr. 2005]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.ariadne.ac.uk/issue8/electronic-formats/>>

XU, A. (1998) - Metadata conversion and the library OPAC. Serials Librarian. Vol. 33, n.º 1-2 (1998), p. 179-198.

APÊNDICES

Apêndice 1

Questionário

QUESTIONÁRIO

AS REVISTAS CIENTÍFICAS ELECTRÓNICAS NAS BIBLIOTECAS DA ÁREA DA SAÚDE EM PORTUGAL

Tempo estimado de preenchimento: 10 a 30 minutos.

BIBLIOTECA

1. Em que entidade está inserida a Biblioteca?

Estabelecimento de Ensino Superior	☐
Unidade Hospitalar	☐
Instituto	☐
Associação	☐
Outra. Qual? _____	☐

2. Quando iniciou a sua actividade?

Antes de 1950	☐
1950-1959	☐
1960-1969	☐
1970-1979	☐
1980-1989	☐
1990-1999	☐
Depois de 2000	☐

3. Em que região do país está localizada?

Região Norte	Litoral ☐	Interior ☐	Região Lisboa e Vale Tejo	Litoral ☐	Interior ☐	Região Algarve	Litoral ☐	Interior ☐
Região Centro	Litoral ☐	Interior ☐	Região Alentejo	Litoral ☐	Interior ☐	Região Autónoma	Açores ☐	Madeira ☐

COLECÇÃO DE REVISTAS CIENTÍFICAS

4. Qual o suporte da colecção de revistas científicas da biblioteca?

Suporte de papel ☐

Se assinalou esta opção responda somente às questões 5, 6 e 7

Suporte electrónico ☐

Passe à questão 6

Suporte de papel + electrónico ☐

Passe à questão 6

5. Porque motivo(s) não é feita a aquisição de revistas científicas electrónicas?

Requererem complexas licenças de assinatura	☐
São difíceis de aceder	☐
Acarretam problemas de arquivo	☐
Resultam num excesso de cópias impressas	☐
Causam mais problemas devido ao copyright	☐
Requerem promoção	☐
Requerem formação dos técnicos do serviço e dos utilizadores	☐
Implicam a aquisição de software compatível	☐
Acarretam um acréscimo de custos	☐
Outro. Qual? _____	☐

6. Indique no ano correspondente o número de revistas científicas assinadas em suporte papel.

N.º Rev. C.	Ano									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
< 10										
10-19										
20-29										
30-39										
40-49										
50-59										
60-69										
70-79										
80-89										
90-99										
> 99										

7. A assinatura das revistas científicas em suporte papel deu acesso gratuito a revistas científicas em suporte electrónico?

Sim ☐
 Não ☐

Se respondeu Sim, indique o número de revistas científicas electrónicas gratuitas.

N.º Rev. C. E. Gratuitas	Ano									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
< 5										
5-9										
10-14										
15-19										
> 19										

8. Quais os motivos que levaram à aquisição de revistas científicas electrónicas?

Responda utilizando a numeração de 1 a 11 por ordem decrescente de importância.

Permitem o acesso remoto	
Podem ser utilizadas simultaneamente por vários utilizadores	
Não têm tempo limite de acesso	
Permitem uma maior rapidez na recuperação da informação	
Apresentam um maior número de potencialidades de pesquisa	
Contêm recursos multimédia (som, vídeo, imagem)	
Não necessitam de tratamento documental	
São mais económicas	
Não ocupam espaço físico	
Têm uma maior durabilidade	
Permitem uma gestão e avaliação de recursos mais eficaz	

9. Como foi feita a primeira e a última aquisição de revistas científicas electrónicas e qual o número de assinaturas?

		Aquisição Rev. C. E.	
		Primeira	Última
Directamente com os editores	▪ Elsevier		
	▪ Springer		
	▪ Wiley		
	▪ SAGE		
	▪ Taylor & Francis		
	▪ Kluwer		
	▪ IEEE		
	▪ Outro. Qual? _____		
Através de um serviço de gestão de assinaturas de periódicos	▪ EBSCO		
	▪ LUSODOC		
	▪ OVID		
	▪ Outro. Qual? _____		
Em consórcio	▪ B-On		
	▪ Outro. Qual? _____		

10. Quais os problemas encontrados na activação das revistas científicas electrónicas?

Recepção de informação para iniciar a activação
Restrições impostas pela assinatura
Não funcionar depois do processo de activação
Criação de pontos de acesso para os utilizadores
Nenhum problema
Outro. Qual? _____

11. Quais os problemas encontrados na gestão das revistas científicas electrónicas?

Modificação dos termos de assinatura sem aviso prévio
Acesso por IP ou Username/Password
Alteração do URL
Proceder a um novo registo de utilizador constantemente
Dificuldades técnicas (software)
Conteúdos não actualizados
Tratamento técnico
Formação dos técnicos do serviço e dos utilizadores
Falta de comunicação com o editor ou gestor
Nenhum problema
Outro. Qual? _____

12. Indique no ano correspondente o número de revistas científicas electrónicas assinadas.

N.º Rev. C. E.	Ano									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
< 10										
10-19										
20-29										
30-39										
40-49										
50-59										
60-69										
70-79										
80-89										
90-99										
> 99										

Teria disponibilidade para cooperar na segunda fase da investigação concedendo-me uma entrevista (cerca de 1h)?

Sim ☐
Não ☐

Por favor, assine e devolva, até ao próximo dia 23 de Agosto, utilizando o envelope resposta que segue junto.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Data: ____/____/2005

Assinatura do responsável por esta informação

Apêndice 2
Carta de apresentação do questionário

Elizabeth Jesus Sebastião
Palácio Bensaúde,
Estrada da Luz, nº 153
1600-153 LISBOA
Telefone: 217210366
Email: ejsebastiao@cnlcs.min-saude.pt



Lisboa, 27 de Julho de 2005

Caro(a) Colega,

O meu nome é Elizabeth Jesus Sebastião, sou bibliotecária e estou actualmente a desempenhar funções no Centro de Documentação e Informação da Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA. Em Novembro de 2004 iniciei o Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciências da Informação na Universidade de Évora.

O meu trabalho de investigação tem como tema ***"As revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal"*** e visa averiguar o desenvolvimento das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal nos últimos 10 anos. O trabalho de campo irá ser desenvolvido em duas fases distintas: em primeiro lugar estou a enviar o questionário anexo para 126 bibliotecas da área da saúde; em segundo lugar, e a partir dos dados obtidos seleccionarei 6 bibliotecas onde será efectuada uma entrevista ao responsável com o propósito de adquirir informação mais pormenorizada.

O objectivo desta minha carta é pedir o favor da sua colaboração, preenchendo o questionário em anexo e solicitando o seu envio até 23 de Agosto de 2005, utilizando para o efeito o envelope resposta fornecido.

Entretanto gostaria de sublinhar que as respostas a este questionário serão mantidas em estrita confidencialidade e serão usadas apenas com fins académicos.

Agradeço antecipadamente a sua colaboração e comprometo-me a informá-lo(a) o mais breve possível seja a sua biblioteca escolhida ou não para a segunda fase da investigação.

Com os melhores cumprimentos,

Apêndice 3

Guião da entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

Registo da Entrevista com

.....
Responsável pela Biblioteca

.....
Data: / / 2005

1. INTRODUÇÃO

Gostaria de começar por agradecer a sua amável colaboração, tanto por ter respondido ao questionário como por aceder em receber-me e dar-me esta entrevista.

Como mencionei na minha carta anterior, o objectivo desta entrevista é obter a sua opinião sobre o desenvolvimento das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal. Gostaria de sublinhar que este estudo tem propósitos exclusivamente académicos, e posso assegurar-lhe que todas as suas respostas permanecerão confidenciais. Embora possa vir a citar algumas das suas palavras no meu relatório final, não haverá nenhuma possibilidade de identificação quer de indivíduos quer de bibliotecas.

Tal como previamente combinado, a entrevista será gravada para que não exista qualquer perda de informação. Contudo, se houver alguma pergunta a que prefira não responder, ou se em qualquer altura quiser terminar a entrevista, é livre de o fazer.

2. AS REVISTAS CIÊNTIFICAS ELECTRÓNICAS

2.1 Começaria por perguntar qual é, na sua opinião, a importância das revistas científicas electrónicas numa biblioteca especializada?

2.2 Está de acordo com a afirmação de que as revistas científicas electrónicas vão acabar por substituir as revistas científicas em suporte papel?

2.2.1 Pode dizer-me porque pensa assim?

2.3 Gostaria que indicasse quais são, na sua opinião, três vantagens e três desvantagens das revistas científicas electrónicas, seleccionando-as, por favor desta lista.

VANTAGENS

- 1.....
- 2.....
- 3.....

DESVANTAGENS

- 1.....
- 2.....
- 3.....

2.4 Poderá o crescimento da utilização deste recurso estar ligado ao desenvolvimento de projectos como o da B-on ou à criação de consórcios?

2.4.1 Pode dizer-me porque pensa assim?

2.5 Qual é a sua antevisão do futuro das revistas científicas electrónicas, a médio e longo prazo?

3. CASOS E CONTEXTOS

Concluída esta primeira parte em que abordamos em termos gerais as revistas científicas electrónicas, vamos agora abordar aspectos mais concretos da colecção de revistas científicas electrónicas desta biblioteca.

3.1 Qual foi o principal motivo que vos levou a adquirir revistas científicas electrónicas?

3.2 Entre a tomada de decisão e a aquisição efectiva das revistas científicas electrónicas quanto tempo passou?

3.3 A assinatura de revistas científicas em suporte electrónico implicou alguma diminuição no número de assinaturas em suporte papel?

3.3.2 Poderia explicar-me porquê?

3.4 É feito algum tratamento documental às revistas científicas electrónicas?

3.4.1 Poderia explicar-me porquê?

3.5 Este novo tipo de suporte foi bem acolhido pelos restantes profissionais de I-D da biblioteca?

3.6 São os profissionais de I-D que dão formação aos utilizadores sobre como consultar as revistas científicas electrónicas?

3.7 A literatura sugere que a adesão dos utilizadores a este recurso de informação, quando disponibilizado numa biblioteca, está directamente relacionada com três factores: a divulgação, os títulos disponíveis e um acesso rápido. Por favor, quantifique de 1 a 4, na sua opinião, o grau de adesão dos seus utilizadores.

1	2	3	4
Nenhuma	Pouca	Moderada	Muita

3.8 Como são notificados os utilizadores das revistas científicas electrónicas disponíveis na biblioteca?

Sugestões:

- a) Lista com *hiperlinks* no *website*
- b) URLs no catálogo *on-line*
- c) Difusão selectiva por e-mail
- d) Lista impressa e afixada junto do serviço de referência

3.9 Quem são os utilizadores que normalmente utilizam as revistas científicas electrónicas?

3.10 Existe algum tipo de avaliação da utilização deste recurso, no que diz respeito ao acesso, *downloads*, impressões e grau de satisfação dos utilizadores?

3.10.1 Poderia explicar-me porquê?

3.11 Faz parte dos planos da biblioteca a continuação e desenvolvimento da colecção de revistas científicas electrónicas?

3.11.1 Poderia explicar-me porquê?

4. IDENTIFICAÇÃO _____

De modo a poder comparar esta entrevista com as restantes, efectuadas noutras regiões do país, gostaria de lhe solicitar alguns dados relativos à sua identificação.

4.1 Masculino | Feminino

4.2 Idade: Menos de 30 anos | 30-39 | 40-49 | 50-69 | 60 ou Mais

4.3 Qualificações profissionais

.....

5. CONCLUSÃO _____

5.1 Existe algum aspecto sobre este tema que considere importante e que não tenhamos abordado ao longo desta entrevista?

5.1.1 Como respondeu afirmativamente, quer falar sobre ele?

5.2 Estaria interessado(a) em receber mais informação sobre o desenvolvimento desta investigação?

Gostaria mais uma vez de agradecer a sua disponibilidade, colaboração e grande amabilidade em dispensar parte do seu tempo respondendo às minhas questões. As suas respostas são um contributo essencial para o meu estudo, para além de ter sido para mim um grande prazer falar consigo.

LISTA PARA A PERGUNTA 2.3

Acesso

Custo

Promoção

Rapidez

Durabilidade

Actualização

Disponibilidade

Pesquisa (facilidade)

Arquivo

Conservação

Suporte

Apêndice 4

Carta a solicitar a entrevista

Elizabeth Jesus Sebastião
Palácio Bensaúde,
Estrada da Luz, nº 153
1600-153 LISBOA
Telefone: 217210366
Email: ejsebastiao@cnlcs.min-saude.pt



Lisboa, 27 de Setembro de 2005

Caro(a) Colega,

O meu nome é Elizabeth Jesus Sebastião, sou bibliotecária e estou actualmente a desempenhar funções no Centro de Documentação e Informação da Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA. Em Novembro de 2004 iniciei o Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciências da Informação na Universidade de Évora.

O meu trabalho de investigação tem como tema ***“As revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal”*** e visa averiguar o desenvolvimento das colecções de revistas científicas electrónicas nas bibliotecas da área da saúde em Portugal nos últimos 10 anos. O trabalho de campo desenvolve-se em duas fases distintas: em primeiro lugar enviei um questionário para 126 bibliotecas da área da saúde; em segundo lugar, e a partir dos dados obtidos selecionei 6 bibliotecas, tendo como principais critérios a obtenção de uma máxima variação (geográfica, tipológica, etc.), onde vou desenvolver uma investigação mais pormenorizada, efectuando uma entrevista ao responsável de cada uma das bibliotecas.

A partir dos dados já obtidos, a sua biblioteca enquadra-se dentro dos critérios acima referidos pelo que gostaria de poder avançar aí com o meu trabalho de investigação.

O objectivo desta minha carta é o de pedir-lhe o favor da sua colaboração, ao conceder-me uma entrevista no âmbito do tema acima referido. Esta entrevista teria lugar num local por si escolhido, em data e hora a combinar e teria uma duração de aproximadamente uma hora.

Brevemente, farei um contacto telefónico com os seus serviços a fim de confirmar a sua disponibilidade e combinar os pormenores relativos à data, hora e local da entrevista.

Entretanto, gostaria de acrescentar que o meu estudo não tem qualquer relação com organizações políticas ou comerciais, tendo fins exclusivamente académicos. Por outro lado, os respondentes e bibliotecas não serão identificados no relatório final.

Compreendo que como responsável pela biblioteca tenha o seu tempo muito ocupado, mas espero que possa responder afirmativamente a esta minha solicitação, participando assim no que espero ser uma investigação com interesse para o conhecimento do desenvolvimento das colecções de revistas científicas electrónicas na área da saúde no nosso país.

Caso tenha algumas dúvidas em relação a este projecto, não hesite em contactar-me através dos dados pessoais acima indicados. Ficarei muito grata com a sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,